

**FERNANDO PESSOA NA
ÁFRICA DO SUL**

Vol. II

A Educação Inglesa e a Obra de Fernando Pessoa

Marília

1970

ÍNDICE DO SEGUNDO VOLUME

INTRODUÇÃO	19
I. A IRONIA E O HUMOR: ENSAIOS DO «THE SPECTATOR»	27
II. SHAKESPEARE E PESSOA: UM ESTUDO PARCIAL DE INFLUÊNCIAS	33
Shakespeare e a Poesia Dramática de Fernando Pessoa	
III. O CONCEITO POÉTICO DE ODE	55
Fernando Pessoa e as Odes Prescritas	
Os Poemas Prescritos e as Odes de Álvaro de Campos	
Fernando Pessoa e os Poetas Metafísicos	
Duas Odes à Memória dos Presidentes-Reis	
Oliver Cromwell e Sidónio Pais	
IV. A PRESENÇA DE MILTON EM UMA ODE DE ALVARO DE CAMPOS	75
V. FERNANDO PESSOA E THOMAS CARLYLE: DUAS CONCEPÇÕES MÍSTICAS DA RAÇA	87
VI. A EDUCAÇÃO CLÁSSICA DE FERNANDO PESSOA	95
VII. SIGNIFICADO E REPERCUSSÃO INGLÊSA DE FERNANDO PESSOA	103
APÊNDICE I.	109
APÊNDICE II.	137
APÊNDICE III.	183
BIBLIOGRAFIA	187

INTRODUÇÃO

Não há dúvida quanto à presença da cultura inglesa na vida e na obra de Fernando Pessoa. De regresso de África, em setembro de 1905, continua a manter contato com a cultura que durante dez anos profundamente o absorvera. Corresponde-se com os amigos de Durban — J. M. Ormond e Clifford Geerds — até ao final da Primeira Grande Guerra. De início, no período que vai de 1905 a 1908, pretende continuar escrevendo em língua inglesa na esperança de vir a ser poeta “inglês”. Não obstante haver abandonado êste intuito, os anos entre 1908 e 1921 surgem fecundos em projetos de divulgação de suas atividades artísticas na Inglaterra. Para lá envia as quatro plaquetas de poemas ingleses que faz publicar às próprias custas em Lisboa.¹ Aos editores e agentes londrinos remete propostas de tradução dos poemas representativos dos vários movimentos artísticos em que se vê envolvido. Remete-lhes também, enfatizando o lado prático que a educação inglesa lhe emprestara, os resultados de seus inventos e achados astrológicos, procurando, dessa forma, sanar as dificuldades financeiras que, afinal, propositadamente escolhera. Recortes de jornais ingleses, amarelecidos pelo tempo, ainda hoje guardados no espólio junto à correspondência com os editores e tantas coisas mais, dão conta das atividades charadísticas do Senhor A. A. Cross, de cujo sucesso dependeria seu casamento.²

- (1) *Antinous*, 35 *Sonnets*, *English Poems I e II*, *English Poems, III*. Além das já divulgadas apreciações de *Antinous* e 35 *Sonnets*, publicadas no *Glasgow Herald* e no *Times* de Londres, o *The Athenaeum*, em sua edição de janeiro de 1919 (N.º 4637), p. 36, insere duas breves notas sobre os dois primeiros opúsculos. *Antinous*: “A poem expressing the grief of Hadrian at the death of Antinous. The theme is often repellent, but certain passages have unquestionable power”. 35 *Sonnets*: “A pessimistic note predominates in these sonnets, and they end in a minor key. The mystery of being mainly occupies the author”. Sobre as atividades poéticas em inglês e as tentativas de disseminação de sua obra inglesa na Inglaterra, vide Georg Rudolf Lind, “Oito Poemas Ingleses Inéditos de Fernando Pessoa”, in *Ocidente*, 74 (Lisboa, 1968), pp. 265-90.
- (2) No jornal inglês recebido a 22 de março de 1920 o poeta verificara que se encontrava entre os doze primeiros classificados em um total de vinte mil concorrentes. Simões, II, *op. cit.*, pp. 168-9.

Fernando Pessoa falava e escrevia correntemente o inglês. A cunhada, espôsa do irmão Miguel, que o conheceu em Lisboa em 1935, dá notícia de seu falar fluente e sem sotaque. Os escritos em prosa inéditos últimamente vindos a público pela Editorial Ática e aquêles que na arca aguardam publicação são prova concludente da correção e fluência de seu inglês. Entre as várias culturas que o informavam, a cultura inglêsa foi a que trouxe maior contribuição para a sua obra. Os críticos são unânimes em afirmá-lo. É ver a biblioteca de livros ingleses e as inúmeras referências à cultura inglêsa contidas nos escritos publicados e por publicar.³

Ao contrário do que a crítica sempre supôs, Fernando Pessoa não era inteiramente adverso à idéia de transferir residência para a Inglaterra, ainda que, em pelo menos uma ocasião, quando o organizador de uma antologia para lá quis levá-lo, tivesse de fato recusado a proposta. Vinte dias antes de morrer, porém, aceita o convite que nesse sentido lhe havia sido feito pelo irmão Miguel à época residente em Londres. Conforme se lê na carta enviada pelo poeta a dez de outubro de 1935, era ainda o desejo de ver os poemas em inglês, escritos ao longo dos anos, publicados na Inglaterra, que o levou a aceitar o convite. Pensava em Aleister Crowley, que o visitara anos antes — e com quem se correspondera durante um ano antes da visita —⁴ para ajudá-lo nesse empreendimento. Até mesmo nas últimas horas de vida, a cultura inglêsa se faz curiosamente presente. Um dia antes de morrer, no Hospital de São Luís de França, pressentindo que iria perder os sentidos, o poeta pede papel e lápis e anota sob a data de 29-11-35:

I know not what to-morrow will bring⁵

Foi êsse “não sei o que trará o dia de amanhã”, seu último verso. Escrito na língua que aprendera em Durban.

(3) Estas cinjem-se principalmente à literatura inglêsa anterior a 1912, pois o poeta não parece ter acompanhado o desenvolvimento da moderna literatura inglêsa. Em sua biblioteca encontram-se, contudo, alguns poemas de Yeats na edição Tauchnitz; um exemplar da revista *Blast* lançada por Ezra Pound e um estudo da obra de T. S. Eliot, que o poeta só poderia ter adquirido depois de 1931 (Thomas McGreevy, *Thomas Stearns Elliot*, London: Chatto & Windus, 1931).

(4) John Symmonds, *The Great Beast: The Life of Aleister Crowley*, London, 1952.

(5) Conservado no espólio, inédito.

“A alma humana é um abismo”. Quaisquer tentativas de analisar a personalidade de um ser tão complexo e emocionalmente rico como foi Fernando Pessoa terão que forçosamente levar em conta essas suas palavras e rodear certas averiguações de imprescindíveis cautelas. Seria imprudente afirmar, por exemplo, que os anos dispendidos em África, mais do que qualquer outro período de sua mocidade, teriam sido responsáveis pela formação de sua personalidade. Psicologicamente falando, os primeiros anos, vividos em Lisboa, foram por ventura mais decisivos para sua formação emocional e afetiva. Haja vista os eventos que marcaram sua infância lisboeta, tais como a morte do pai e o casamento da mãe em segundas núpcias. Até mesmo a inclinação para as letras surgiu a esta altura sob a orientação da poetisa sua tia, D. Maria Xavier. O primeiro poema seu de que se tem notícia foi escrito em Lisboa aos cinco anos de idade.

A permanência de Fernando Pessoa em Durban entre os sete e dezessete anos foi decisiva, sobretudo, para a formação de sua personalidade intelectual e artística. A remoção do meio ambiente português e a confrontação, não sem atritos, com um modo de vida tão diverso daquele em que fôra criado, levaram-no, por certo, a “libertar-se para dentro”, como mais tarde confidenciaria a Mário de Sá Carneiro. Os ensinamentos colhidos na *Durban High School* encontraram, dêsse modo, fácil receptividade no espírito do poeta e estimularam a já forte inclinação para as letras. Outros poetas dêste século experimentaram transladação espiritual e física semelhante. T. S. Eliot e Ezra Pound são certamente os mais conhecidos. O choque cultural foi uma das fôrças motrizes de sua poesia. Em Fernando Pessoa, além dêsse choque cultural, houve, a mais que os dois norte-americanos, a absorção intensa da nova cultura, decorrente do contato se ter efetuado numa altura propícia à assimilação de novos conhecimentos.

Nos primeiros anos de sua escolaridade o poeta não parece dedicar-se a estudos ou empreendimentos literários com particular afincio. Empenha-se no estudo de tôdas as matérias sem distinção. As obras prescritas no *Cape School Higher Examination*, o primeiro exame externo em que participou, em 1901, não causaram qualquer impacto no seu espírito. Foi o romance de Charles Dickens, *The Pickwick Papers*, e não o romance prescrito *Ivanhoe*, de Sir Walter Scott,

que deixou marca indelével. É constantemente evocado pelo poeta como uma obra literária inesquecível.⁶

A partir de 1903, contudo, quando de seu regresso a Durban, depois de uma ausência de um ano em Lisboa e Açores, houve uma modificação na vida do poeta que, apesar de indefinida, deve ter sido altamente significativa para o desenvolvimento de sua personalidade. Já vimos que fôra êsse um período difícil. Abandonara o curso clássico do liceu de Durban para matricular-se à noite numa escola comercial de nível elementar (primeiro ciclo); referindo-se a êsse período, Fernando Pessoa anotou anos depois em um caderno escolar:

Bom foi para mim e para todos os meus que até à idade de quinze anos permaneci sempre em minha casa entregue sem revolta à minha velha maneira de ser reservada. A essa época, contudo, fui enviado para uma escola longe de casa e então o nôvo ser que eu tanto temia se manifestou e assumiu vida humana.⁷

-
- (6) Um exemplar bastante manuseado e de fôlhas sôltas do romance de Dickens encontra-se na biblioteca de livros inglêses. Não relacionado em Monteiro, *Incidências*, *op. cit.*
- (7) *Very good it was for me and mine that up to the age of 15 I was ever home-riden and kept without effort in my old quiet ways. But at this age, I was sent to a school far from home and here the newer being I so dreaded sprang into action and into human life* (Inédito). Em outro documento, um rascunho de uma carta destinada a um psiquiatra francês, o poeta avalia os principais traços de sua personalidade até esta época: "Plus à 7 ans Pessoa montre déjà ce caractère réservé non-enfantil, mais une pondération (non la pondération du bon-sens tout à fait bourgeoise) mais la pondération mélancolique et intellectuelle et une gravité que étonnent. Il s'isole déjà, il aime à jouer seul, à lire, à écrire... C'est un solitaire, on le sait bien. Et à tout cela il faut joindre beaucoup de rage impulsive... beaucoup de peur. On peut résumer le caractère-prématurité intellectuelle, imagination prématurément intense, mechanceté, peur, besoin d'isolement. C'est un neuropathe en miniature..... En 1901 (août) il revient de Durban. C'est le même caractère mais moins impulsif. Le climat (je conjecture) et la discipline scolaire l'auraient inhibé. A cet époque il present un caractère pas trop complexe, intelligence vive, imagination grande mais pas nécessairement intense, un peu infantile... pas de peur accentuée, c'est-à-dire, sans claire provocation extérieure il ne la montre pas. C'est encore normal physiologiquement. Du reste, timidité, ingenuité... un peu maigre, mais le tout normal. Ce n'est pas encore l'aube de la puberté ayant vécu dans un pays (Natal) loin de l'influence corruptive de la civilization; il n'a pas encore de pucelage mentale à cette époque. Il garde mentalement (à ce que je crois) une virginité d'imagination parfait. Il est resté à Lisbonne d'août 1901 jusqu'à Sept. 1902. Il faut dire qu'il ait subi peu l'influence de la sensualité urbaine et... corruptive. Inacabado. Inédito. Encontrado a meio dos papéis do poeta guardados no espólio.

Muito embora não possamos precisar o que lhe acontecera, o nôvo ser de que Fernando Pessoa se sente possuído desabrocha em atividade artística. No espólio existe um diário de leituras que abrange, quase sem solução de continuidade, a não ser certos dias em que o poeta se sentiu doente ou envolvido em afazeres de natureza “prática”, o período que vai de abril a vinte e seis de novembro de 1903.⁸ Um caderno de exercícios escolares, encetado nesse mesmo ano, revela-nos a existência de uma revista, com data de julho de 1903, intitulada “O Palrador”, na qual o poeta desempenha simultâneamente os cargos de, “Director Literário, Director Artístico, Redactor, Secretário da Redacção e Administrador”, atribuindo a cada um dêstes cargos o nome de uma personagem diferente. É no “O Palrador” que aparecem os romances inacabados mencionados por João Gaspar Simões: “Os Milhões d’um Doido”, de autoria de Marvell Lisch e “illustrado por A. Rey da Costa e Lucian Arr” e “Os Rapazes de Barrowby, Chronica Humoristica por Adolph Moscow.. Nomes inventados por Fernando Pessoa.”⁹

O que quer que tivesse acontecido ao poeta à época em que freqüentava a escola comercial — a escola a que fôra mandado “longe de casa” — o fato é que a partir do Exame de Admissão, prestado em Novembro de 1903, os autores dos livros prescritos nas provas de literatura inglêsa são por êle mais tarde assinalados como tendo exercido influência em sua obra. O prêmio obtido pelo melhor ensaio de estilo inglês, o *Queen Victoria Memorial Prize*, contribuiu, naturalmente, para ajudá-lo a decidir-se pelo ingresso definitivo na literatura.

Em apontamentos enviados a Armando Côrtes-Rodrigues e publicados por Joel Serrão em apêndice às cartas. Fernando Pessoa inclui na lista geral de influências William Shakespeare e Thomas Carlyle. Mais adiante, em referência ao período que vai de 1904 a 1905, Fernando Pessoa assinala:

-
- (8) Caderno Escolar. Inédito. De algumas leituras constantes neste diário, que se referem à prova de inglês do Exame de Admissão, podemos inferir que foi encetado em 1903. Vide, apêndice I.
- (9) Parcialmente divulgado por Humbert D. Jennings in “Aspectos da Vida de Fernando Pessoa na África do Sul”. *Século*, 31 de agosto de 1968. Sobre alguns dos poemas de Fernando Pessoa-Alexander Search escritos a esta data, vide Georg Rudolf Lind, “Die englische Jugendichtung Fernando Pessoa” in *Portugiesische Forschungen der Görres-Gesellschaft*, Münster, 1966, pp. 1-20.

Influências de Milton e dos poetas ingleses da época romântica — Byron, Shelley, Tennyson (Também, um pouco depois, e influenciando primeiro o *contista*, Edgar Poe).¹⁰

Uma outra fonte, a carta enviada pelo poeta a José Osório de Oliveira em 1932, onde as influências sofridas a esta data são igualmente enumeradas, substancia a influência de Milton, mas coloca Shakespeare no mesmo plano, ambos sobrelevando tôdas as outras influências:

Em minha segunda adolescência dominaram meu espirito Shakespeare e Milton, assim como, accessòramente, aqueles poetas românticos ingleses que são sombras irregulares deles; entre estes foi talvez Shelley aquele com cuja inspiração mais convivi.¹¹

William Shakespeare e John Milton são as figuras predominantes nas provas de literatura inglêsa, respectivamente no exame de admissão e no exame intermédio. Fazem parte da prova de inglês do exame de admissão os ensaístas Addison e Steele, que são representados por vinte e quatro ensaios extraídos da revista *The Spectador*; no exame intermédio, onde a prova de literatura era mais extensa e mais complexa, todo um período de literatura inglêsa era sumariamente estudado. Ressaltava-se, no entanto, o exame da obra de Milton, o estudo dos poetas metafísicos do século dezessete e a análise do livro *Past and Present* de autoria do prosador vitoriano Thomas Carlyle.

É curioso notar, além dos escritores apontados — mais tarde reconhecidos por Fernando Pessoa como influências em sua obra — a presença de certos tópicos de teoria e estética literária nestes exames, os quais formam as bases das principais características estéticas e teóricas da obra amadurecida de Fernando Pessoa. A ironia e o humor, como também a alegoria, são abordados pelos examinadores no exame de admissão, em relação aos ensaios de Addison e Steele. Através da obra de William Shakespeare estudada em ambas as provas, o poeta entra em contato com o problema da sinceridade em arte, que mais tarde virá a contribuir para a gênese dos heterônimos. A poesia metafísica inglêsa, o conceito de ode, a construção formal da obra poética de John Milton e o processo histórico de Thomas Carlyle são tópicos que vão incidir sobre a criação artística de Fernando Pessoa.

(10) *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues*, op. cit., pp. 129-30.

(11) *Páginas de Doutrina Estética*, op. cit., p. 218.

Visto a literatura clássica desempenhar papel importante a esta época na educação inglesa, muitas das questões dos exames abordam esta disciplina. A presença da cultura clássica no autor de *Mensagem* já foi anotada pela crítica.

No volume anterior procuramos averiguar a extensão dos contatos entre Fernando Pessoa e a cultura inglesa sul-africana, assim como a natureza desses mesmos contatos. Detivemo-nos particularmente sobre o estudo das atividades escolares do poeta e na análise de sua escassa produção literária, que representa, contudo, um valioso testemunho do grau de maturidade artística por ele atingido ao final de sua estada em Durban.

Neste volume procuraremos discernir a presença de elementos procedentes dos estudos nas escolas de Durban no conjunto da produção artística de Fernando Pessoa. Para tanto, examinaremos os trechos de obras dos vários autores prescritos nos exames, relacionando-os, à medida do possível, com a obra amadurecida do poeta sem descuidar da análise do índice de recriação artística nela evidente.

Caberia aqui uma palavra acerca do problema das influências na obra de Fernando Pessoa. Se é temerário apontar influências específicas em um poeta tão complexo, que ademais se dizia influenciado por tudo que lia: “sobre mim teve, porque tudo teve influência sobre mim”, não podemos, por outro lado, deixar de salientar a contribuição dos elementos culturais de procedência inglesa para a formação de sua personalidade intelectual: “e certas influências poéticas inglesas, que sofri muito antes de saber sequer da existência do Pessanha, atuam no mesmo sentido que ele”.¹² Importa, sobretudo, levar em consideração, ao estudarmos as fontes inglesas da obra de Fernando Pessoa, que à assimilação dos elementos culturais ingleses corresponde o período em que o poeta formou sua personalidade. Eles ficaram fazendo parte de sua formação. Ao regressar a Lisboa o poeta não encontrou uma cultura que pudesse desalojar a inglesa de África. Pela vida fora ele continuou a servir-se dos ensinamentos colhidos em Durban, aprofundando-os e buscando na tradição literária inglesa outros elementos com os quais enriquecesse sua emoção artística. A cultura inglesa está, pois, direta ou indiretamente presente em sua vida e obra.

(12) *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*, op. cit. pp. 104-5.

Além das pessoas e instituições já assinaladas no primeiro volume, gostaríamos ainda de agradecer a todos aqueles que contribuíram para a realização da segunda parte do presente estudo: A família do poeta, Sra. D. Henriqueta Madalena Rosa Dias e Dr. Luis Michael Rosa e Sra., agradecemos as facilidades que nos concederam ao examinarmos o espólio no verão de 1968 e de novo em 1970. Ao Professor Hubert D. Jennings, a quem tivemos o prazer de conhecer pessoalmente, queremos agradecer, mais uma vez, a preciosa colaboração destacada em apêndice. As instituições que seguem devemos ou a concessão de bolsa de estudos — Fundação Calouste Gulbenkian; *University Research Council* e *Graduate Center for Latin American Studies* da Universidade de Vanderbilt ou a ajuda financeira que possibilitou a datilografia do manuscrito — *University Research Council* da Universidade do Texas em Austin.

I. A IRONIA E O HUMOR: ENSAIOS DO "THE SPECTATOR"

No diário de leituras correspondentes ao período que vai de maio a novembro de 1903, existente no espólio, Fernando Pessoa assinala a leitura do quarto ao décimo ensaio do *The Spectator* no dia 4 de junho e do décimo no dia 12. Como vimos, a prova de literatura inglesa incluía vinte e quatro dos ensaios de Addison e Steele.¹

A inclusão dos ensaios de *The Spectator* nessa prova acha-se relacionada com a redação exigida aos candidatos na prova de língua inglesa. Seria, pelo menos, um modelo a ser seguido e Fernando Pessoa, ao conquistar o prêmio de estilo inglês, deve ter baseado a composição premiada num dos ensaios prescritos.² Com efeito, no exemplar do exame conservado pelo poeta no espólio, o tópico "Superstições Comuns" foi sublinhado, indicando que fôra êste, provavelmente, o tema escolhido.

Embora o ensaio premiado se tenha perdido, é possível avaliar seu formato e principais características, estudando a natureza dos ensaios prescritos e as perguntas formuladas aos examinandos. O ensaio periódico, nome dado ao gênero literário usado por Addison e Steele em *The Spectator*, caracteriza-se pelo tratamento de assuntos de extensão limitada que dizem respeito à vida urbana da classe média in-

-
- (1) Na biblioteca de livros ingleses existe um exemplar da obra de Addison Addison e Steele. Maria da Encarnação Monteiro assim o transcreve: "Henry Morley — *The Spectator. A new edition, reproducing the original text, both as first issued and as corrected by its authors. With Introduction, Notes and Index. By ... London, Routledge and Sons, Ltd. 1896* (Ass. F. A. N. Pessoa). A data de publicação desta obra indica que ela poderia ter sido adquirida em Durban; a maneira do poeta subscrever sua assinatura — iniciais seguidas pelo sobrenome — revela que essa obra foi realmente adquirida na África do Sul (Monteiro, *op. cit.*, p. 94. Cf. Apêndice III).
- (2) Addison & Steele, *The Spectator*. Gregory Smith (ed.), (London: J. M. & Sons Ltd, 1907), pp. 22-5. O sétimo ensaio, "Superstições Comuns".

glêsa. Comparados aos ensaios anteriores a 1711, data do início da publicação da revista, o *periodical essay* “é curto, menos aforístico, menos íntimo, menos individualista, menos introspectivo, menos ‘culto’ e mais informal em estilo e tom, empregando comumente a sátira e o humor...”³

O candidato necessitava definir, apoiando-se nos ensaios do *The Spectator* prescritos, o conceito de ironia. Essa tarefa não era difícil, pois os ensaios de Addison e Steele primam pelo uso constante desse engenho retórico. No ensaio a que atrás nos referimos acêrca de superstições comuns, Addison, através do exagêro de suas declarações acêrca de mulheres supersticiosas, faz-nos conscientes do absurdo da superstição incontida:

Conhecemos uma tia solteirona, de excelente família, que é uma destas sibilas antiquadas predizendo e profetizando do comêço ao fim do ano. Está sempre vendo aparições e ouvindo prenúncios de morte. Outro dia quase morreu de susto ao ouvir o cachorro latir no estábulo quando estava de cama com uma dor de dentes.⁴

Era esta uma das passagens de Addison que o candidato precisaria explicar no decorrer da prova. A desproporção paradoxal entre a natureza da doença (uma mera dor de dentes) e o terror causado pelo latir do cachorro no estábulo, fator apresentado com seriedade imperturbável, constituem elementos irônicos, servindo para ridicularizar aquêles que acreditam em presságios. Da mesma forma, no quinto ensaio prescrito, o autor comenta a atitude dos empresários de ópera que, no intuito de reproduzir no palco a vida real, trazem para êle ovelhas, carneiros e bois. Ao concluir seu ensaio(Addison revela que está prestes a ser firmado um contrato entre jardineiros e empresários para que no cenário da ópera *Rinaldo e Arminda* haja um pomar do qual surgirá, no momento oportuno, uma revoada de passarinhos,

(3) William Flint Thrall and Addison Hibbard, “The Periodical Essay: Eighteenth Century”, *A Handbook of Literature*, rev. by Hugh Holman (New York: The Odissey Press, 1960), pp. 186-7.

(4) Addison e Steele, *op. cit.*, I. 22-5. “I know a Maiden Aunt, of a great family, who is one of these Antiquated Sybils, that forbodes and prophecies from one end of the Year to the other. She is always seeing Apparitions, and hearing Death-Watches; and was the other Day almost frigh-ened out of her Wits by the great House-Dog, that howled in the Stable at a time when she lay ill of the Tooth-Ach.”

“the undertakers being resolved to spare neither pains nor money, for the gratification of the Audience.”⁵

Outra questão, acêrca de “alegoria”, visava, tal como a ironia, o âmbito geral da obra e exigia, particularmente, uma definição dos dois conceitos retóricos substanciada nos ensaios prescritos. O terceiro ensaio dizia respeito a uma “visão alegórica” de Addison.⁶ O autor narra que depois de uma visita à Bôlsa de Valores ocorreram-lhe as várias teorias que tinha ouvido acêrca dos meios de preservar e restabelecer o crédito inglêsl. Consciente de que tais sugestões fluíam de interêsses partidários e particulares, o autor, através de uma “visão alegórica”, propõem-se a emitir sua opinião acêrca da preservação do crédito. Imagina uma virgem encantadora, sentada num trono de ouro; seu semblante transforma-se de acôrdo com as ocorrências que ameaçam a liberdade, a moderação religiosa e o espírito britânico. O crédito inglêsl só se restabelece quando estas virtudes (personificadas também) entram na sala e dominam o ambiente, fazendo com que os sacos de ouro fiquem novamente repletos.

A resposta de Fernando Pessoa à pergunta que lhe foi feita acêrca da ironia nos ensaios do *The Spectator* encontra-se em um ensaio intitulado “O Provincianismo Português”, incorporado em *Páginas de Doutrina Estética*, antologia dos escritos em prosa de Fernando Pessoa, organizada por Jorge de Sena.⁶ É claro que a definição de ironia contida neste ensaio escrito em 1928 (um quarto de século depois de o poeta prestar o exame de admissão) não poderia ter sido exatamente igual à resposta elaborada àquela altura. No entanto, a definição de ironia dada pelo poeta em um ensaio que, tal como os de Addison, versava sôbre aspectos da vida social portuguesa — o seu provincialismo — acusa, de maneira curiosa, os estudos empreendidos por Fernando Pessoa vinte e cinco anos antes, quando se preparava para prestar a prova relacionada com os ensaios de *The Spectator*. A definição de ironia é tão semelhante à comumente encontrada nos compêndios inglêsls de teoria literária, que nos leva a acreditar ter o poeta conservado consigo os estudos realiza-

(5) *Ibid.*, p. 19. “estando os empresários empenhados em não poupar esforços ou dinheiro para que o público se sinta inteiramente satisfeito”.

(6) *Op. cit.*, p. 179. Vide comentário de Jorge de Sena em “notas”, *ibid.*, pp. 249-50. “Observe-se que, se há escritor que satisfaça às condições exigidas para o perfeito exercício da ironia... esse escritor é ele próprio.”

dos anos antes — prova da fenomenal memória de Fernando Pessoa e da profunda e íntegra formação do seu espírito à luz da cultura inglesa recebida em África.

No ensaio a respeito do provincialismo português, Fernando Pessoa afirma que a incapacidade de ironia é um aspecto flagrante desse provincianismo; definindo ironia o poeta declara:

Por ironia entende-se, não o dizer piadas, como se crê nos cafés e nas redações, mas o dizer uma coisa para dizer o contrário. A essência da ironia consiste em não se poder descobrir o segundo sentido do texto por nenhuma palavra dêle, deduzindo-se porém esse segundo sentido do facto de ser impossível dever o texto dizer aquilo que diz.⁷

Comentando a definição acima, João Gaspar Simões declara ter o poeta incorrido no equívoco de chamar ironia ao que era de fato humor.⁸ E logo em seguida o crítico acrescenta que o poeta “define, no fim das contas, aquilo que poderemos considerar como a essência do ‘humor’ britânico.”⁹ Queremos crer, contudo, que é o biógrafo de Fernando Pessoa que está mal informado, pois o “humor britânico” é um dos meios através do qual a ironia pode ser provocada. A própria pergunta acerca dos ensaios de Addison o esclarece. O candidato deveria explicar as seguintes palavras de um crítico anônimo a respeito dos ensaios de *The Spectators* “‘Irony forms perhaps the largest constituent of his humor’”. A citação estabelece claramente uma diferença entre ironia e humor. Como vimos nos trechos que ilustravam a ironia no *The Spectator*, o exagêro dos fatos apresentados provocara uma reação de riso; no entanto o humor é apenas um meio de apresentar ironia. O verdadeiro sentido do texto é-nos revelado, segundo Fernando Pessoa, “do facto de ser impossível o texto dizer aquilo que diz”. Jonathan Swift em “Modest Proposal”, a que se refere o poeta, sugere num tom bastante sério “a utilidade das crianças de sete anos como bom alimento”¹⁰, provocando humor pelo absurdo que sua

(7) *Ibid.* p. 183.

(8) *Vida e Obra, op. cit.*, II, p. 263.

(9) *Ibid.*

(10) *Loc. cit.* “A ironia é isto. Para a sua realização exige-se um domínio absoluto da expressão, produto de uma cultura intensa; e aquilo a que os ingleses chamam *detachment* — o poder de afastar-se de si mesmo...”

afirmação encerra, mas revelando igualmente ironia porque Swift está pensando algo oposto àquilo que expressa.

Os ensaios do *The Spectator*, de autoria de Addison e Steele, prescritos na prova de literatura inglesa do Exame de Admissão, contribuíram para a formação intelectual de Fernando Pessoa em pelo menos dois sentidos: forneceram o modelo para a elaboração do ensaio vencedor do *Queen Victoria Memorial Prize* e ajudaram a despertar no seu espírito a noção de que uma verdade pode ser mais pungentemente descrita pelo seu oposto negativo. As várias maneiras de ver o mundo em seus aspectos conflitantes e a própria simulação e fingimento inerentes à concepção estética de sua obra poética poderiam ter surgido de conceitos formulados em consequência dos estudos acerca do ensaio periódico desenvolvidos como preparação para o *Matriculation Exam* à Universidade do Cabo da Boa Esperança. O certo é que a ironia, com seus vários significados, é uma das constantes na temática poética de Fernando Pessoa.

II. SHAKESPEARE E PESSOA: UM ESTUDO PARCIAL DE INFLUÊNCIA

Como a peça prescrita, "The Life of King Henry the Fifth", é a última de uma sequência histórica, versando as aventuras do Príncipe Hal, mais tarde Henrique V, é de crer que Fernando Pessoa tivesse estudado igualmente as duas peças que a antecederam, pois sua leitura é essencial ao entendimento da peça em questão.

Além da trilogia histórica acêrca da dinastia de Lencastre, Fernando Pessoa deveria ter lido outras obras dramáticas do vate inglês.¹ No ano seguinte, ao preparar-se para o *Intermediate*, o poeta continua lendo Shakespeare. Na parte que diz respeito ao período de literatura prescrito (1579-1700), existem duas perguntas relacionadas, de forma não específica, com a obra dramática de Shakespeare. O exame intermediário representava o término da educação formal na África do Sul. Dessa forma, testava, em retrospectiva, todos os conhecimentos adquiridos na escola. Para responder às perguntas relacionadas com a obra dramática do escritor inglês, o poeta precisaria ter lido e deve ter lido uma grande parte dela. No entanto, quer-nos parecer que a peça prescrita para o exame de admissão, dada a minuciosidade das perguntas que lhe dizem respeito, assim como pelo fato de ter sido lida à data em que Fernando Pessoa se diz mais influenciado por Shakespeare, marcou um sulco indelével na mente

(1) O diário de leituras acima referido acusa, entre dezessete e vinte e sete de agosto, a leitura das seguintes peças: "Th Tempest", dia 17; "Comedy of Errors", 18; "Much Ado", 19 e "Measure for Measure", 23. Em 1910, diz que não lê mais Shakespeare, a não ser em conexão com o problema de êle ser ou não o autor das obras. *Páginas Intimas*, p. 20. De tôdas as peças, "The Tempest" parece ter sido a que mais o impressionou. Traduziu-a, a lápis, entre-linhas, no texto *The Tempest* (Cassel e Co. 1908), como consta do exemplar em sua biblioteca. Em *Páginas de Estética*, referindo-se a esta peça e ao seu autor declara: "Tivesse Shakespeare escrito apenas a canção de Ariel a Ferdinand, não teria, de fato, sido o Shakespeare que foi — pois escreveu mais do que isso — mas haveria bastante dele para mostrar que era um poeta superior a Tennyson", p. 258.

do autor da *Mensagem*. No entanto, a fim de avaliarmos a natureza específica dessa contribuição, precisaremos identificar aquêles elementos em sua obra amadurecida mais intimamente relacionados com a obra shakespereana.

Fernando Pessoa, ao referir-se à obra dramática de William Shakespeare, fá-lo quase sempre no sentido de explicar o problema da sinceridade. A obra do dramaturgo inglês parece haver revelado ao poeta que na arte é preciso haver fingimento e simulação. Para êle, o maior artista seria aquêle que colhesse as mais variadas maneiras de sentir; a fabricação dos heterônimos representa a tentativa do poeta de expressar diversas maneiras de sentir através de individualidades diferentes e completas. Essa criação de personagens diversas e independentes de sua pessoa corresponde à definição de poesia dramática, tal qual ela era concebida pelo poeta.

Em “Uma Nota ao Acaso” subscrita por Álvaro de Campos e incluída por Jorge de Sena em *Páginas de Doutrina Estética*, Fernando Pessoa, analisando o problema da sinceridade intelectual na poesia, define seu conceito de sinceridade referindo-se a alguns poetas que em dados momentos conseguem dizer o que sentem:

Uma ou duas vezes o disse Coleridge; pois a *Rima do Velho Nauta* e *Kubla Khan* são mais sinceros que todo o Milton, dirci mesmo que todo o Shakespeare. Há uma reserva com respeito a Shakespeare: é que Shakespeare era essencial e estruturalmente factício; e por isso a sua constante insinceridade chega a ser uma constante sinceridade, de onde a sua grandeza.²

Os poemas de Coleridge mencionados por Fernando Pessoa como exemplo da sinceridade do romântico inglês versam o mundo irreal. *Kubla Khan* transmite uma visão apreendida em um sonho interrompido pela realidade: “No Kubla Khan tudo é outro, tudo é além; compomos em sonho e somos interrompidos sempre, porque nem tudo pode ser revelado. O que fica escrito é a revelação inacabada.”³ A obra de Fer-

(2) *Op. Cit.*, p. 286. Mais abaixo o poeta declara: “O meu Mestre Caeiro foi o único poeta inteiramente sincero do mundo”. Para Campos o seu mestre havia encontrado a expressão e forma adequadas para a transmissão de suas emoções.

(3) Pessoa, “Os Mistérios da Criação Literária”, *Fradique*, 1 (15 de fevereiro de 1934), n.º 2, reproduzido em *Hiram* (Porto: Editora Cultura, s/d), p. 178.

nando Pessoa êle mesmo parece seguir o conceito de sinceridade que o poeta discerne no poema de Coleridge. A poesia ortônima de Fernando Pessoa acusa uma constante inquietação metafísica, um desejo intenso de penetrar no além e transmiti-lo em poemas que são sonhos inacabados. Por outro lado, os heterônimos, através da apresentação de idéias diversas das do autor que as gerou, oferecem visões múltiplas de um todo uno e indivisível, que é, contudo, dêste mundo. Os heterônimos de Fernando Pessoa representam reações humanas à incapacidade de penetrar no além. Caeiro abandona voluntariamente a especulação metafísica e parece — apenas parece — contentar-se em não ter metafísica. Reis aceita estóicamente a impenetrabilidade do além e Campos revolta-se contra a consciência de que não é dado ao ser humano entender o infinito.

Gilbert Highet, ao examinar o débito de Shakespeare para com os poetas clássicos, especialmente Sêneca, propõe que nas tragédias do poeta inglês existem as seguintes reações para com a consciência de que nossas vidas são regidas por forças indiferentes ou mesmo hostis aos propósitos humanos:

One... is taciturn indifference: emotionless, or even proud, obedience to an irresistible fate...

Another response is a furious protest, the yell of suffering given words, the raving self-assertion which grows close to madness.⁴

Na história que Fernando Pessoa elaborou para justificar a existência de seus heterônimos, Alberto Caeiro aparece como mestre. Na poesia dêste heterônimo nota-se o desejo absoluto de se contentar com o mundo das coisas reais, Caeiro somente se preocupa com a luz da janela e não com quem a acendeu:

(4) Gilbert Highet, *The Classical Tradition: Greek and Roman — Influences on Western Literature* (New York: Oxford University Press, 1957), p. 207. "Uma delas... é a indiferença taciturna: a cega e até mesmo orgulhosa obediência ao fado irresistível... A outra resposta traduz-se por um protesto incontido, o grito em palavras plenas de sofrimento, por uma auto-afirmação que caminha para bem perto da loucura."

A luz é a realidade para mim.
Eu nunca passo para além da realidade imediata.
Para além da realidade imediata não há nada.
Se eu, de onde estou, só vejo aquela luz,
Em relação à distância onde estou há só aquela luz.⁵

É esse absoluto conformismo com a existência da luz, sem a ânsia de averiguar sua origem, que distingue Alberto Caeiro. Ao contrário de Fernando Pessoa, para quem o mistério inacessível da existência é uma constante inquietação, a filosofia de Caeiro, ao ater-se apenas às coisas tangíveis, é passível de trazer conforto e felicidade. O poeta bucólico é feliz para além das personagens shakespereanas, cuja reação desesperadora contra os fados inacessíveis é apontada por Highet. No entanto, a felicidade de Caeiro não parece dura-doura. Como declara Manuel Antunes:

O mundo do 'Guardador de Rebanhos' surge como um mito, como um desejo de participar do real, de coincidir com êle, de ser apenas coisas entre coisas; surge como afirmação gratuita, sem base, do primado da sensação. Sentindo o vazio Fernando Pessoa-Caeiro nega a negatividade da consciência ofuscando a si mesmo todo o contrário: a densidade do real, a sua concretude, a sua atualidade. E em vão as coisas continuam a ser coisas mortais...⁶

Não dura, portanto, muito tempo essa inconsciência de Alberto Caeiro, embora ela seja a única forma de felicidade possível. Fernando Pessoa logo se dá conta da fragilidade da posição de Caeiro. A medida que seus poemas vão surgindo, observamos que sua consciente ignorância em referência ao homem que acendeu a luz representa, ao final, um constante comprometimento com o mistério do mundo. A posição de Ricardo Reis e Álvaro de Campos se nos afigura muito mais verossímil. Muito embora não logrem obter a felicidade (só o mestre a consegue), a atitude dos dois discípulos tem afinidades profundas com aquêles poetas que desde os primórdios da literatura compartilham a opinião de que o homem vive sozinho, entregue a si mesmo, sem orientação divina. Um desses poetas é William Shakespeare e as duas reações dos protagonistas da tragédia shakespereana

(5) Fernando Pessoa, *Poemas de Alberto Caeiro* (Lisboa: Edições Ática, 1958), p. 89.

(6) Manuel Antunes, "O Platonismo de Fernando Pessoa", *Brotéria*, Vol. XXXVIII, N.º 2, p. 142.

para com a imperturbabilidade dos deuses se assemelha, acreditamos, à posição de Ricardo Reis e Alvaro de Campos perante o mistério do além.

Ricardo Reis é o heterônimo que apresenta a “indiferença taciturna: a fria, sem emoção e orgulhosa obediência aos fados irresistíveis”, apontada por Highet como uma das reações das personagens shakespereanas. Ao contrário de Caetano de Almeida, o heterônimo Reis reconhece a existência dos fados. Contudo, o elo entre o mundo real e irreal não existe. Os deuses do Olimpo são indiferentes aos desejos dos mortais. Sobre os deuses pesa também o eterno fado. A única solução é a de “submetermo-nos / Ao seu domínio por vontade nossa. / Mais vale assim fazermos / Porque só na ilusão da liberdade / A liberdade existe.” Acêrca da posição de Reis perante a vida, Jacinto do Prado Coelho escreve:

Reis parece existir apenas em função de um problema, o problema crucial de remediar o sofrimento da fraqueza humana e da inutilidade de agir por meio de uma arte de viver que permite chegar à morte de mãos vazias e com um mínimo de sofrimento.⁸

Shakespeare, nas tragédias escritas durante seu período sombrio, *dark period* (de 1600 em diante), parece dominado pela consciência de que o homem está completamente entregue a si mesmo. Para o grande dramaturgo inglês não existe o reconhecimento de um ser superior e divino que oriente as vidas dos homens. As personagens estão amarradas pelo mesmo fatalismo incompreensível:

Shakespeare's great tragedies are dominated by a hopeless fatalism which is far more pessimistic than the purifying agonies of Greek tragedy and almost Godless.⁹

No entanto, a atitude do poeta inglês para com a existência divina é paradoxal. De um lado, Shakespeare reconhece que existe uma divindade controladora de nossas existências:

(7) Pessoa, *Obra Poética*, op. cit., p. 262.

(8) Coelho, *Diversidade e Unidade*, op. cit., p. 38.

(9) Highet, op. cit., p. 207. “Um fatalismo sem esperança domina as melhores tragédias de Shakespeare, fatalismo êsse muito mais pessimista do que as agonias purificadoras da tragédia grega e no qual se patenteia a quase total abstenção da presença divina.”

There's a divinity that shapes our ends
Rough-hew them how we will ¹⁰

Por outro lado, nada existe para além da morte. "The rest is silence", afirma Hamlet pouco antes de morrer. Também Macbeth considera a vida apenas,

... a walking shadow; a poor player,
That Struts and frets his hour upon the stage
And then is heard no more; it is a tale
Told by an idiot, full of sound and fury,
Signifying nothing. ¹¹

Ricardo Reis igualmente oscila entre a percepção da existência divina e o reconhecimento de que nada existe no além. Neste poema Reis reconhece a existência dos fados:

Nossa vontade e o nosso pensamento
São as mãos pelas quais outros nos guiam
Para onde êles querem .
E nós não desejamos. ¹²

Contudo, em um de seus poemas mais conhecidos que começa: "As rosas amo dos jardins de Adónis", Ricardo Reis declara não haver nada para além da vida:

Que há noite antes e após
O pouco que duramos. ¹³

Na última peça escrita por William Shakespeare, *The Tempest*, considerada pelos críticos o seu testamento filosófico, o vate inglês declara, em versos que se assemelham à citação de Reis acima transcrita:

We are such stuff as dreams are made on,
And our little life is rounded with a sleep. ¹⁴

Shakespeare afirma que somos aquilo de que são feitos os sonhos; a nossa breve, *little*, vida é um parêntese fora do qual existe o sono. Por conseguinte, o que circunda nossas vidas

(10) "Hamlet", *Twenty-Three Plays and the Sonnets*, op. cit., p. 719. Ato V, Cena 2, verso 10.

(11) *Ibid.*, p. 856, "Macbeth", Ato V, Cena 5, versos 26-8.

(12) Pessoa, *Obra Poética*, op. cit., p. 265.

(13) *Ibid.*, p. 259.

(24) Parrot (ed), op. cit., p. 1078.

antes de nascermos e depois de morrermos é apenas sono. Reis, por outro lado, substitui o sono pela noite. É a noite que nos envolve antes e depois da curta vida — “o pouco que duramos”.¹⁵ A atitude de indiferença taciturna de que fala Gilbert Highet poderia ser mais consciente em Reis do que à primeira vista parece. A dúbia atitude para com os fados — sua não existência ou seu não comprometimento com a vida humana — atitude igualmente paradoxal em Shakespeare, bem como a idéia a respeito do nada que circunda nossas vidas parecem evidenciar a contribuição da obra shakespeariana para a concepção do heterônimo Ricardo Reis.

Alvaro de Campos, por outro lado, é o heterônimo que acusa em toda sua obra “o protesto furioso, o grito em palavras dadas ao sofrimento, a delirante afirmação pessoal que se desenvolve para perto da loucura”, de que nos fala Gilbert Highet em referência às personagens da tragédia shakespeariana.¹⁶

Em um apontamento inédito incluído em *Fernando Pessoa: Obra Poética*, Ricardo Reis afirma que os versos de Campos traduzem “um extravazar de emoção”.¹⁷ Mais adiante, citando idéias poéticas do próprio Alvaro de Campos, Ricardo Reis declara que a emoção de Campos vem para seus versos já subordinada a uma disciplina vinda de dentro: “A disciplina do ritmo é aprendida até ficar sendo uma parte da alma: o verso que a expressão produz nasce já subordinado a essa disciplina”.¹⁸

Na poesia de Alvaro de Campos predomina a emoção.¹⁹ A medida que os versos deste heterônimo vão surgindo, delinea-se seu desenvolvimento emocional. Jacinto do Prado Coelho em *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* distingue as três fases evolutivas de Campos: a primeira é a fase do “Opíario” — Campos é um *snob*, saturado da civili-

(15) A origem shakespeariana dos jardins de Adónis mencionados por Pessoa nesta Ode foi apontada por Maria Helena da Rocha Pereira (Vide, “Sobre uma Ode de Ricardo Reis”, *Praça Nova*, N.º 7 [Dezembro, 1962], pp. 8 e 15).

(16) Vide, *supra*, p. 21.

(17) Pessoa, *Obra Poética*, *op. cit.*, p. 299.

(18) *Ibid.*

(19) “...pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida” (Pessoa, *Páginas de Doutrina Estética*, *op. cit.*, p. 260).

zação;²⁰ a segunda fase é representada pelos poemas futuristas à maneira de Whitman; a terceira é a fase que o crítico chama de “pessoal por estar liberta de influências nítidas, desde ‘Casa branca nau preta’... (e vai) até 1935, ano da morte de Pessoa.²¹ As três fases apresentadas por Jacinto do Prado Coelho traduzem o progressivo domínio emocional de Campos aparente na crescente disciplina de seus versos.

A fim de substanciarmos a aproximação entre a segunda reação das personagens shakespereanas apontada por Highet e a evolução temática da obra de Álvaro de Campos, compará-la-emos à evolução da personalidade de Hamlet. Acreditamos que as afinidades existentes entre o desenvolvimento desta personagem e o heterônimo Campos poderão ilustrar, à semelhança do que foi feito com a obra de Ricardo Reis, a contribuição do vate inglês para a concepção dos heterônimos. Ressalvamos, porém, as diferenças.

As três fases enumeradas por Jacinto do Prado Coelho são na realidade duas. O “Opiário”, como confessa Pessoa a Adolfo Casais Monteiro, foi escrito com o objetivo de mostrar Álvaro de Campos ainda em botão, antes de haver sofrido a influência de seu mestre Caeiro.²² Da mesma forma, a personalidade do príncipe da Dinamarca antes do início da ação em *Hamlet* é-nos descrita através das palavras de Ofélia. Hamlet é um jovem inteligente, sensível, bem educado. Antes de seu regresso a Elsinore estudara numa grande universidade europeia. Todavia, ao regressar à cõrte dinamarquesa enfrenta um problema para o qual os ensinamentos recebidos não o prepararam e que fá-lo examinar o mundo por um nôvo prisma. O assassinio de seu pai e o casamento de sua mãe (segundo a crença religiosa da época um ato incestuoso) com o rei-algoz são apenas incidentes que servem para levar o jovem Hamlet a examinar a natureza do universo sem Deus no qual subsistem forças malignas. Quando pela primeira vez encontramos Hamlet, ouvimo-lo vociferar raivosamente contra o mundo:

(20) Coelho, *Diversidade e Unidade*, op. cit., pp. 57.

(21) *Ibid.*

(22) Pessoa, *Páginas de Doutrina Estética*, op. cit., p. 265. Campos aprendera com Caeiro a olhar as coisas e a senti-las. Sua atitude no entanto, diverge da do mestre. Para êle as coisas não são como são, mas como são sentidas: “sentir tudo de todas as maneiras” ou de tôdas as maneiras a mesma coisa.

O, that this too too sullied flesh would melt
Thaw, and resolve itself into a dew!
Or that the Everlasting had not fix'd
His canon 'gainst self-slaughter! O God! God!
How weary, stale, flat and unprofitable,
Seem to me all the uses of this world!
Fie on 't! Ah fie! 't is an unweeded garden,
That grows to seed; things rank and gross in nature
Possess it merely.²³

Para Hamlet o mundo é um jardim corroído por ervas daninhas, completamente dominado por coisas grosseiras e fétidas. Tudo o que o jovem Hamlet contempla à sua volta se lhe afigura nauseante, podre, baixo e sem proveito.

Alvaro de Campos freqüentou igualmente uma grande universidade européia — a Universidade de Glasgow. Fêz dois cursos, engenharia mecânica e naval e numas férias empreendeu uma viagem ao Oriente.²⁴ O problema que persegue Campos não parece ter surgido de qualquer incidente doloroso em sua vida. Provém antes de um cansaço inerente a quem viajou demais e se compenetrrou de que o mundo e as pessoas nêle existentes são sempre iguais:

E também o mundo,
Com tudo aquilo que contém,
Como tudo aquilo que nêle se desdobra
E afinal é a mesma coisa variada em cópias iguais.²⁵

Como ocorre com Hamlet, o mundo de Alvaro de Campos está igualmente corroído. Permeando seu entusiasmo pelas coisas concretas — máquinas, correias, comboios galgando distâncias terrenas — nota-se a cada passo a insatisfação do poeta. Para êle o mistério do mundo é como o burro que anda à roda, anda à roda na nora do quintal de sua casa.²⁶ O poeta pede ao trabalhador descontente que limpe o suor com o braço, pois a “luz do sol abafa o silêncio das esferas”²⁷ A luz do sol é um lenitivo para o trabalhador, mas não para

(23) Parrot, *op. cit.*, p. 680.

(24) Pessoa, *Páginas de Doutrina Estética*, *op. cit.*, p. 265. Campos em virtude de sua educação inglesa, tem dificuldade em escrever português; escreve “com lápsos como dizer ‘eu próprio’ em vez de ‘eu mesmo’, etc.”

(25) Pessoa, *Obra Poética*, *op. cit.*, p. 409.

(26) Pessoa, “Ode Triunfal”, *Obra Poética*, *op. cit.*, p. 310.

(27) *Ibid.*

o poeta para quem o silêncio das esferas é insuportável. Em “Ode Marítima” o grito desesperador, em vez de irônicamente dissimulado como na “Ode Triunfal”, é cortante, direto, cheio de raiva.

Pensando nisto — ó raiva! pensando nisto — ó fúria!
Pensando nesta estreiteza da minha vida cheia de ânsias,
Súbitamente, trêmulaamente, extraorbitalmente.²⁸

Maria Aliete Dores Galhoz, comentando o entusiasmo whitmaniano dessas duas odes, declara em sua introdução à reedição do primeiro número de *Orpheu*:

Alvaro de Campos tem a menos que Whitman uma não crença vital no que exalta. Tem a mais um exasperado refinamento emotivo e um quase queixume, raivosamente dissimulado de amoralismo.²⁹

O amoralismo de que fala Maria Aliete Galhoz, já apon-tado também por Segismundo Spina,³⁰ encontra seu corres-pondente nas palavras obscenas dirigidas por Hamlet a Ofé- lia³¹ num desejo consciente de destruir, dada sua descrença no mundo, uma paixão que havia sido, ao que tudo indica, elevada e nobre. Também Álvaro de Campos sente-se men- talmente incapacitado para o amor. Todavia, sua incapaci- dade não provém da descrença na fidelidade das mulheres como em Hamlet, a quem a mãe havia traído por meio de um casamento incestuoso com o assassino de seu pai. Ál- varo de Campos não possui a faculdade de amar, porque seu problema o impossibilita. Como não lhe é dado conhecer o mistério do mundo, sente-se perdido. Não estando em paz consigo mesmo, não pode amar a outrem. Em um poema intitulado “Psiquetipia (ou Psicotopia)”, Álvaro de Campos olha a inglesa com as mãos brancas postas sôbre a toalha da mesa; e em vez da mulher, é o significado de suas mãos que o atrai: “Não tiro os olhos de tuas mãos... Quem são elas?/ Mau Deus! Os símbolos... Os símbolos...”³² Nota- mos, através da conversa de ambos, que o significado extra-

(28) Pessoa, “Ode Marítima”, *Obra Poética*, *op. cit.*, p. 320.

(29) Maria Aliete Dores Galhoz, “O Momento Poético do *Orpheu*”, *Orpheu: Reedição do Volume I* (Lisboa: Edições Ática, 1959), p. XLIV.

(30) “O Itinerário de Álvaro de Campos”, in *Da Idade Média e Outras Idades* (São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1964), pp. 30-31.

(31) “Hamlet”, in Parrot, *op. cit.*, ato III, Cena I, verso 130 e Ato III, Cena II, verso 119.

(32) Pessoa, *op. cit.*, p. 387.

sensorial das coisas absorve inteiramente a atenção do poeta, impedindo-o de amar. A conversa é fútil, automática, nauseante:

Respondo fielmente à tua conversa por cima da mesa...

'It was very strange, wasn't it?'

'Awfully strange. And how did it end?'

'Well, it didn't end, It never does, you know.'

Sim, *you know*... Eu sei...⁹³

É esta procura incessante pelo significado dos símbolos que caracteriza o heterônimo Álvaro de Campos. Não é tanto o "homem que não percebeu a poesia da existência..."³⁴ ou que não sentiu "na alma a presença de Deus",³⁵ como afirma Segismundo Spina, mas sim aquêles que reconhece até a profundidade do seu ser estar o homem completamente abandonado por Deus, e entregue à sua própria sorte:

Sou uma chama ascendendo, mas ascendendo para baixo e
[para cima,
Ascendendo para todos os lados ao mesmo tempo, sou
[um globo
De chamas explosivas buscando Deus e queimando
A crosta dos meus sentidos, o muro da minha lógica,
A minha inteligência limitadora e gelada.³⁶

O problema de Álvaro de Campos é este: não consegue apreender o além. A vida se lhe afigura sem sentido — desprovida de propósito; os fados são indiferentes à sua desdita. Deus ignora os homens. Referindo-se ao malôgro de Campos em sua tentativa de buscar a Deus, Nuno de Sampaio declara:

Se existe metafísica em Álvaro de Capmos é como metafísica do malogro que nos compete interpretá-la.³⁷

Jacinto do Prado Coelho declara que na terceira fase "Campos virá a ser poeta do cansaço, da abulia, do vazio, inquieto e nauseado."³⁸ No entanto, ao lermos a poesia es-

(33) *Ibid.*

(34) Spina, *op. cit.*, p. 32.

(35) *Ibid.*, p. 27.

(36) Pessoa, *Obra Poética, op. cit.*, p. 408.

(37) Nuno de Sampaio, "O Tema da Complexidade nas *Poesias* de Álvaro de Campos", *Espírito e a Obra* (Lisboa, 1961), p. 133.

(38) Coelho, *op. cit.*, p. 63.

crita nesta terceira fase, observamos que os versos de Campos evidenciam um domínio progressivo da emoção até que no poema intitulado “Clearly-Non-Campos” o poeta tavirense compartilha da filosofia de Ricardo Reis. Alvaro de Campos, através de seus últimos poemas estruturalmente regulares, demonstra uma calma resignação, um contrôlo emotivo absoluto que o trazem para bem perto da filosofia de Reis, o poeta da aceitação orgulhosa e fria da indiferença dos fados. A fim de entendermos melhor a evolução de Campos nesta última fase, retornaremos à comparação que vimos fazendo entre sua progressão temática e a da personagem Hamlet.

Hamlet aproxima-se de Alvaro de Campos na sua maneira de encarar o mundo. Também êle sente a limitação de sua inteligência. O mundo é uma prisão:

O God, I could be bounded in a nutshell
And count myself a king of infinite space.
Were it not that I have bad dreams.³⁹

Os sonhos maus que Hamlet experimenta não lhe permitem contentar-se com “ser rei do espaço infinito dentro de uma casca de noz”. Seu mundo é um mundo em ruínas:

... the earth seems to me a sterile promontory,
this most excellent canopy, the air, look you, this
brave o'erhanging firmament, this majestical roof
fretted with golden fire, why it appeareth nothing
to me but a foul and pestilent congregation of vapours.⁴⁰

Em vez de ser limitado pour uma “casca de noz” ou *canopy*, dossel, Alvaro de Campos sente-se prêso dentro de uma capoeira e um poço tapado:

Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta
ao pé de uma parede sem porta,
E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,
E ouviu a voz de Deus num poço tapado.⁵¹

(39) “Hamlet”, ato II, Cena 2, verso 260. “Meu Deus, poderia estar prêso numa casca de noz e considerar-me rei do espaço infinito”.

(39) “Hamlet”, ato II, Cena 2, verso 260. “Meu Deus, poderia estar prêso numa casca de noz e considerar-me rei do espaço infinito”.

(40) *Ibid.*, versos 309-15. “...a terra se me afigura um promontório estéril; êste excelente dossel, o ar, olhe, êste firmamento suspenso, êste telhado majestoso crispado de fogo de oiro, me parece nada mais do que uma fétida e pestilenciosa congregação de vapôres.”

(41) Pessoa, *Obra Poética*, *op. cit.*, p. 364.

Para ambas as personagens esta vida é uma prisão: uma capoeira, casca de noz ou poço tapado. No entanto, Alvaro de Campos ouve a voz de Deus, sente que os símbolos significam alguma coisa, não conseguindo, porém, deduzir seu significado. O teto da capoeira é inviolável. Não é dado ao homem entender o mistério do além, nem os motivos incompreensíveis dos fados. É sob o domínio desta calma e resignada aceitação que vamos encontrar Alvaro de Campos na seqüência de sonetos intitulada “Barrow-on-Furness”.

A partir do segundo solilóquio, que começa com o famoso verso “To be or not to be”, Hamlet parece resignar-se com a incomplacência dos fados. Neste famoso trecho, ao debater consigo mesmo se deve ou não suicidar-se, Hamlet chega à conclusão que precisa tolerar esta vida, ainda que imperfeita, dado o desconhecimento do que nos espera para além da morte:

And makes us rather bear those ills we have
Than fly to others that we know not of?
Thus conscience does make cowards of us all.⁴²

A covardia é expressa, portanto, no fato de que não sabemos a natureza dêsse além, de onde “no traveller returns” e por isso somos obrigados a aceitar esta vida ainda que inóspita e cruel. A partir dêste solilóquio, o carácter de Hamlet transmuda-se, evidenciando uma calma e fria aceitação da vida. A mudança na personalidade do jovem príncipe é revelada através do contrôle rítmico de suas palavras. Como declara Theodore Spencer no trabalho intitulado *Shakespeare and the Nature of Man*, “a expressão do pensamento de Hamlet se manifesta através do incomparável contrôle de seus versos... estar resignado como Hamlet é estar de nôvo consciente da ordem do universo. A última vez que vimos Hamlet nota-se que transcendeu sua própria situação; não é mais vítima dela”⁴³

É o que igualmente se nos depara nas últimas poesias de Alvaro de Campos, isto é, a partir do poema intitulado “Clearly Non-Campos”. Este poema marca, queremos crer, uma mutação final em Campos que de muito se assemelha a Ricardo Reis. Os primeiros onze versos ainda revelam o

(42) “Hamlet”, Ato II, Cena I, versos 81-83.

(43) Theodore Spencer, *Shakespeare and the Nature of Man* (New York: The Macmillan Co., 1961), p. 109.

poeta emotivo, nauseado ao qual nos habituáramos. Em vez de se agarrar às coisas concretas é um desejo ardente de indefinido que o caracteriza. Súbitamente, num gesto brusco, sua dicção muda para a linguagem peculiar a Reis:

Quatro vêzes mudou a estação falsa
No falso ano, no imutável curso
do Tempo conseqüente;
Ao verde segue o sêco, e ao sêco o verde,
E não sabe ninguém qual é o primeiro
Nem o último, e acabam.⁴⁴

O título dêste poema, assim como o ritmo regular de seus versos, acusam a paternidade de Reis. Ao intitular esta poesia “Decididamente Não Campos”, o autor de “Ode Marítima” evidencia uma atitude diversa da que lhe é usual. O grito de raiva que caracterizava seus versos iniciais é agora sufocado por um contrôle derivado da compenetração de que, apesar de tudo, o mundo continua no seu imutável curso. O verão e o inverno acabam para começar de nôvo infinitamente. Sômente o homem que labuta a meio das estações do ano tem seu fim. As estações obedecem aos fados que são, contudo, indiferentes à situação dos homens.

Na seqüência de sonetos que sucede o poema “Decididamente Não Campos”, domínio emotivo de Campos é igualmente aparente. A semelhança de Hamlet, o poeta, que até aqui fôra desorganizado e impulsivo, acondiciona suas emoções no envólucro rígido do soneto. Álvaro de Campos parece, através da estrutura regular do soneto, dominar a emoção. Não é mais vítima de seu inconformismo com os fados que o levaram a extravasar sua ira em arremessos de múltiplas emoções. Agora, Álvaro de Campos é senhor supremo, não sendo subjugado por suas faculdades emocionais. A longa viagem pelos caminhos tortuosos e estéreis da realidade sem Deus está prestes a chegar ao fim. Sentimos que no seu regresso à pátria, assinalado no último soneto da seqüência, Álvaro de Campos poderá viver até ao fim dos seus dias com o problema que o aflige. A fim de

(44) Pessoa, *Obra Poética*, *op. cit.*, p. 421. Queremos ainda chamar a atenção do leitor para a aproximação entre a personagem Horácio, o amigo de Hamlet, e a de Ricardo Reis. Horácio, que sugere o contrôle de emoção através da disciplina clássica, apresenta o contraste necessário à personalidade desgarrada de Hamlet; tal como acontece entre Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

que não esqueçamos seu drama, o poeta declara ao final do último soneto: “Ah, que ânsia humana de ser rio ou cais!”⁴⁵ Este último verso encerra os dois símbolos que percorrem a obra de Campos — o rio e o cais. Ao justapor êsses dois elementos paradoxalmente apostos, o poeta está realmente afirmando, através de um sutil ironia, sua incapacidade de, por um lado, apreender a eternidade simbolizada pelo rio infinito correndo ininterruptamente e, por outro, de ser meramente um cais que a tudo vê passar e nada busca, duro, sem sentidos, inteiramente inconsciente da “metafísica das sensações”.⁴⁶

É curioso notar que o último poema da seqüência “Barrow-on-Furness” é estruturalmente um soneto shakespeariano quase perfeito.⁴⁷ É o único exemplo dessa forma de soneto na obra de Fernando Pessoa em português (os 35 *Sonnets* compostos pelo poeta em inglês seguem, sem exceção, a estrutura do soneto shakespeariano), e, ao que nos foi possível averiguar, o único soneto desse tipo até esta altura, em língua portuguesa. A razão que levou o poeta a escolher essa forma de soneto parece ligar-se à capacidade que tem o dístico de resumir epigramaticamente o conteúdo expresso nos três quartetos por meio de dois versos perfeitamente regulares rimando entre si. No último soneto da série, o dístico funciona, pois, como um fecho à obra de Álvaro de Campos.⁴⁸ O soneto revela, assim, a presença de William Shakespeare na obra heteronômica de Fernando Pessoa.

(45) *Ibid.*, p. 423.

(46) *Ibid.*

(47) O soneto está dividido em três quartetos e um dístico. A rima, contudo, muito embora apresente a diversidade de rimas do soneto shakespeariano, repete no primeiro e terceiro versos do segundo quarteto a rima dos versos correspondentes no primeiro: a, b, a, b, a, c, c, a, d, e, f, e f. A rima do perfeito soneto shakespeariano abrange a letra g.

(48) Chamamos a atenção do leitor para o fato de o poema “Clearly Non-Campos” e a seqüência de sonetos finais da obra deste heterônimo não estarem datados. No entanto, visto as edições da obra de Pessoa apresentarem invariavelmente estas poesias ao final da obra de Campos, infere-se que o poeta assim o determinara. Com efeito, os organizadores da edição da obra de Fernando Pessoa publicada pela Ática revelam-nos que o poeta, pouco antes de morrer, selecionara os manuscritos colocando-os em maços separados na ordem de atribuição aos vários heterônimos (Vide, “Nota Explicativa”, *Poemas de Alberto Caetano*, 3 Vol., 3.a ed. [Lisboa: Edições Áticas, 1958], p. 17). A corroborar o regresso de Campos à pátria existe a informação fornecida por Pessoa a Casais Monteiro em carta de 13-1-35: “está aqui em Lisboa em inatividade”. P.D.E. 2.a ed., p. 204.

Shakespeare e a Poesia Dramática de Fernando Pessoa

A incapacidade de Fernando Pessoa compor poesia dramática, isto é, poesia que dependa da reprodução de uma experiência e não de qualquer declaração subjetiva do autor acêrca de uma experiência,⁴⁹ já foi devidamente apontada pela crítica pessoana. Gaspar Simões afirma em *Fernando Pessoa: Escôrço Interpretativo de Sua Vida e Obra* que o aparecimento dos heterônimos coincide com a desistência do poeta de escrever poesia dramática:

E se é certo que o aparecimento dos heterônimos corresponde a uma desistência do próprio Fernando Pessoa no caminho da poesia dramática ou de ação, filosófica ou de expressão objetiva, também é verdade que é o primeiro passo para a afirmação decisiva do seu verdadeiro gênio — o qual era português; e, como tal, irremediavelmente lírico, irremissivelmente subjetivo, fatalmente incompleto.⁵⁰

As afirmações do biógrafo de Fernando Pessoa quanto à natureza lírica da obra do poeta são substanciadas por dois eminentes críticos da obra pessoana. Jacinto do Prado Coelho, referindo-se aos dramas de Fernando Pessoa, afirma que para a criação dramática faltava a Pessoa... “a capacidade de pôr em conflito personagens dinâmicas, susceptíveis de alterações profundas sob a acção dos eventos e das outras personagens”.⁵¹ Jorge de Sena, admitindo indiretamente o aspecto não dramático da poesia de Fernando Pessoa, explica-o, no entanto, afirmando que os heterônimos se prendem intimamente à pessoa do autor, não sendo completamente independentes como as personagens dramáticas sobre as quais tem forçosamente que incidir a ação conflitante. Para o crítico, êsse domínio do autor sobre as criações heteronômicas dá lugar, se interpretarmos bem as suas palavras,

(49) “The poem if it be a true poem is a simulacrum of reality — in this sense, at least, it is an ‘imitation’ — by being an experience rather than any mere statement about experience or any mere abstraction from experience” (Cleanth Brooks, *The Well Wrought urn* [New York: Harcourt Brace & World, Inc., 1947], p. 213).

(50) *Op. cit.*, p. 31.

(51) Coelho, *Diversidade e Unidade*, *op. cit.*, p. 169.

a uma expressão mais íntima e pura da consciência de que a vida apresenta aspectos conflitantes.⁵²

O problema se põe, cremos, devido ao conflito entre a moderna interpretação do que seja poesia dramática e as afirmações de Fernando Pessoa em relação à qualidade dramática de sua poesia. Além do poeta ser incapaz de escrever peças teatrais verdadeiramente dramáticas, sua poesia acusa a inabilidade de reproduzir objetivamente uma experiência, através de imagens que consigam reproduzir essa experiência. Os aspectos conflitantes da vida, de que fala Jorge de Sena na passagem que acima livremente transcrevemos, poderiam ser reproduzidos através de experiências criadas objetivamente pelo autor. O conceito de poesia dramática exposto por Fernando Pessoa,⁵³ restringe-se à concepção de personagens — heterônimos — que profere verdades completamente divorciadas d'ele mesmo, isto é, emoções sentidas por uma pessoa diferente que revela sentimentos que o poeta "se esqueceu de sentir".⁵⁴ A capacidade de "voar outro"⁵⁵ e fabricar uma personagem com idéias diferentes das suas é que parece representar para Fernando Pessoa o verdadeiro processo dramático. No entanto, como foi apontado por João Gaspar Simões,⁵⁶ a poesia dos heterônimos é de expressão essencialmente lírica.

A fim de exemplificar sua definição de poesia dramática, Fernando Pessoa vale-se do exemplo de Shakespeare. Para Fernando Pessoa a poesia dos heterônimos está para sua pessoa assim como o Rei Lear está para Shakespeare;⁵⁷ tanto a personagem shakespeariana como o heterônimo expressam

(52) Jorge de Sena, *Da Poesia Portuguesa* (Lisboa: Edições Ática, 1959), p. 179.

(53) A expressão lírica abrange toda obra de Fernando Pessoa; todavia, na obra de Pessoa ortônimo existem algumas composições poéticas tais como, "O Último Sortilégio" e "Eros e Psique" que são essencialmente dramáticas, isto é, apresentam uma experiência inteiramente divorciada dos sentimentos do narrador.

(54) Pessoa, *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*, introdução apêndice e notas do destinatário (Lisboa: Publicações Europa-América, 1957), pp. 101-2.

(55) *Ibid.*

(56) Vide, *supra*, nota 40. Não nos compete, no âmbito do presente contexto, julgar se as personagens heteronômicas criadas por Fernando Pessoa são de fato independentes do autor que as gerou. Seguimos à risca as declarações do poeta a respeito de seu processo dramático.

(57) Pessoa, *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues*, *op. cit.*, p. 75.

idéias diferentes das do seu autor. Em um trecho incluído na edição de Maria Aliete Galhoz da obra poética de Fernando Pessoa, a relação entre o poeta e sua poesia se fundamenta mais uma vez na obra shakespeareana. Os heterônimos são como a personagem Hamlet sem o drama que sobre ela incide.⁵⁸ Através da criação de diversos personagens chega-se à poesia dramática: o poeta é vários poetas “escrevendo em poesia lírica”.⁵⁹ Infere-se, portanto, através da comparação tecida pelo poeta entre sua obra e a de Shakespeare, que existe uma relação entre a concepção dos heterônimos e as personagens shakespeareanas. Todavia, essa relação restringe-se somente à criação de personagens “com estilo próprio e sentimentos porventura diferentes, até opostos, aos típicos do poeta na sua pessoa viva”⁶⁰ e não à poesia dramática que emana da ação das personagens, transformando-as no decorrer da peça ou mesmo à poesia que, não fazendo parte de qualquer drama, recria uma experiência totalmente divorciada da exposição subjetiva de seu autor ainda que este venha a assumir uma personalidade diferente.

Que Fernando Pessoa nos exemplos tirados da obra dramática de William Shakespeare tenha apenas levado em consideração a criação das diversas personagens diferentes do seu autor e não a própria essência dramática da poesia shakespeareana nos parece deveras estranho a não ser que possamos explicar essa atitude através da maneira pela qual a crítica literária do século dezenove encarava a obra de Shakespeare.

A peça de William Shakespeare prescrita para o exame de admissão, “The Life of King Henry the Fifth”, não apresenta a íntima relação entre a ação e as personagens essencial à poesia dramática. A personagem do rei Henrique não se desenvolve no decurso da peça. É uma personagem

(58) *Idem, Obra Poética, op. cit.*, p. 199.

(59) *Ibid.*

(60) *Ibid.* “O quarto grau de poesia lírica é aquele muito mais raro em que o poeta, mais intelectual ainda, mas igualmente imaginativo, entra em plena despersonalização. Não só sente, mas vive, os estados de alma, que não tem diretamente. Em grande maioria dos casos cairá na poesia dramática, propriamente dita, como fez Shakespeare, poeta substancialmente lírico erguido a dramático pelo espantoso grau de despersonalização que atingiu”. *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho (Lisboa: Edições Ática, 1966), p. 68.

estaticamente heróica imposta pelo dramaturgo de fora da ação. A poesia surge retoricamente da bôca das personagens fantoches e não da ação conflitante. Mark Van Doren, referindo-se à qualidade retórica da poesia de "Henry V", afirma que ela é tôda mental, "from the top of his (Shakespeare) mind".⁶¹ E mais adiante o crítico exemplifica:

... (the) verse is wonderful but it has to be, for it is doing the work which the play ought to be doing, it is a substitute for scene and action.²⁶

Estamos perante uma peça de Shakespeare que é, apesar de dramática na criação de personagens fictícias, essencialmente lírica. Apesar da diferença entre as personagens do drama e seu autor, inerentes a qualquer peça dramática, a personalidade do rei Henrique é diametralmente oposta à do seu criador. O rei é confidente, corajoso e direto; odeia a poesia e a inatividade; é o protótipo do homem de ação. Essa flagrante oposição entre o autor e as personagens, assim como a natureza lírica da poesia em "Henry V" preenche o requisito de Fernando Pessoa quanto à definição de poesia dramática.⁶³

A inclusão desta peça no exame de admissão realizado por Fernando Pessoa em 1903 parece, à primeira vista, ser devida ao elemento nacionalista a ela inerente. Assim como durante a Segunda Guerra Mundial sua adaptação cinematográfica serviu para unir os povos de língua anglo-saxônica, também em 1903, durante a Guerra dos Bôers, sua leitura ajudaria a intensificar o patriotismo dos jovens estudantes ingleses na longínqua Colônia do Cabo.⁶⁴ Devemo-nos

(61) Van Dorem, *op. cit.*, p. 144.

(62) *Ibid.* "O verso é maravilhoso, mas tem de ser, porque age em substituição a peça; substitui a cena e a ação".

(63) Em *Páginas de Estética*, Pessoa enaltece as qualidades artísticas e psicológicas de Shakespeare, condenando suas virtudes dramáticas: "Em Shakespeare, nas suas peças dramáticas, predomina o elemento psicológico sobre o elemento dramático. Shakespeare se encontra aquém do ideal dramático. p. 88. E mais adiante: "Houve, sim, em Shakespeare, psicólogo sem igual, porém artista irregular e dramata imperfeito; houve em Molière, grande dramata, porém artista e psicólogo insuficiente". p. 97. "É na criação das figuras que fazem êsses gracejos que o gênio se apresenta subjacente ao espírito; a grandeza reside, não no que Falstaff disse, mas no que Falstaff é. O gênio fez a figura; o espírito pôs esta a falar." p. 237.

(64) "Shakespeare era excessivamente patriota". *Páginas de Estética*, p. 132.

lembrar, todavia, que além do elemento patriótico, a peça “Henry V”, ao contrário do que hoje acontece pelas razões atrás descritas, deveria gozar de um certo prestígio entre os críticos e poetas do século dezenove. A crítica romântica e vitoriana estava muito mais interessada nas personagens shakespeareanas do que na estrutura dramática de sua obra.

..., o século dezenove encarava Shakespeare como grande *biógrafo* e não como excepcional dramaturgo. Com esta tendência surge um interesse enorme na vida das personagens fora do palco e até mesmo o próprio contexto dramático das peças era analisado como se fôsse biografia: os críticos especulavam acêrca da infância e juventude de Cordélia ou sôbre a vida de Hamlet na Universidade de Wittenberg.⁶⁵

Já que a crítica do século dezenove estava principalmente interessada na vida fictícia das personagens criadas por William Shakespeare, o jovem Fernando Pessoa deveria ter recebido essa influência crítica nas aulas de literatura da *Durban High School*.⁶⁶ Nosso estudo da definição de poesia dramática de Fernando Pessoa revela que, na concepção do poeta, poesia dramática é a expressa por vários poetas com sentimentos e idéias diversas das do seu autor. Ao exemplificar sua poesia dramática, Fernando Pessoa cita a personalidade das personagens de Shakespeare, acentuando a dra-

(65) Cleanth Brooks, *Modern Poetry and the Tradition* (Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1939), p. 216. (T. do A.)

(66) A importância da personagem versus ação dramática é assinalada por Fernando Pessoa nos vários livros acêrca da obra shakespereana existentes em sua biblioteca. Veremos que o problema o acompanhou por toda vida: “*It is the duty of the dramatist to assimilate to himself the minds and feelings of his characters...*” E. J. Mathew, *A History of English Literature* (London: Macmillan, 1901); numa outra obra, Pessoa escreveu *good* à margem da seguinte declaração sôbre a delineação da personagem ser ofuscada por um enredo bem desenvolvido: “*When a plot engrosses the vitality of a dramatist’s mind, his character drawing dies; so here*”; Masfield, *Shakespeare* (London: Williams and Norgate, s/d), p. 49. No volume de J. M. Robertson, *The Genuine in Shakespeare* (London: Routledge and Sons, Ltd.), publicado em 1930, Pessoa continua a destacar declarações que apoiam a tese da maior importância da delineação da personagem sôbre a ação dramática. “*Great genius for dramatic poetry, then, consists not in plot making or plot constructing; and the gift for these yields in the main immemorable work. The required genius consists, fundamentally, in the power to conceive or create what we feel to be living personalities; to enter into any kind of soul in any dramatic situation; to make us feel that in each we are listening to a real voice, even in verse, which actual people do not speak.*” p. 30.

mática diversidade que as separa do ser que as gerou: Shakespeare não é mulher nem histero-epilético como Lady Macbeth.⁶⁷ Mediante a concepção crítica vitoriana da obra de Shakespeare, “Henry V”, apresentava uma personagem modelar e enaltecia os feitos heróicos dos ingleses. É de crer, portanto, que Fernando Pessoa assimilasse na sua formação artística a obra dramática do vate inglês, encarando-a apenas como a expressão, através de personagens, de diversas maneiras de sentir, “diversos tipos psíquicos”, sem levar em consideração o desenvolvimento dramático da obra Shakespeareana.

Na análise que fizemos da contribuição da obra de William Shakespeare, especialmente da peça prescrita no exame de admissão, foi nosso intuito averiguar as relações entre a poesia dos heterônimos e a obra do dramaturgo inglês. A insinceridade de William Shakespeare é reconhecida por Fernando Pessoa como uma constante sinceridade porque expressa idéias diversas através de múltiplas personagens divorciadas dos sentimentos do autor que as gerou. Fernando Pessoa, quis igualmente expressar diversas maneiras de sentir através dos vários heterônimos, os quais, no entanto, formam um conjunto dramático.⁷⁸

A vida e a obra dos heterônimos Ricardo Reis e Alvaro de Campos, tal como foram arquitetadas por Fernando Pessoa, têm relação com as personagens da obra dramática de William Shakespeare, especialmente com as que compõem as tragédias escritas na sua maturidade, ou seja, de “Hamlet” em diante. Ricardo Reis aceita, à maneira clássica, estoicamente a ausência de Deus e a indiferença dos fados como as personagens em Shakespeare. Sua atitude para com a existência dos deuses — os fados não existem ou não interferem na vida humana — é, à semelhança da do vate inglês, paradoxal. Alvaro de Campos protesta, de início raivosa-

(67) Pessoa, *Obra Poética, op. cit.*, p. 199. “Shakespeare fez personagens mais psicológicas do que Ibsen. Personagens mais inteiramente verdadeiras... A ciência moderna pasma perante a perfeição sintomatológica com que são delineadas, vivas e concretas, com os traços físicos como os psíquicos, a histero-neurastenia de Hamlet, a demência senil de Lear, a histero-epilepsia de Lady Macbeth”. *Páginas Estéticas*, p. 95. Note-se a análise extra-textual.

(68) Pessoa, “Tábua Bibliográfica”, in *Presença* (Coimbra) n.º 17, reproduzida em parte em *Fernando Pessoa*, apresentação de João Alves das Neves (São Paulo: Editora Iris, s/d), pp. 146-7.

mente, a incapacidade de entender o mistério do mundo. Atinge, no entanto, progressivamente, a disciplina emocional que lhe permite, como a Hamlet, viver com o seu problema. A contribuição da obra shakespeareana para a formação artística de Fernando Pessoa é até mesmo, em alguns casos, evidenciada através de semelhanças textuais entre a poesia de Shakespeare e a destes dois heterônimos.

Alberto Caeiro apresenta uma filosofia que não tem correspondente na obra de Shakespeare. Sua posição, muito embora traga felicidade é, contudo, frágil. Fernando Pessoa, reconhecendo que as coisas materiais são imbuídas de mistério, é forçado a abandonar seu mestre. Embora não haja correspondente à atitude de Caeiro na obra de Shakespeare, sua poesia faz parte da reação humana para com o mistério do universo expressa pelos heterônimos. Tôda a obra dos heterônimos idealizados por Fernando Pessoa é essencialmente terrena, isto é, descreve o conflito entre o homem e sua inabilidade de aprender o além. Para os heterônimos, nossa existência é delimitada por uma barreira intransponível para além da qual existe o nada ou divindades indiferentes ao destino do homem.⁶⁹ A poesia de Fernando Pessoa ortônimo, por outro lado, tenta reproduzir, à maneira de Samuel Taylor Coleridge, o outro mundo irreal através da música e do sonho.

(69) Em carta a Francisco Costa o poeta descreve a insinceridade de Shakespeare como sendo a expressão de diversos “tipos psíquicos — verdades gerais ‘humanas’ — em cuja expressão se empenhou”. (Vide, Pessoa, “Carta a Francisco Costa”, reproduzida em Guibert, *Fernando Pessoa*, *op. cit.*, pp. 212-3 e Jacinto do Prado Coelho, *Diversidade e Unidade*, *op. cit.*, p. 169).

III. O CONCEITO POÉTICO DE ODE

Assim como a definição de ironia havia sido o tema central da prova de inglês relacionada com os ensaios de *The Spectator* de autoria de Joseph Addison e Richard Steele, o conceito poético de *ode* representava o tema principal da prova a respeito de alguns poemas do segundo livro da *Golden Treasury*, antologia editada pelo compilador vitoriano Frances Turner Palgrave.

O estudo que segue visa identificar a contribuição das odes e demais poesias da referida antologia para a formação artística de Fernando Pessoa. A fim de determinarmos a extensão desse contributo, analisaremos as odes prescritas, relacionando-as com as odes constantes da obra heteronômica de Ricardo Reis e Alvaro de Campos. Nossa análise das odes elaboradas por êstes dois heterônimos restringe-se principalmente à averiguação dos elementos nelas contidos que possam haver sido assimilados em decorrência dos estudos empreendidos por Fernando Pessoa a fim de prestar a prova de inglês do *Intermediate Examination*.

Como já tivemos ocasião de apontar, ao avaliarmos a estrutura do exame de inglês correspondente ao *Intermediate*, essa prova dividia-se em duas partes iguais de três horas cada: a prova de língua e a prova de literatura. Esta última dividia-se em três secções diferentes: *A*, *B* e *C*. A secção *A* estava relacionada com o segundo livro, *Book II*, da obra de Thomas Carlyle intitulada *Past and Present* que estudaremos adiante; a secção *C* versava sôbre história literária abrangendo os anos de 1579-1700*; a secção *B* dizia respeito aos poemas incluídos às páginas um a trinta e um e setenta e um a noventa do segundo livro, *Book II*, da antologia de

(*) Pessoa anotou no livro de Mathew, *A History of English Literature*, *op. cit.*, as páginas correspondentes ao exame de história literária: pp. 109-275; e o ano inicial do período compreendido no exame, 1524.

Palgrave editada por Bell.¹ Três das treze perguntas da prova de literatura referiam-se a esta antologia — perguntas quatro, cinco e seis. Na quarta pergunta os examinadores davam uma definição de ode e exigiam que o candidato a exemplificasse apoiando-se em uma das odes de Milton prescritas. O mesmo deveria ser feito na parte *b* dessa mesma pergunta em referência a duas odes de Dryden. O candidato precisaria comparar e contrastar as odes de Dryden com a de Milton a fim de ilustrar a diferença entre as odes escritas por estes dois autores.

Era a seguinte a definição de ode fornecida ao candidato:

Qualquer poema bem elaborado de natureza apostrófica ou de prolongada meditação intelectual sôbre um tema único de interesse geral deve ser classificado como ode.²

A primeira ode de Milton incluída na antologia de Palgrave intitulava-se “Ode on the Morning of Christ’s Nativity”. Esta composição não é a forma de apóstrofe; versa, antes, sôbre um tema de importância transcendental — o nascimento de Jesus Cristo. A meditação intelectual prolongada a que alude a definição acima transcrita é encontrada na riqueza do vocabulário, na evocação dos mitos pagãos, substituídos, aliás, com o advento do Cristo Salvador, pelos anjos do Cristianismo — o querubim e o serafim³ — e na estrutura da ode.

A “Ode on the Morning of Christ’s Nativity” representa uma adaptação para a literatura inglesa da ode pindárica.⁴ É principalmente a estrutura da ode clássica de Píndaro,

-
- (1) Vide, apêndice II. Na biblioteca de Fernando Pessoa encontra-se o exemplar usado pelo poeta: *Palgrave’s Golden Treasury of Songs and Lyrics*. Book Second, Bell. Na contra capa estão anotadas as páginas prescritas no exame — pp. 1-31; 71-90; Ass. F. A. N. Pessoa. Form vi. Existe um outro exemplar da antologia na biblioteca de Fernando Pessoa: *Palgrave’s, The Golden Treasury* (London: Oxford University Press, 1926). Sem assinatura ou anotações.
 - (2) Vide, apêndice II. “Any poem finely wrought, which is of the nature of an apostrophe or of sustained intellectual meditation on a single theme of general purport, should be classed as an ode.” (Tradução do Autor).
 - (3) Gilbert Highet, *The Classical Tradition*, *op. cit.*, p. 238.
 - (4) *Ibid.* Fernando Pessoa anotou no seu exemplar da antologia, à margem do poema, os méritos e deficiências da ode: *inequality of treatment* (desigualdade de tratamento); *Weak and inappropriate ending* (final fraco e inadequado); *The conception and arrangement of the ode are remarkable* (a construção e organização da ode são admiráveis).

adaptada por Milton, que dota êste poema do contrôle indispensável à prolongada meditação intelectual de que fala a definição de ode constante do exame. Ao adaptar a ode de Píndaro a seu poema, Milton abandonou a forma tripartida das odes do poeta grego — a estrofe, antístrofe e epodo — conservando, porém, a assimetria controlada das estrofes de Píndaro. O poema de Milton é composto de estrofes idênticas que se repetem por tôda a extensão do poema.

Gilbert Highet em seu trabalho *The Classical Tradition* elucida que os versos dentro da estrofe pindárica não são rimados, nem têm a mesma extensão. Visto as odes de Píndaro haverem sido compostas para serem dançadas ou cantadas, os versos são determinados por pausas respiratórias: “Pindar divided his stanzas by breathing-spaces into verses”.⁵ Existem afinidades rítmicas entre dois ou mais versos de uma mesma estrofe. O efeito global atingido na estrofe pelos versos de ritmos e extensão afins, formando grupos que contrastam com outros, é comparável, de acôrdo com Highet, às frases musicais de um poema sinfônico.⁶ O padrão assimétrico estabelecido pelos versos da estrofe se repete exatamente na antístrofe. O epodo, no entanto, apresenta um esquema diferente das duas primeiras estrofes, repetindo-se, todavia, êsse esquema em cada um dos epodos que compõem o poema.

John Milton no poema “Ode on the Morning of Christ’ Nativity” mantém a irregularidade do verso de Píndaro. Cada uma das estrofes é formada por oito versos irregulares. Todavia, a fim de acentuar as afinidades rítmicas entre os versos da estrofe, o poeta estabelece sua ligação através de rimas.

But see The Virgin blest
Hath laid her babe to rest;
Time is, our tedious song should here have ending:
Heaven’s youngest-teeméd star
Hath fix’d her polish’d car,
Her sleeping Lord with Hand maid lamp attending:
And all about the courtly stable
Bright-harnessed Angels sit in order serviceable.⁷

(5) *Ibid.*, p. 222.

(6) *Ibid.*, p. 223.

(7) Palgrave, *op. cit.*, p. 61.

As rimas que estabelecem as afinidades entre os versos neste poema são as seguintes: *a, a, b, c, c, b, d, d*. Este mesmo padrão se repete em tôdas as estrofes ao longo do poema. Ao basear-se na ode pindárica a fim de escrever a presente ode, Milton conseguiu dotá-la de um contrôle estrutural que contribuiu, sem dúvida, para a sua elaborada organização, *finely wrought*. Através dêsse contrôle, o poeta consegue fazer incidir o intelecto sôbre a emoção. Como veremos adiante, as odes prescritas na prova de inglês do exame intermédio vão pouco a pouco perdendo o poder do intelecto até que nas odes de Dryden a emoção sobreleva o raciocínio.

A segunda ode de Milton que poderia ter sido escolhida por Fernando Pessoa a fim de ilustrar a definição de ode fornecida aos examinandos intitulava-se “Lycidas”.⁸ A ode lamenta a morte de Edward King — colega do poeta inglês, afogado no mar da Irlanda. Ao contrário da ode anterior “Lycidas” é escrita de maneira apostrófica. Milton dirige-se alternadamente à Musa e às várias divindades campestres, figuras da poesia clássica pastoral, pedindo-lhes que ajudem o poeta na sua mágoa pela morte do amigo que cognomina de Lycidas. O poema é elaborado em linguagem nobre e elevada, sendo freqüentes as alusões aos mitos da literatura clássica.

A estrutura de “Lycidas” antecipa a forma irregular de ode, da qual trataremos adiante. Os versos e as estrofes são de variada extensão; a métrica é irregular e a rima é incluída onde surte melhor efeito. Todavia, mesmo irregular, “Lycidas” acusa a influência clássica. A riqueza dos mitos a coloca ao lado das odes de Píndaro, enquanto o pensamento pausado reflexivo, assim como os versos longos quase todos do mesmo comprimento, apesar de sua irregularidade, evi-

(8) Num livro existente em sua biblioteca, que deveria tê-lo ajudado a se preparar para êste exame, Fernando Pessoa anotou, referindo-se a *Lycidas*: “Sublimity is a rarer quality than genius” (A sublimidade é uma qualidade mais rara do que o gênio), William P. Trent, *John Milton* (New York: The Macmillan Co., 1899), p. 91. E em *Páginas de Estética, op. cit.*, “Mas toda a nossa cultura e maior latitude de experiência tanto da cultura como da sensação não nos induzirão a fazer de ‘Lycidas’ percusor seja do que for, a não ser de algo que valha menos que ‘Lycidas’”. P. 271. “Há uma nota de imortalidade, uma música de permanência, subtilmente entretecida na substância de alguns ritmos e nas melodias de alguns poemas. Há um ritmo de outra linguagem em que o ouvido atento pode descortinar a nota de confiança de um deus na sua divindade. Esta nota soa nos sonetos de Milton, em ‘Lycidas’”. P. 285.

denciam algo do cansaço e resignação inerentes ao poema elegíaco. Tomando o poema como um todo, observa-se que há quatro ou cinco movimentos distintos — sem conexão entre si, a não ser o tema que lhes é comum — o lamento por Edward King.

A terceira composição poética de Milton, a qual o candidato precisaria examinar à luz da definição de ode fornecida pelos examinadores, intitula-se “L’Allegro” e “Il Penseroso”. Na realidade são dois poemas diferentes, unificados, contudo, por tratarem de dois aspectos da personalidade do autor — o lado festivo ou alegre e o lado triste ou melancólico. Os poemas são elaborados na forma de apóstrofe; dirigem-se a uma mesma idéia abstrata — a melancolia. Em “L’Allegro”, o poeta pede que a melancolia se afaste, enquanto em “Il Penseroso” roga que ela dêle se acerque. Ambos os poemas desenvolvem sua ação no espaço de um dia de vinte e quatro horas. “L’Allegro” principia antes do raiar do sol e desenrola-se, na maior parte, durante o dia. A ação de “Il Penseroso” começa durante o crepúsculo, percorre a noite e entra pelo dia adentro; êste último poema tem vinte e quatro versos a mais que “L’Allegro”. Os dois poemas, à primeira vista díspares, se conjugam realmente através da personalidade solitária, reflexiva e observadora do protagonista. Os dois estados de espírito são dois polos opostos que o narrador tenta evitar. Para êle o homem completo estará equidistante da “L’Allegro” e do “Il Penseroso”.⁹ Cleanth Brooks, em seu trabalho *The Well Wrought Urn*, sugere que os dois poemas se unificam também através do simbolismo da luz.¹⁰ Mais adiante, ao estudarmos a contribuição dêste poema para a formação artística de Fernando Pessoa, examinaremos mais detalhadamente o simbolismo em “L’Allegro” e “Il Penseroso”.

A próxima Ode de Milton estudada por Fernando Pessoa intitula-se “At a Solemn Music” e é escrita também na for-

(9) Kenneth Muir, *John Milton* (London: Longmans, 1955), p. 28.

(10) Brooks, *The Well Wrought Urn, op. cit.*, p. 59.

No exemplar da antologia de Palgrave de sua biblioteca, Pessoa anotou no próprio punho à margem dêste poema: “True musical delight: apt numbers, fit quantities of syllables and the sense variously drawn out from one verse to another” (Um verdadeiro deleite musical: a métrica é adequada, a quantidade de sílabas perfeita e o sentido é induzido variadamente de um verso para o outro). Tradução do Autor.

ma apostrofica. John Milton dirige-se ao verso e à voz pedindo-lhes para que se conjuguem a fim de cantar a Deus:

Blest pair of Sirens, pledges of Heaven's Joy,
Sphere-born harmonious Sisters, Voice and Verse.¹¹

Esta citação precisaria ser identificada por Fernando Pessoa na segunda parte do exame a respeito da antologia de Palgrave. Nela está contido o tema do poema. John Milton evoca a ajuda das duas irmãs harmoniosas, a voz e o verso, a fim de poder penetrar as coisas mortas e revivê-las, imbuindo-se de sentido. Ultimamente, diz-nos o poeta, as vozes dos homens não têm podido alcançar o céu, em virtude do pecado ter quebrado o sino da natureza, *nature's chime*. No último quarteto, o poeta invoca a voz e o verso a fim de, através da música, podermos novamente fazer parte da família celestial e viver em uma infinita manhã de luz: "To live with him, and ring in endless morn of light!"¹² No que diz respeito à estrutura, estamos perante uma adaptação da ode pindárica.¹³ Os versos são irregulares e ligados entre si por um esquema rítmico composto em sua maioria por dísticos. Muito embora o ode "At a Solemn Music" seja considerada uma ode pindárica, principalmente pela sua semelhança com as diferentes vozes de um cântico sugeridas pela irregularidade dos versos, estamos já longe dos conjuntos rítmicos ligados entre si no âmbito da estrofe, que se repetiam em correspondência na antístrofe. De fato, a ode pindárica nas mãos de Milton sofreu progressivas transformações até que em "At a Solemn Music" distingue-se única e principalmente pelo contraste dos versos irregulares, buscando imitar as diferentes vozes do cântico ou os vários instrumentos de uma orquestra.¹⁴

As duas odes de Dryden que o candidato precisaria encaixar na definição de ode são consideradas irregulares.

(11) Palgrave, *op. cit.*, p. 129 (Vide, apêndice II). A expressão *sphereborn* refere-se à idéia renascentista, oriunda da literatura clássica, de que as esferas no seu movimento pelo espaço produziam sons musicais (Spencer, *Shakespeare and the Nature of Man, op. cit.*, p. 7 e 8).

(12) *Ibid.*, p. 130.

(13) Highet, *op. cit.*, p. 240.

(14) *Ibid.*, p. 240. Para Highet os versos de Milton nesta ode não ecoam sons musicais. Todavia, F. R. Leavis, em seu estudo intitulado *Revaluation* (Middlesex, England: Penguin Books, 1936), p. 54, confirma nossa impressão de que a intensa musicalidade dos versos de Milton obscurece o significado da Ode.

Como já vimos, a forma irregular de ode foi usada por John Milton nas suas adaptações da ode pindárica. “Lycidas” é irregular; a rima é usada pelo poeta onde surte maior efeito e as estrofes são de tamanhos diferentes. Todavia, foi com as odes elaboradas por Abraham Cowley (1618-6E), que êsses poemas passaram a ser cognominados de odes irregulares. A ode irregular composta por Cowley surgiu da incapacidade de o poeta renascentista elaborar odes pindáricas. Cowley acreditava haver criado odes à maneira de Píndaro e reuniu suas quinze odes num volume com o nome de *Pindarics*. Uma das perguntas da prova de história literária prestada por Fernando Pessoa refere-se a esta publicação.¹⁵ As odes pindáricas escritas por Abraham Cowley são rimadas. As estrofes não têm a mesma extensão e os versos são irregulares. Na ode irregular, o poeta está completamente à vontade para variar o comprimento de seus versos e para colocar a rima onde fôr conveniente a fim de surtir um efeito musical maior. Gilbert Highet acrescenta que a ode irregular estabelecida por Cowley contribuiu para que os subseqüentes autores de odes se deixassem dominar pela emoção de seus versos.¹⁶ Para a época barroca, já refletida na obra de John Dryden, isso significava a transformação das odes irregulares em pura música. “Song for St. Cecilia’s Day”, uma das odes de Dryden prescritas para a prova, foi musicada por um compositor de ópera italiano, Drafhi, e “Alexander’s Feast”, a outra ode de Dryden, foi musicada por Haendel.¹⁷ As duas odes de John Dryden incluídas na antologia de Palgrave distinguíam-se pela repetição de rimas, pela assimetria de seus versos e pela linguagem que, sacrificando o sentido das palavras, as aproximava dos sons inerentes às composições musicais. As odes de Dryden não eram apostróficas nem expressavam uma meditação intelectual profunda, elementos que, de acôrdo com a definição fornecida aos examinandos, eram vitais à natureza da ode.

Pelo contrário, as odes em questão representavam uma ascendência completa da emoção sôbre o raciocínio. Conservaram, no entanto, a cognominação de ode, em via da riqueza

(15) Vide, apêndice II. Também em *Lives of the Poets* de Samuel Johnson existe um estudo acêrca de Abraham Cowley. Fernando Pessoa pediu o livro de Johnson como parte do prêmio que lhe foi conferido por haver ganho o “Prêmio Rainha Vitória”.

(16) Highet, *op. cit.*, p. 240.

(17) *Ibid.*, p. 240-1.

de sua linguagem e da intencional reprodução do movimento e harmonia musical. Como é comumente sabido, nos primórdios da literatura ode significava canção.

A quinta pergunta do exame relacionado com a antologia de Palgrave versava sobre a identificação do tema central de seis poemas, cujos primeiros versos, à guisa de títulos, eram fornecidos aos candidatos. Estes poderiam escolher três dos poemas apresentados, ilustrando o tema central dos mesmos através da citação de memória de alguns versos ou de uma estrofe completa.¹⁸ Dentre os trechos apresentados está o primeiro verso de uma estrofe pertencente a uma ode de Ben Jonson: "It is not growing like a tree". A ode intitulava-se "To the Immortal Memorie, and Friendship of that Noble Paire, Sir Lucius Cary and Sir H. Morison" e era escrita à maneira de Píndaro. A estrofe a que se refere o exame é a primeira da terceira progressão tripartida da ode.¹⁹ Podemos observar na estrofe transcrita na antologia de Palgrave os versos irregulares e os conjuntos rítmicos no âmbito da estrofe, característicos das odes de Píndaro:

It is not growing like a tree
In bulk, doth make a Man better be;
Or standing long an oak, three hundred year,
To fall a log at last, dry, bald and sere:
 A lily of a day
 Is fairer far in May
Although it fall and die that night;
It was the plant and flower of light.
In small proportion we just beauties see;
And in short measure, life may perfect be.²⁰

A relação entre os versos — conjuntos rítmicos — é acentuada pelo poeta através de rimas. Cada dístico é destacado por rimas idênticas. Os versos são irregulares e existe uma acentuada diversificação entre os vários dísticos. Referindo-se à forma pindárica desta estrofe, Gilbert Highet

(18) Vide, apêndice II.

(19) W. H. Auden and Norman Holmes Pearson (eds), "Marlowe to Marvell", *Poets of the English Language*, Vol. II (New York: The Viking Press, 1950), pp. 344-48.

(20) Palgrave, *op. cit.*, p. 225. Contestando a afirmação do autor em referência à Ode de Jonson ser uma "pequena lírica", Pessoa anota com toda razão: "It is not a little lyric". Mathew, *op. cit.* Tão famosa se tornara esta estrofe que a crítica a divorciou do resto do poema. Aos dezesseis anos, Fernando Pessoa corrige, portanto, o historiador literário.

declara ser esta ode, quanto ao conteúdo, mais à maneira de Horácio do que de Píndaro. A meditação ponderada, o desenvolvimento vagaroso e calmo evidenciam afinidades de pensamento com o poeta latino.²¹

Afora a afinidade de conteúdo nesta ode de Ben Jonson, a influência das odes de Horácio é aparente apenas em um dos poemas prescritos na antologia de Palgrave. A literatura inglesa parece ter sofrido, nesta época, muito mais a influência grega do que a da literatura latina, muito embora esta última se faça presente em Milton cujo poema *Lycidas* acusa a influência de Vergílio. Quase todos os poetas estudados a esta altura por Fernando Pessoa parecem seguir, na elaboração de odes, os modelos da poesia grega de Píndaro. A Ode de Andrew Marvell, no entanto, é considerada o exemplo clássico de ode horaciana adaptada à poesia inglesa. Na sexta pergunta a primeira citação que o examinando precisaria identificar pertence à ode de Marvell intitulada "Horation Ode Upon Crowell's Return from Ireland". É o seguinte o trecho a ser identificado:

He nothing common did or mean
Upon that memorable scene,
 But with his keener eye
 The axe's edge did try.²²

Muito embora Marvell mantivesse a dignidade e o controle emocional da ode horaciana, a estrofe acima transcrita evidencia a adaptação que o poeta fez da ode de Horácio para a literatura inglesa. Os dísticos são rimados. Além disso, o primeiro dístico apresenta em todas as estrofes quatro pés iâmbicos, enquanto o segundo é composto por três. Marvell não mantém, é claro, o ritmo dos versos latinos, mas adapta-os à métrica da poesia inglesa.

Fernando Pessoa e as Odes Prescritas

Com a exceção de alguns sonetos de Milton, os poemas constantes do "Livro II" da antologia de Palgrave seguiam todos a forma de ode. Os prescritos nas páginas sobre as

(21) Highet, *op. cit.*, p. 238.

(22) Palgrave, *op. cit.*, p. 67.

quais incidiam o exame versavam assunto transcendental ou metafísico; os examinadores haviam excluído do âmbito da prova os poemas que figuravam nas páginas trinta e um e setenta e um, cujo tema central era o amor.²³

No que diz respeito à ode como forma poética, os poemas prescritos exemplificavam o modo pelo qual os poetas ingleses da época incorporaram a ode greco-latina à tradição poética inglesa. Jonson, Milton, Cowley e Andrew Marvell eram poetas voltados para os clássicos, ao contrário de Shakespeare que, na opinião de Jonson, “não conhecia quase nenhum latim e muito menos o grego.” É fácil de ver a predominância do modelo grego de Píndaro nos poemas do exame, muito embora seus autores acusassem igualmente a presença da literatura latina, notadamente Vergílio e Horácio, no conjunto de sua obra. Milton compôs odes horácianas e “Lycidas” reflete a influência de Virgílio. No entanto, é a controlada liberdade formal de Píndaro, a riqueza dos mitos e a extensão das odes que parece atrair os autores citados.

Havia apenas uma composição nesta prova, se exce tuarmos a ode de Ben Jonson que, como vimos, seguia o modelo horaciano no desenrolar pausado e calmo do pensamento, que sem sombra de dúvida está ligada à ode de Horácio. É a que atrás indicamos intitulada “Horation Ode Upon Cromwell’s Return from Ireland”. Esta ode, contudo, difere da matriz horaciana no emprêgo da rima e na regularidade dos versos jâmbicos.

Como acontece com outros tópicos anteriormente estudados — ironia, dramaticidade e sinceridade — a contribuição destas odes para a formação artísticas de Fernando Pessoa é-nos transmitida, através do conjunto da obra e não por meio de paralelos ou referências específicas:

O movimento da ode grega — estrofe, antístrofe, epodo — não representa uma *invenção* dos gregos, mas uma *descoberta* sua. Não é um postulado da inteligência grega; é um axioma da inteligência humana, que aos gregos foi dado encontrar... Este triplo movimento não é só a lei da ode, o fundamento interno da poesia lírica; é, mais, a lei orgânica da disciplina mental, o regulamento eterno da criação psíquica.²⁴

(23) Palgrave, *op. cit.*

(24) *Páginas de Estética, op. cit.*, p. 141.

A ode é uma das formas poéticas mais comumente usadas por Fernando Pessoa, quer seja nos exemplos fornecidos pelas odes curtas, extremamente concisas e emocionalmente refreadas subscritas pelo heterônimo Ricardo Reis, quer seja naqueles evidenciados pelas odes de Alvaro de Campos em que as estâncias se multiplicam ao longo do poema e a emoção livre e desenfreada é-nos transmitida em uma linguagem frouxa e prosaica, que obedece, porém, a um controle íntimo expresso principalmente através da rima interna e das exigências formais do conjunto orgânico da ode.

O estudo sobre a ode realizado em preparação para a prova do exame intermédio não se nos afigura inteiramente alheio à predominância desta forma poética no âmbito da produção artística de Fernando Pessoa, mormente na atribuída aos heterônimos Álvaro de Campos e Ricardo Reis, que poderia ser filiada respectivamente a Horácio e a Píndaro. A este, relacionam-se as odes de Campos—composições de largo fôlego, plenas de emoção incontida, imperceptivelmente refreadas pela disciplina de conjunto; àquele, as de Ricardo Reis—odes de parca duração, rigidamente controladas por meio de uma linguagem concisa e intensamente poética. Em ambos os casos, não nos parece desmedido vislumbrar, na gênese das odes, o exemplo dado pelos poetas ingleses prescritos na antologia de Palgrave nas adaptações que fizeram das odes greco-latinas.

Subjacente aos exemplos de autores ingleses que acusam, em várias de suas composições poéticas, influências da literatura clássica, com os quais Fernando Pessoa se familiarizou durante os preparativos para a prova do exame intermédio, há ainda a assinalar a importância dos estudos latinos no âmbito do sistema escolar inglês²⁴ e, mais particularmente, a proficiência com que o *Headmaster* Nicholas dotou esses estudos na *Durban High School*. Os contemporâneos do poeta fizeram publicar nas páginas da revista da escola suas traduções poéticas de alguns autores da literatura grego-latina²⁵ e o próprio Fernando Pessoa, como é evidente em do-

(24) Na prova de latim, que estudaremos adiante, há indícios de que os candidatos precisariam verter poeticamente para o inglês os originais versos latinos. Vide capítulo VI.

(25) Segundo informações gentilmente cedidas por Hubert Jennings, são as seguintes as indicações referentes a essas traduções: Horácio, Ode II.4. *Durban High School Magazine*, n.º 1, 1901, p. 6; Horácio, Ode I.22, *Ibid.*, n.º 2, 1901 (rimada em forma de quadra); Horácio epístola I,1, *Ibid.*, n.º 12, 1903; fragmento de Anacreonte, *Ibid.*, n.º 8, 1902.

cumentos e anotações existentes no espólio, empenhava-se, a esta data, em escrever versos conforme os padrões métricos da literatura clássica. É curioso notar que estas experiências já revelam adaptações e são praticadas tanto na língua inglesa como na portuguesa.²⁶ Existe também no aludido espólio um caderno escolar, encetado a esta época, que contém um poema intitulado, “Sub Umbra”, com data de agosto de 1904 e a tradução para o inglês de um poema de Catulo, com a indicação “Catullus, 70”, e a data de janeiro, 1905:

My sweet swears to love none but me
That Jove should beg her grace in vain
But what woman tells her hungering Swain
Oh, write it in the winds that flee,
And on the swift waves of the sea!²⁷

É nas odes do heterônimo Ricardo Reis que vamos encontrar, como não poderia deixar de ser, a maior incidência de elementos cuja origem remonta à literatura clássica. Os principais são a concisão e rigidez formal da ode — poemas “limitados ao espaço que é próprio dos píncaros — a linguagem erudita mais próxima dos vocábulos latinos e a riqueza dos mitos invocados. É evidente, porém, que estes fatores técnicos servem e não dominam o pensamento do autor. A crítica tem apontado os conceitos modernos expressos nestas odes, aos quais não se poderiam naturalmente subtrair, para serem bem sucedidas, visto seu autor estar de pés fincados no século vinte, embora creiamos que a modernidade explícita é do tipo que transcende o moderno delimitado para filiar-se ao transcendental, isto é, àquelas verdades perenes que se situam para além do espaço e do tempo. Os poetas ingleses incluídos na antologia de Palgrave eram e serão sempre modernos nesse sentido.

Salvaguardada, portanto, a originalidade das odes de Ricardo Reis, retomemos nossa análise daqueles elementos que se podem mais facilmente a discenir como relacionados

(26) Exemplos em língua inglesa: *Dear as old places/evergone from me now*; este esquema se repete nos primeiros cinco versos da estrofe e termina — — / — — Inédito. Exemplos em língua portuguesa: *Aos ímpetos dum coração que é teu*; na contra capa de *The Georgics of Vergil*. Book IV. Ass. F.A.N. Pessoa. Form VI, February, 1904. *Perturbadamente*; na contra capa de *The Revised Latin Primer* de Benjamin Hall Kennedy. 7th ed. (London: Longman's, Green and Co., 1898). Ass. F.A.N. Pessoa, Form VI.

(27) Inédito.

aos anos de Durban. Em primeiro lugar, há a considerar o estudo da ode em si como razão direta do emprêgo desta forma em grande parte da obra de Pessoa. Em seguida, o exemplo dado pelos poetas ingleses nas adaptações que fizeram da poesia clássica. No caso particular de Reis, deve ser levada em conta a ode de Marvell que, como vimos, seguia o modelo horaciano em todas as suas partes, diferindo, contudo, da maioria das odes de Reis pelo seu comprimento. Finalmente, devemos levar em consideração a excepcional eficácia do ensino do latim na *Durban High School*, que teve como resultado prático a elaboração de traduções e adaptações dos versos de algumas poetas classificadas de para o veteráculo inglês e, no caso particular de Fernando Pessoa, para o português. Um apontamento solto de Álvaro de Campos, incluído em *Obra Poética*, faz referência aos versos sáficos e alcaicos de Reis e chama a atenção para as odes deste heterônimo que, à maneira de Horácio, são compostas por pares de dísticos de dez e seis sílabas alternadamente, embora nem todas as odes apresentem este esquema ²⁸

Com respeito a Horácio, há ainda a considerar o fato de Fernando Pessoa não haver estudado a obra deste poeta em Durban; pelo menos seu nome não consta dos exames externos e na biblioteca particular de Fernando Pessoa o livro de Horácio lá existente foi publicado mais tarde, em 1909.²⁹ A presença de Horácio nas odes de Ricardo Reis, já assinalada pela crítica, é constatada não só pela familiarização de Fernando Pessoa com o poeta latino antes e depois de 1905 mas também pelo sólido conhecimento que tinha do latim e das teorias referentes à métrica clássica por um lado, e através do encontro que teve com os poetas ingleses prescritos no exame intermédio por outro.

*Os Poemas Prescritos e as Odes de
Álvaro de Campos*

Referindo-se às odes do heterônimo Álvaro de Campos em um ensaio que se destinava a apresentar a poesia de

(28) *Obra Poética*. 2.^a ed., p. 251.

(29) Horace, *Oeuvre* (Paris: Hachette et Co., 1909). Em francês e latim, anotada cuidadosamente na parte referente às odes. Nota-se a preocupação do poeta em assimilar os nomes das divindades da mitologia clássica.

Orpheu a leitores ingleses, Fernando Pessoa as define, simultaneamente, pela “sensação intelectual, emocional e física que caracterizava Whitman” e pelo “poder de construção e desenvolvimento ordenado de um poema que nenhum poeta depois de Milton jamais alcançou.” As odes de Campos, segundo Pessoa nesse mesmo ensaio, caracterizavam-se “exce-lentemente como sendo um Walt Whitman com um poeta grego dentro de si”, o que descontado o exagêro de alguns dos prognósticos do poeta no comêço de sua carreira, demonstra a intenção de elaborar as odes deste heterônimo em um invólucro vagamente disciplinado conforme as odes modelares de Píndaro e Milton: “uma construção e desenvolvimento ordenado que estultifica e prefeição que *Lycidas*, por exemplo, pode reivindicar neste particular”.³⁰

Devemo-nos lembrar que neste ensaio o poeta está ao mesmo tempo desempenhando o papel de um estrangeiro, leitor ocasional dos poemas sensacionistas de *Orpheu*, interpretando essa poesia de maneira a ser inteligível a leitores ingleses — daí a referência aos autores anglo-americanos — e, no fundo, como o verdadeiro autor que é das odes. Não obstante a ficção em que assentam estas declarações, não nos parece desmedido supor que Fernando Pessoa identifica algumas das fontes de sua formação intelectual. Raramente tem a crítica apontado a disciplina formal como uma das características da poesia de Campos. Tendo em vista os estudos sôbre Milton e Píndaro realizados em 1904, podemos encarar esse aspecto mais concretamente do que até à data:

A “Ode Marítima”, que ocupa nada menos de 22 páginas de *Orpheu*, é uma autêntica maravilha de organização. Nenhum regimento alemão jamais possuiu a disciplina interior subjacente a essa composição, a qual, pelo seu aspecto tipográfico, quase se pode considerar um espécime de desleixo futurista.³¹

Fernando Pessoa diversas vezes se refere a Milton a fim de enaltecer o poder de construção evidenciado em suas composições, ao mesmo tempo que minimiza o valor do conteúdo temático. *Paradise Lost*, por exemplo, jamais o satis-

(30) *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, Textos estabelecidos e prefaciados por Jacinto do Prado Coelho e Georg Rudolf Lind (Lisboa: Edições Ática, 1966), p. 150.

(31) *Ibid.* O livro contendo a tradução das odes de Píndaro para o inglês existente na biblioteca de Fernando Pessoa foi publicado em 1915: *The Odes of Pindar*, Int. by Sir John Sandy's (William Heineman, London).

fez a não ser pela organização: “E a construção e amplitude do poema épico tem-nas Milton (que li antes de ler os *Lusíadas*) em maior grau que Camões”. Acha *Paradise Lost* uma epopéia enfadonha e confessa não tê-la podido ler mais que uma vez — refere-se, por certo, à leitura inicial feita em Durban.³² Milton sai favorecido nas comparações que o poeta tece entre ele e Shakespeare. Enquanto em Durban, o bardo de Avon ganha de Milton no conceito de Fernando Pessoa. Em anotação feita no livro de Mathew sobre a história literária inglesa, coloca Shakespeare acima de Milton, mas na maturidade dá a primazia a este último; para ele, os sonetos de Shakespeare se ressentem da falta de inspiração, “não têm a febre da inspiração”, são por demasiado calmos, livres e elegantes, ao passo que Milton possui as duas qualidades máximas do homem completo — gênio e talento — isto é, intuição e poder de construção formal.³³

O que mais tem chamado a atenção da crítica em referência às odes de Campos, tem sido a emoção que as caracteriza, seja nos primeiramente escritos, em que ela é enérgica, desenfreada, raivosa até, seja nos posteriores a “Casa Branca, Nau Preta” em que, como apontou Jacinto do Prado Coelho, o poeta se revela cansado, nauseado e abúlico. Toda a idéia na poesia de Campos é dominada pela emoção: “a idéia serve a emoção não a domina”, como declarou Fernando Pessoa por intermédio de seu porta-voz Ricardo Reis. Ao adaptar Píndaro para a língua inglesa, em um dos mais flagrantes malogros na história dessa literatura, Abraham Cowley se mostrou insensível à organização e disciplina das odes Pindáricas, compondo versos irregulares e estrofes livres, quando Píndaro submetete, como vimos, a estrutura interna das odes a uma unidade tripartida composta por três andamentos — estrofe, antístrofe e epodo — e os versos a pausas respiratórias. Os poetas que se seguiram a Cowley passaram a compor, segundo suas adaptações, odes completamente dominadas pela sensação. É curioso notar que no ensaio mencionado, Fernando Pessoa atribui as características das odes de Campos a uma mistura entre a ode grega e os poemas de Walt Whitman, isto é, compara à poesia de Whitman a predominância da emoção em Campos, assim como a irregularidade métrica e a ausência de estrofe. Por maior que ti-

(32) *Páginas de Estética, op. cit., p. 215.*

(33) Vide comparações entre Milton e Shakespeare in *Páginas Íntimas, op. cit., p. 132; Páginas de Estética, op. cit. pp. 185, 283.*

vesse sido a contribuição de Whitman, e foi, por certo, principalmente no que diz respeito à temática sobre o homem moderno, democrata e livre, no mundo da máquina, queremos crer que os versos do poeta norte-americano nunca chegaram a marcar Pessoa como os poetas ingleses já o haviam marcado anteriormente: “A ilustração perfeita da frustração temo-la naquilo a que se chama ‘o verso livre’ — verso como o de Whitman, que tem gênio mas não bastante. Quando um poeta se exprime sempre no *couplet* como Pope ou recorrendo ao verso livre, como Whitman, revela a sua frustração”.³⁴

Fernando Pessoa e os Poetas Metafísicos

Assim como os estudos sobre a ode se refletem na predominância desta forma poética no âmbito da obra de Fernando Pessoa, também a poesia de natureza metafísica, que caracterizava os poetas ingleses prescritos, vai encontrar maior relevância no conjunto dessa obra, visto a temática correspondente à inquirição metafísica nela sobrelevar qualquer outro assunto, mormente o que diz respeito ao problema do amor. Todos aqueles que se debruçam criticamente sobre a poesia pessoana têm chamado a atenção para esse fato. Otávio Paz, na introdução à antologia de poemas de Fernando Pessoa, por ele traduzidos para o espanhol, estranha a ausência da mulher e do tema passionai na obra do poeta: “Falta la mujer, el sol central. Sin mujer, el universo sensible se desvanece, no hay ni tierra firme ni agua ni encarnación de lo impalpable. Faltan los placeres terribles y también los prohibidos. Falta la pasión...”³⁵ É óbio que essa particularidade não é devida unicamente aos estudos literários desenvolvidos em Durban, que refletem a importância que na tradição poética inglesa assumiu esse tipo de poesia. Mas ela é manifesta, desde cedo, na tendência de Fernando Pessoa em abordar tematicamente os problemas relacionados com a condição humana em justaposição às forças misteriosas que regem o universo. A inquirição metafísica desempenhou igualmente papel relevante na obra dos poetas do exame intermédio que Pessoa mais admirava — Milton, Ben Jonson, Herbert e Marvell.

(34) *Páginas de Estética, op. cit.*, pp. 240-1.

(35) *Antología*, sel., trad. e pról. de Octavio Paz (México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1962), p. 37.

Dentre os poetas estudados é notória a ausência da obra de John Donne, o poeta metafísico de maior repercussão crítica, graças aos estudos que lhe dedicou T. S. Eliot. A crítica já quis ver influências de Donne na obra de Pessoa, devido, principalmente, à curiosa relação entre elementos mundanos e espirituais presentes na obra de ambos. Há indícios de que Fernando Pessoa conhecia e admirava a obra de Donne. Na biblioteca de livros ingleses existe um exemplar da obra de John Donne em dois volumes, no primeiro dos quais, o poeta sublinhou vários poemas. É o livro editado por E. K. Chambers em 1896.³⁶ Também no livro de Mathew, que sem dúvida fora adquirido com a finalidade de se preparar para o exame, Fernando Pessoa corrigiu o verso de um poema que o sentimento pudico do autor adulterara: “tear up alive” foi por ele emendado para “get with child”, como deve ser.

*Duas Odes à Memória dos Presidentes-Reis
Oliver Cromwell e Sidônio Pais*

Antes de finalizarmos o capítulo que trata das manifestações, na obra amadurecida de Fernando Pessoa, dos estudos sobre a ode, gostaríamos de abordar, ainda que sucintamente, um dos exemplos ilustrativos do modo como a informação recebida atuou por vezes no espírito do poeta. Trata-se das relações temáticas e formais entre a ode horaciana intitulada “Horation Ode Upon Cromwells Return from Ireland”, de Andrew Marvell, dedicada ao “Lorde Protetor” inglês Oliver Cromwell, a quem Milton serviu como secretário, e o poema de Fernando Pessoa, também em forma de ode horaciana, publicado em fevereiro de 1920, em *Ação* — Órgão do Núcleo de Ação Nacional — em homenagem ao Presidente Sidônio Pais assassinado dois anos antes.

As dessemelhanças de conteúdo e forma entre estas duas composições são em menor grau do que à primeira vista se poderia supor. Não obstante, são suficientes para dotar a ode de Fernando Pessoa de autonomia indiscutível. Os ele-

(36) *Poems of John Donne*, ed. by E. K. Chambers (London: Routledge and Sons, Ltd, s/) [1896]. Os poemas sublinhados são “The Good Morrow”; “The Sun Rising”; “Lover’s Infiniteness”; “Break of Dry”; “The Dream”; “The Ecstasy”; “The Will”; “The Relic”; “The Canonization”; a maioria de sublinhados se encontra no poema, “Epithalamious”.

mentos sebastianistas, por exemplo, peculiares à ode consagrada a Sidônio Pais e que assentam nas idéias místico-históricas sobre o Quinto Império de que largamente fala *Mensagem*, não encontram, naturalmente, correspondência na ode de Marvell. O destino como força providencial que impele os dois líderes a assumir as atribuições históricas determinadas é, no entanto, comum ao desenrolar temático de ambas as composições. Em Marvell, ele atua como elemento propulsor que impele Cromwell, a despeito de seu querer, a assumir as rédeas do governo parlamentar republicano inglês, ainda que, para tanto, tivesse deposto o rei absolutista. Uma vez investido no cargo, Cromwell é incitado por Marvell no poema a consolidar pela força das armas o que lhe fora concedido pelo fado. O tom desta ode se traduz por uma solene exortação a Cromwell para que realize plenamente os designios do destino.

Embora o destino atue similarmente no caso de Sidônio Pais, isto é, quanto à eleição, independentemente de sua vontade, para que guie o país, em uma hora de conturbação política, à realização de todas as potencialidades nacionais, a ode de Fernando Pessoa se caracteriza por um sentimento de frustração e desalento perante a promessa do destino incumprida. De positivo apenas existe nesta ode vaga esperança nutrida mais propriamente na manifestação providencial do que na esperada consumação dos fatos vislumbrados. Tanto Sidônio Pais como Oliver Cromwell eram homens do povo tornados “reis” quando a forma republicana de governo sucedeu à monárquica. Depois do advento da República, Fernando Pessoa parece ter visto na figura de Sidônio Pais um Cromwell que viesse a consolidar um governo popular sob a égide de um líder forte e iluminado. Tal não aconteceu, porém, e o poeta se contenta em achar na escolha dos fados o prenúncio de um sinal maior, um dado a mais, no contexto do sonho que poeticamente arquitetou para a sua pátria.

Não são só as correspondências de ordem temática entre estas duas odes ligadas à figura de dois “reis” de ascendência popular, que nos incitam a estabelecer sobre elas algumas comparações. Existem ainda pontos de contato de natureza técnica. Ambas são elaboradas à maneira de Horácio. A ode de Marvell se desenrola ao longo de trinta quadras formadas por distícos rimados. No primeiro os versos obedecem a um esquema métrico regular de quatro pés jâmbicos, enquanto o segundo tem três. Na ode de Pessoa existem sessenta qua-

dras, exatamente o dobro das de Marvell, o que não deixa de causar uma certa monotonia, já que o assunto é mais estático e, por conseguinte repetitivo. A regularidade rímica e métrica é mantida; as rimas ocorrem no primeiro e terceiro versos e a quadra é formada por três versos decassílabos, finalizando em um verso de cinco sílabas.

Os poemas inseridos na antologia de Palgrave, quase todos na forma de ode, contribuíram para a produção artística de Fernando Pessoa por refletirem o sentimento clássico. Todos evidenciam a preocupação metafísica, que viria a ser a constante temática da poesia de Fernando Pessoa. Na ode horaciana dedicada a Oliver Cromwell discernimos o modelo da ode que o poeta consagrou ao Presidente-Rei Sidônio Pais.

IV. A PRESENÇA DE MÍLTON EM UMA ODE DE ALVARO DE CAMPOS

No presente capítulo tentaremos discernir, através de um dos poemas mais justamente conhecidos e admirados, “Dois Excertos de Odes”, a contribuição de Milton para a formação artística de Fernando Pessoa. Focalizaremos “L’Allegro” e “Il Penseroso”, pois este poema de Milton figurou na prova de inglês do exame intermédio. Contudo, ressaltamos mais uma vez que não pretendemos indicar qualquer subordinação de Pessoa para com o poema de Milton,¹ mas sim dar um exemplo de como a literatura inglesa apreendida nos anos de sua escolaridade na África inglesa atuou por vezes no processo imaginativo que deu lugar a uma das mais singulares criações poéticas deste século.²

“Dois Excertos de Odes” foi publicado pela primeira vez na *Revista de Portugal* por João Gaspar Simões acompanhado da seguinte nota:

Como muitos poemas de Fernando Pessoa foram guardados por ele sem assinatura, torna-se delicado atribuí-los àqueles dos seus heterónimos a que realmente devem pertencer. Eis porque são da minha responsabilidade as atribuições dos poemas nesta revista publicados respectivamente a Fernando Pessoa e Alvaro de Campos. Suponho ter-lhes dado a paternidade requerida pela sua forma, inspiração e espírito. Em todo o caso

-
- (1) No prefácio da incompletada *Antologia de Poemas Portugueses Modernos* Fernando Pessoa escrevia: “Uma coisa é a influência de que só não sofre quem não vive, outra coisa a subordinação” [Carlos Queirós, *Homenagem a Fernando Pessoa* (Lisboa, 1936) p. 26].
 - (2) Gaspar Simões acredita que “influência pressupõe ou inteligência flexível ou predisposição pessoal para alargar o próprio graças a sugestão do alheio” (*Novos Temas*, p. 62). Fernando Pessoa, no entanto, nunca se recusou a empregar expressões e idéias que muito embora não fossem suas, se se lhe afigurava importantes e necessárias. O que importava era a emoção trazida para a obra pelo autor. Vide Carlos Queirós, *Homenagem a Fernando Pessoa* (Lisboa, 1936), p. 26, e Alfredo Margarido, “Fernando Pessoa e os Poetas Espanhóis”, *Diário de Lisboa*, n.º 90 (14 de abril de 1960), p. 13.

não posso deixar de frisar que essa atribuição é da minha responsabilidade. Num dos poemas de Álvaro de Campos há um lapso: êsse lapso é do original. Parece tratar-se de omissão de um verso que teria escapado quando o poeta copiou o poema à máquina. Tão belo é êsse poema que pensamos não o dever sacrificar a esse pequeno lapso.³

O poema parece ter sido escrito em 1914. Em carta de 5 de julho daquele ano enviada a Fernando Pessoa por seu amigo Mário de Sá-Carneiro residente em Paris encontra-se a seguinte observação: “Admirável o que hoje me chegou de Álvaro de Campos. Não me entusiasma tanto como a primeira ode (Ode Triunfal) . . . um tudo-nada paúlca — e um tudo-nada, vamos lá, Fernando Pessoa”.⁴

“Dois Excertos de Odes”, como indica seu subtítulo, consta de excertos de duas odes diferentes — “Fins de duas Odes, naturalmente”. No entanto, sugerimos — tentaremos demonstrá-lo ao longo do presente trabalho — que essas duas odes formam um díptico — isto é, dois poemas formando parte de um todo. Em carta enviada a 4 de outubro de 1914 a seu amigo Armando Cortes Rodrigues o poeta se refere a uma “Ode à Noite”, que acreditamos seja o mesmo poema: “Como, apesar das melhores intenções minhas, lhe escrevo à última hora, não copio a *Ode à Noite*, ou, antes, o trecho “à Noite” da Ode Triunfal n.º 3 do Álvaro de Campos”.⁵ É pois de acreditar que o poema em questão fazia parte de uma série sob o título “Ode Triunfal”. Fernando Pessoa frisa bem que se trata do trecho pertinente “à noite”. Em carta escrita pouco depois — a 19 de janeiro de 1915 — o poeta acrescenta em referência aos dois trechos do poema: “. . . Álvaro de Campos (o seu homem, este último, o da poesia sobre a tarde e a noite”⁶. “Dois Excertos de Odes” é, portanto, um poema bi-partido em que cada um dos trechos, versando um a tarde e outro a noite, se completam entre si sob um tema único. Foram, sem dúvida, escritos na mesma data — a 30 de junho de 1914, como consta nos dados de publicação — e como tal simultaneamente enviados a Sá-Carneiro, que a eles se refere no plural.

(3) *Revista de Portugal*, n.º 4, julho, 1938, p. 646.

(4) Mário de Sá-Carneiro, *Cartas a Fernando Pessoa* (Lisboa: Ática, 1958), pp. 166-7.

(5) *Cartas a Armando Cortes-Rodrigues*, 2.ª ed. (Lisboa: Editorial Inquérito, 1959), p. 58.

(6) *Ibid.*, p. 75.

Em virtude das circunstâncias em que foi pela primeira vez publicado o poema, adiantamos a hipótese — fundamentada igualmente na análise do texto — de ser errônea a seqüência em que “Dois Excertos de Odes” aparecem publicados nas várias edições da poesia de Álvaro de Campos. O segundo excerto, que trata do fim da tarde, deveria anteceder, cremos, o primeiro acerca do começo da noite. Essa seqüência é corroborada não só pelas declarações de Fernando Pessoa nas cartas a Armando Cortes-Rodrigues acima citadas, como também pela seqüência do poema miltoniano, “L’Allegro” e “Il Penseroso” que, acreditamos, forneceu a sugestão para o de Álvaro de Campos. É curioso notar que a data de elaboração do poema inserida por João Gaspar Simões quando de sua primeira publicação na *Revista de Portugal* precede não o primeiro, mas sim o atual segundo excerto que começa: “Ah o crepúsculo, o cair da noite, o acender das luzes nas grandes cidades”.

A Ode de Milton “L’Allegro” e “Il Penseroso” figurava na Antologia de Palgrave — obra prescrita na prova de inglês do exame intermédio prestado por Fernando Pessoa em dezembro de 1904. Sobre este poema incidiam três das questões do exame — uma sobre “L’Allegro” e duas sobre “Il Penseroso”. O poeta precisaria identificar trechos do poema relacionando-os ao seu conjunto. A natureza das questões levam a supor que os poemas prescritos na Antologia precisariam ser decorados pelo examinando, a fim de responder às perguntas satisfatoriamente. Não é de admirar, portanto, que “L’Allegro” e “Il Penseroso” permanecesse na mente do poeta anos após ter prestado o exame intermédio à Universidade do Cabo da Boa Esperança.

Em “L’Allegro” e “Il Penseroso” Milton emprega a forma bi-partida, isto é — dois poemas paralelos que se justapõem a fim de esclarecer seu tema central. Milton pretende apresentar seu protagonista a meio de dois estados de espírito diferentes — a alegria e a melancolia — que são, todavia, duas reações perante a impossibilidade de conhecer a irrealidade real. Tanto o homem de temperamento festivo como o solitário se encontram fora dos focos máximos de luminosidade — o sol do meio-dia e a noite escura. Uma certa distância ascética é mantida ao longo do poema pela personagem, significando a impotência do conhecimento humano perante a realidade encoberta pelo dia e pela noite. Cleanth Brooks, que analisou a ode de Milton em seu trabalho *The Well Wrought Urn*, refere-se da seguinte maneira à simbologia da luz nela contida: “A personagem se desloca, em ambas as composições, a meio de uma

esmorecida meia-luz. É como se essa penumbra fosse um símbolo da distância ascética que o protagonista jovial, não menos que o contemplativo, mantém consistentemente através do poema”⁷.

Além do dia e da noite que predominam respectivamente em “L’Allegro” e “Il Penseroso”, o contraste entre os dois poemas é igualmente assinalado pelo ambiente citadino peculiar à natureza festiva e social do protagonista em “L’Allegro” e o ambiente campestre que serve de fundo à contemplação e melancolia da personagem em “Il Penseroso”.

Não há dúvida que “Il Penseroso” é o mais importante dos dois poemas que compõem o díptico miltoniano. Além de mais extenso, inclui um trecho final que não encontra correspondente no primeiro poema. A personagem anseia refugiar-se à sombra de um antigo convento, onde espera, depois de uma vida meditativa e ascética, ver um dia revelar-se-lhe a luz em toda sua intensidade.

A ode de Fernando Pessoa, por ele atribuída a Álvaro de Campos, contrasta, na forma bipartida, se bem que em ordem inversa,⁸ igualmente o ambiente campestre e citadino; o primeiro excerto tem como cenário a vida campestre. O poeta refere-se na segunda estrofe da primeira ode à montanha, às árvores e aos campos que o rodeiam: “E traz os montes longínquos para o pé das árvores próximas, / Funde num campo teu todos os campos que vejo”⁹. As casas são casas de campo. Caiadas de branco deitam fumo entre as árvores. Uma aqui, outra acolá, localizam-se espaçadamente entre o arvoredo. Quando a noite chega, sua luz cintila dentro da noite escura e uniforme: “E deixa só uma luz e outra luz e mais outra”. Por outro lado a paisagem que serve de fundo ao segundo excerto é citadina. Desde a primeira estrofe são as luzes das grandes cidades que envolvem o protagonista. Em vez de árvores, montes e estradas, são as ruas e esquinas que o rodeiam:

Cada rua é um canal de uma Veneza de tédios
E que misterioso o fundo unânime das ruas.
Das ruas ao cair da noite, ...

(7) New York: Harcourt, Brace, World, 1947, p. 59 (tradução do autor).

(8) Vide *supra*.

(9) Maria Aliete Galhoz, ed., *Fernando Pessoa: Obra Poética* (Rio: Aguilar, 1965), pp. 311-4.

Como a ode de Milton, a ode do poeta português tem como tema principal a impossibilidade de conhecermos aquilo que a noite oculta, desde que o homem é envolvido por um eterno crepúsculo e a luz nunca se nos revela realmente. Visto Fernando Pessoa focalizar o crepúsculo em “Dois Excertos de Odes”, é no trecho de “Il Penseroso” correspondente ao momento crepuscular que vamos encontrar maiores afinidades entre as duas composições. De igual modo, já que “Il Penseroso” trata da noite, as relações entre esse trecho miltoniano e o de Pessoa sobre o mesmo tema — aquele que aparece publicado como sendo a primeira ode — são mais aparentes.

Após referir-se, no início de “Il Penseroso”, à melancolia divina e santificada que é por demais “luminosa” para a visão limitada do homem e por isso necessita encobrir-se no escuro da noite — “And therefore to our weaker view/O'erlaid with black, staid Wisdom's hue”;¹⁰ — Milton invoca durante o crepúsculo a noite que se aproxima. Esta composição é escrita na forma apostrófica:

Come, pensive Nun, devout and pure,
Sober, steadfast and demure,
All in a robe of darkest grain,
Flowing with magestic train,
And sable stole of cypress lawn
Over thy decent shoulders drawn.
Come; but keep thy wonted state,
With even step, and musing gait.¹¹

Em “Dois Excertos de Odes” Álvaro de Campos, durante o momento crepuscular, dirige-se no “primeiro” excerto à noite que vem chegando, de maneira apostrófica:

Vem, Noite, antiquíssima e idêntica,
Noite Rainha nascida destronada,
Noite igual por dentro ao silêncio, Noite
Com as estrelas lantejoulas rápidas
No teu vestido franjado de Infinito.

(10) Francis Turner Palgrave, ed., *The Golden Treasury*. (London: Macmillan and Co., 1898), p. 120. “E assim perante nossa débil visão / Revestida de negro, a cor sóbria da sabedoria”.

(11) “Vem, monja pensativa, devota e pura, / Sóbria, constante e pensativa, / Com um manto da mais escura fibra, / Fluindo a majestosa cauda, / E por sobre teus ombros decorosos / Uma estola preta de linho ciprio. / Vem, mas conserva o teu estado habitual, / O passo medido e o andar meditando. (T. do A.).

Vem, vagamente,
Vem, levemente,
Vem sôzinha, solene, com as mãos caídas
Ao teu lado, vem.

As semelhanças entre estes dois trechos se encontram na invocação apostrófica e na descrição da noite personificada. Na ode de Fernando Pessoa a noite é idêntica, silenciosa solene. Na ode de Milton ela é *sober, sóbria, demure, grave, e musing*, pensativa. Por outro lado, enquanto na ode de Milton a noite é apresentada como uma freira devota e pura vestindo um manto preto, Fernando Pessoa concebe-a como uma rainha trajando um vestido “franjado de infinito”. O poeta não se refere diretamente à cor do vestido da rainha, que devia ser igualmente de cor escura, mas enfatiza apenas as lantejoulas cintilantes — as estrelas. Milton apresenta a noite como um todo negro que oculta a melancolia divina, santificada e “luminosa”, enquanto Fernando Pessoa, por outro lado, ao focalizar as estrelas, estabelece logo de início o negrume e a luz como qualidades paradoxais inerentes à própria noite.

Na terceira estrofe da composição pessoana existe uma referência aos “sonhos que vêm ter conosco à janela”. Este verso se nos afigura, na imagem do protagonista à janela contemplando as estrelas, relacionado a uma passagem de “Il Penseroso” em que o protagonista contempla o firmamento de uma torre alta e solitária:

Or let my lamp, at midnight hour
Be seen in some high lonely tower
Where I may outwatch the Bear
With thrice great Hermes...¹²

A alusão à torre constante nesse e em outros trechos da ode de Milton encontra-se igualmente na ode de Fernando Pessoa. O poeta cognomina a noite de “Turrís Ebúrnea das Tristezas dos Desprezados”. A Torre, símbolo da vida meditativa e ascética, faz parte da terminologia usada pelos dois poetas. Na ode de Milton a torre solitária lá no alto representa um elo de ligação entre o homem estudioso e contemplativo e as

(12) Que se veja, à meia-noite / Minha lâmpada em alguma alta torre solitária / Onde possa vigiar a Ursa mais que / Hermes, o três vezes maior. (T. do A.).

estrelas — “A Ursa” —, cujo mistério ele tenta compreender. Na ode de Fernando Pessoa a torre é personificada na própria noite.

Ao final da parte relativa ao crepúsculo em “Il Penseroso”, existe uma referência à lua que lembra uma passagem semelhante na última estrofe do excerto referente à noite na ode pessoana. Primeiramente, Cíntia, deusa da lua, experimenta colocá-la no lugar de sempre — por sobre o carvalho: “While Cynthia checks her dragon yoke / Gently o'er the accustomed oak”¹³. Logo em seguida, porém, a lua domina toda a paisagem:

...I walk unseen
On the dry smooth-shaven green.
To behold the wandering moon
Hiding near her highest noon,
Like one that had been led astray
Through the heaven's wide pathless way,
And oft, as if her head she bowed,
Stooping through a fleecy cloud.¹⁴

Desde que este trecho se desenvolve durante o crepúsculo, a lua na ode de Milton caminha pelo firmamento, à deriva, como alguém que perdeu o caminho no céu. A lua não atingiu ainda o seu meio-dia, “her highest noon”. A justaposição entre o meio-dia e a lua, que à primeira vista parece paradoxal, faz realmente parte da intenção do autor. Quando a lua atingir o seu meio-dia, o ponto alto de luminosidade, a noite poderá revelar o mistério que oculta. No entanto, isso não ocorre, impedindo o contato direto entre o protagonista e a realidade irreal. Em “Il Penseroso”, Milton usa a lua como símbolo do mistério encoberto pela noite. No entanto, a visão de sua máxima luminosidade é negada aos olhos dos homens.

A lua funciona na ode de Fernando Pessoa também como símbolo de luminosidade. Aliás, o contraste entre o preto da noite e a luminosidade que ela encobre é muito mais fla-

(13) “Enquanto Cíntia experimenta sua gema de dragão / Suavemente por sobre o carvalho de sempre.” (T. do A.).

(14) “...passeio inadvertido / Sobre o verde, seco e uniforme. / Para contemplar a Lua errante / Escondendo-se perto do seu meio-dia mais alto, / Como alguém que se encontra perdido / Pelo vasto céu sem rumo / E a miúdo, como se fizesse uma vênica, / Debruçando-se por trás de uma lanuda nuvem.” (T. do A.).

grante na Ode do poeta português. Logo no início do poema, como vimos, o autor fixa os claros e escuros — as estrelas versus a veste negra da noite — que se repetem ao longo deste trecho da ode. A noite é “Turrís-Ebúrnea”, é uma “enfermeira antiquíssima”, é um “manto branco”. Contudo, é na última estrofe deste excerto que o significado do símbolo luminoso é mais aparente. É nesta estrofe que a lua aparece pela primeira vez no poema. Após pedir à noite que em seu manto branco lhe envolva o coração, o protagonista se refere à lua como sendo sua máscara misteriosa: “a lua máscara misteriosa sobre a tua face”. A lua é a máscara do mistério que a noite esconde. À medida que a escuridão aumenta, a lua, sua máscara misteriosa, se torna mais nítida. A imagem da noite se concretiza totalmente no fim deste excerto — veste negra, mãos de estrelas luzindo e lua, máscara misteriosa na face:

Tranquilamente como um gesto materno afagando,
Com as estrêlas luzindo nas tuas mãos
É a lua máscara misteriosa sobre a tua face.
Todos os sons soam de outra maneira
Quando tu vens.
Quando tu entras baixam todas as vozes,
Ninguém te vê entrar.
Ninguém sabe quando entraste,
Senão de repente, vendo que tudo se recolhe,
Que tudo perde as arestas e as cores,
E que no alto céu ainda claramente azul
Já crescente nítido, ou círculo branco, ou
 mera luz nova que vem,
A Lua começa a ser real.

A relação deste trecho com a citação de “Il Penseroso” acima transcrita se encontra tanto na semelhança do verso “Que tudo perde as arestas e as cores”, com a expressão “dry smooth-shaven green” em Milton — que relembra também a passagem “Todas as várias árvores que a fazem verde-escuro ao longe” — como na alusão à lua, símbolo de luminosidade. Em “Il Penseroso” a lua nunca é apresentada em seu máximo esplendor. Na ode de Fernando Pessoa ela é a máscara misteriosa da noite que começa a ser real sem, contudo, se manifestar. Esse é o drama vivido igualmente pelos protagonistas das odes do poeta renascentista inglês e do poeta português moderno. Em “Il Penseroso” a lua está apenas perto do seu meio-dia, *high noon*. Em “Dois Excertos de Odes” a lua apenas começa a ser real. A “luz” encoberta

pela noite nunca chega a se manifestar porque os protagonistas vivem em um mundo intermediário — o momento crepuscular. A realidade encoberta pela noite é negada à visão restrita do ser humano, condenando-o a subsistir eternamente num ambiente claro-escuro indefinido.

No começo do presente capítulo adiantamos a hipótese de o segundo trecho da ode de Pessoa ser realmente o primeiro. Não obstante ambos os trechos versarem o momento crepuscular, a segunda ode se desenvolve, queremos crer, em uma seqüência temporal anterior à primeira. A estrofe inicial apresenta a temática do poema: o crepúsculo cai sobre a tarde uniformizando a diversidade caótica das coisas e com ele vem o sossego que contrasta com a agitação do dia. O protagonista, imbuído de cansaço e de tédio pela vida real, invoca outro cantor do mistério crepuscular — Cesário Verde — e entrega-se às sensações indefinidas que o assolam neste fim de tarde:

Que inquietação profunda, que desejo de outras coisas,
Que nem são países, nem momentos, nem vidas,
Que desejo talvez de outros modos de estados de alma,
Umedece interiormente o instante lento e longínquo!

Alvaro de Campos, o heterônimo das sensações, das angústias sem solução, aquele que “ouviu a voz de Deus num poço tapado” intui que a hora crepuscular poderá revelar-lhe algo do mistério, que nem mesmo a morte revela:

Quando eu morrer,
Quando me for, ignobilmente, como toda a gente,
Por aquele caminho cuja idéia se não pode encarar de frente,
Por aquela porta a que, se pudéssemos assomar, não assomariamos.

A morte não trará a visão do mistério porque se assomássemos à porta da morte também não veríamos nada. Apenas outros estados de alma superiores poderão visualisá-lo em sonho. Contudo, é durante o crepúsculo que a realidade irreal poderá ser vislumbrada ainda que em sonho.

Referindo-se a Platão, o poeta declara:

Por esta hora em que talvez, há muito mais tempo do
que parece,
Platão sonhando viu a idéia de Deus
Esculpir corpo e existência nitidamente plausível
Dentro do seu pensamento exteriorizado como um campo.

Não é ao filósofo grego, no entanto, que o poeta se refere, mas sim a uma outra sua existência anterior, a um estado de alma superior atingido pelo filósofo antes de vir a este mundo ensinar-nos os caminhos. Já no trecho da noite a correspondente alusão platônica era evidente nos seguintes versos:

E um vago soluço partindo melodiosamente
Do antiquíssimo de nós
Onde têm raiz todas essas árvores de maravilha
Cujos frutos são os sonhos que afagamos e amamos
Porque os sabemos fora de relação com o que há na vida.

Esta invocação a Platão encontra correspondente igualmente em “Il Penseroso”, em um trecho que precisaria ser identificado na prova de literatura inglesa do exame intermediário. A personagem miltoniana invoca Platão a fim de que o filósofo o esclareça a respeito do paradeiro da alma liberta do corpo:

...or unsphere
The spirit of Plato, to unfold
What worlds or what vast regions hold
The immortal mind that hath forsook
Her mansion in this fleshy nook.¹⁵

Muito embora ambas as personagens se servissem de Platão para ajudá-las a conhecer o mistério do mundo, existe na ode de Fernando Pessoa uma tendência ocultista alheia à ode de Milton. Em “Dois Excertos de Odes”, Platão é uma alma superior que no crepúsculo, durante uma encarnação anterior, talvez tivesse tido uma idéia de Deus, que o poeta, ser ainda inferior na escala das almas esclarecidas, não consegue reproduzir. Na ode de Milton, a personagem invoca Platão, por meio do estudo da obra do filósofo grego, para que este lhe revele a eternidade da alma. Os dois poetas, contudo, encaram a noite como um meio de conhecimento e aludem a Platão, como um espírito superior capaz de compreender a realidade que lhes escapa.

Já vimos que tanto a ode de Milton como a de Fernando Pessoa contrastam na forma bipartida o ambiente citadino

(15) “...Ou arrebate das esferas / O espírito de Platão, para revelar / Que mundos ou que vastas regiões guardam / A alma imortal quando abandona / Sua mansão neste nicho carnal. (T. do A.).

e campestre. Em “L’Allegro”, que tem como pano de fundo a cidade, são retratados o esplendor da corte, os festejos associados com um casamento elegante e o teatro onde são levadas em cena peças de Shakespeare e Jonson. A meio das festas na corte surgem as senhoras, cujos olhos, quais estrelas no céu, controlam os destinos dos homens que as disputam por meio de armas ou pela inteligência:

With store of ladies whose bright eyes
Rain influence, and judge the prize
Of wit or arms, while both contend
To win her grace whom all commend.¹⁶

No final do excerto sobre a tarde da ode de Fernando Pessoa figura uma suposta companheira da personagem. É apropriado que a mulher surja neste trecho. Seu ambiente citadino e social justifica a presença da personagem feminina:

Cruza as mãos sobre o joelho, ó companheira que eu não
tenho nem quero ter.
Cruza as mãos sobre o joelho e olha-me em silêncio
A esta hora em que eu não posso ver que tu me olhas,
Olha-me em silêncio e em segredo e pergunta a ti própria
— Tu que me conheces — quem eu sou...

A mulher na ode de Fernando Pessoa possui, como a da ode de Milton, um poder de visão superior ao do poeta. Se esta influenciava através dos olhos — estrelas — o destino de seus admiradores, aquela parece igualmente possuir qualquer relação com a realidade irreal que é, contudo, apenas sugerida pelo poeta. O fato de o protagonista se dirigir à mulher para que esta o ajude a entender a natureza do seu ser, revela uma afinidade superior entre a personagem feminina e a realidade que a noite encobre. Tal como as estrelas, a torre e a lua, a mulher faz parte do mistério encoberto pela noite. Todavia, tal como as estrelas e a lua, a mulher é encoberta aos olhos da personagem. O mundo intermediário crepuscular em que nossa vida se desenvolve jamais permitirá ao homem apreender o mistério, isto é, a realidade sugerida e ao mesmo tempo irremediavelmente oculta aos olhos do homem pela noite.

(16) “Com inúmeras damas cujos olhos brilhantes / Chovem influências e avalliam o prêmio / Do engenho e armas, enquanto ambos lutam / Por merecer seu favor, que a todos encanta. (T. do A).

V. FERNANDO PESSOA E THOMAS CARLYLE: DUAS CONCEPÇÕES MÍSTICAS DA RAÇA

O lugar que a influência do historiador e ensaísta vitoriano inglês Thomas Carlyle (1795-1881) ocupa no âmbito da obra de Fernando Pessoa prende-se, principalmente, às conclusões místico-políticas visionárias do autor de *Mensagem*, sob a influência das quais ele tentou determinar o consciente coletivo da raça portuguesa e propor, tanto na obra como fora dela, a organização de um governo forte liderado por um guia “aristocrático” iluminado. A crítica pessoana tem largamente comentado os conceitos históricos e políticos de Fernando Pessoa, identificando-os, porém, com o pensamento de Nietzsche e, portanto, como decorrentes de sua leitura, por volta de 1906, da obra do filósofo alemão. É nossa intenção mostrar como essas idéias já se achavam esboçadas na obra de Carlyle prescrita no exame intermédio.¹

Tanto Carlyle como Pessoa compartilhavam da opinião de que um país seria mais íntegro e, por conseguinte, mais bem sucedido política e culturalmente, quanto mais agisse de acordo com os desígnios providenciais previamente determinados, aos quais estaria condicionada a vida dos países tanto quanto a dos homens. Inalteráveis através de séculos sem sentido cronológico, imunes à ação do tempo e do espaço, a não ser pela ação de súditos iluminados que, engastados no grande desígnio iriam dando forma às qualidades implícitas no alvorecer da raça, os países seriam arremessados à plenitude em uma etapa final que ambos consideravam iminente.

Desde que as manifestações desse plano seriam mais discerníveis nas raízes formativas da nacionalidade, os dois escritores dirigiram-se ao passado histórico, a fim de estabelecer, em face da conturbada situação política e social de seu próprio ambiente, as características fundamentais da raça e delas extrair os contornos da visão futura profeticamente anunciada para os seus respectivos povos.

(1) Vide, *Páginas Intimas*, op. cit., p. 36: “Esbocei o folheto sobre Oscar Wilde e parte da teoria da Aristocracia.”

Fernando Pessoa entrou em contato com a obra de Carlyle por volta de 1904, durante os preparatórios para o exame intermédio que, como vimos, era administrado, sob a tutela da Universidade do Cabo da Boa Esperança, na *Durban High School*. Encontra-se ainda na biblioteca de livros ingleses o exemplar da obra de Carlyle adquirido pelo poeta em fevereiro de 1904, que encerra numerosas anotações e sublinhados, não só em *Past and Present*, de que faz parte “The Ancient Monk”, mas também nas duas outras obras principais do ensaísta inglês *Sartor Resartus* e *On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History*.² A primeira publicação literária de Fernando Pessoa de que se tem notícia, o estudo sobre Macaulay publicado na revista do liceu de Durban a esta altura, dá conta do profundo impacto que a revelação da obra de Carlyle operou no seu espírito ávido de insólito.

A seção A da prova de inglês correspondia à segunda parte do livro de Carlyle prescrito intitulada “The Ancient Monk”, na qual o autor examina a vida social e política de uma comunidade religiosa do século doze liderada por frades do Convento de St. Edmundsbury. Baseando-se na crônica de um dos frades, o Abade Joscelin de Brakenbold, o historiador vitoriano estabelece algumas comparações entre essa sociedade e a Inglaterra urbana e industrializada em meados do século dezenove. A liderança do Abade Samsom, eleito pela comunidade religiosa esclarecida, é justaposta à apatia e diletantismo dos chefes políticos seus contemporâneos: “A remarkable exercise in the historical imagination in which twelfth century leadership is contrasted with the chaos of modern individualism”.³

A leitura cuidadosa de “The Ancient Monk” revela-nos que, segundo a opinião de Thomas Carlyle, a característica básica do povo inglês, tal qual ele a vê representada pelas ações dos componentes da sociedade medieval de St. Edmundsbury, é a confiança que demonstram no poder de Deus. Por reconhecerem e acatarem o postulado superior

(2) Thomas Carlyle, *Sartor Resartus, On Heroes and Hero-Worship, and the Heroic in History, Past and Present*, the Edinburgh edition (London: Chapman, Hall, 1903). Ass. F. A. N. Pessoa / Form VI / February, 1904. Os sublinhados em *Past and Present* se encontram principalmente nas pp. 8, 42, 54, 75, 206.

(3) Albert Baugh, *A Literary History of England* (New York: Appleton; 1948), p. 1313. “Um exercício excepcional sobre a imaginação histórica no qual a liderança do século doze é contrastada com o caos reinante no individualismo moderno”.

divino, os monges do convento, não obstante a sua falta de religiosidade e as fraquezas humanas que mostram possuir, regeneram-se aos olhos do historador vitoriano porque são, no fundo, homens confiantes. Em vista disso, é-lhes dada a faculdade de escolher acertadamente o seu capelão-mor. Este, por sua vez, consciente da missão que lhe foi confiada superiormente, os conduz com absoluta integridade e acerto, ainda que com mão de ferro, transcendendo não raro as normas e leis da sociedade e até mesmo as prerrogativas do monarca reinante.

Seria de esperar, diante das normas estabelecidas por Carlyle, que a democracia, por ser um governo eleito por uma maioria não esclarecida, estaria aquém da forma de governo prescrita pelo prosador inglês, a qual dependeria, sobretudo, da liderança exercida pelo homem forte iluminado eleito pelos seus pares. Com efeito, o autor condena, através de toda obra, o emprego de urnas e outros apetrechos relacionados com o processo eleitoral democrático: “Deus é a melhor máquina eleitoral, se tivermos alma.” O governo da aristocracia prescindiria de urnas; disporia, outrossim, de homens de coração confiante. O guia por eles escolhido conduziria o país de forma paternal e de pulso firme.

Acima da ação do líder, no entanto, está a força do poder divino. Só ela poderá realmente determinar os acontecimentos. Ao final do oitavo capítulo, Carlyle proclama a necessidade de um líder semelhante para a sua época, ressaltando, porém, a prerrogativa superior:

O ye kind Heavens, there is in every Nation and Community a fittest, a wisest, bravest, best; whom we could find and make King over us, all were in very truth; the best that God and Nature had permitted us to make it.⁴

A concretização da forma ideal de governo baseada em uma aristocracia de talento exercida por um líder iluminado — características basilares da nacionalidade britânica — é preconizada pelo autor para um futuro próximo. A hora, no entanto, ainda não é chegada:

(4) Carlyle, *op. cit.*, p. 424. “Ó Céus, existe em cada país e comunidade o mais apto, o mais sábio, o mais corajoso, o melhor; aquele que poderíamos achar a fim de fazê-lo rei. Tudo estaria bem, o melhor que Deus e a Natureza permitisse que tivéssemos”.

How much is still alive in England; how much
has not yet come to life... The Centuries are
big; and the birth hour is coming, not yet
come. *Tempus ferax, tempus edax rerum.*⁵

Manifestações de Carlyle na Obra de Fernando Pessoa

Quase seria desnecessário apontar aos leitores familiarizados com a obra de Fernando Pessoa, mormente os poemas contidos em *Mensagem* e os vários escritos políticos que lhes servem de fundo, os principais pontos de contato entre a obra destes dois escritores. Entre os problemas que vimos considerando na obra do prosador inglês vitoriano, que encontram ressonância na personalidade artística e biográfica de Fernando Pessoa, destacaremos três dos mais salientes: 1) O retorno ao passado no intuito de discernir as características fundamentais da raça; 2) O conceito de um governo forte liderado por um guia aristocrático iluminado; 3) A profecia acerca da realização plena da nacionalidade em um futuro próximo.

No ensaio acerca de Macaulay, publicado na revista do liceu de Durban em 1904, analisado ao final do primeiro volume do presente estudo, Fernando Pessoa destacou as bases da análise do processo histórico empreendido conjuntamente por Macaulay e Carlyle. "O que lhes interessava, sobretudo", diz-nos o poeta, "eram as forças ocasionadoras desse processo". A chave elucidativa dos fatos somente seria encontrada nas correntes misteriosas do sentimento nacional."

Eis a idéia que parece ter motivado o prosador inglês e o poeta português moderno na busca que empreenderam a fim de discernir as características fundamentais da raça a que pertenciam. Assim como Thomas Carlyle vai buscar a meio de uma comunidade religiosa do século doze as correntes misteriosas do consciente coletivo inglês, Fernando Pes-

(5) Carlyle, *op. cit.*, p. 81. "Quanto disto não está ainda presente na Inglaterra; quanto não estará ainda para vir... Os séculos são vastos e a hora do renascer está para chegar, não veio ainda..." Compare-se com o último verso do último poema de *Mensagem*: "É a hora".

(6) Vide apêndice I.

soa vislumbra-as para o seu povo nos começos medievais da hegemonia nacional e no exemplo até agora máximo do consciente coletivo português durante o período dos descobrimentos.

Existem, contudo, como não poderia deixar de ser, tangíveis diferenças entre as características fundamentais da raça vislumbradas pelos dois artistas para seus respectivos países. Os membros da coletividade religiosa examinada por Thomas Carlyle possuem, sobretudo, o dom da compreensão e da confiança nos designios de Deus. Imbuídos da força moral que lhes advém dessa sua fé, escolhem, instintivamente, o líder entre todos o mais credenciado. Fernando Pessoa, por outro lado, apesar de desfrutar da mesma crença nos poderes irracionalista do destino, “Todo o começo é involuntário. / Deus é o agente. / O herói a si assiste, vário / E inconsciente”, não compartilha do fervor religioso individualista, implicitamente protestante, de seu mentor inglês. Em vez de confiança temos como qualidade básica o poder de assimilar o legado de outras culturas e de disseminá-las pelo mundo. O universalismo seria, portanto, a característica fundamental do português: “O povo português é essencialmente cosmopolita. Nunca um verdadeiro português foi português, foi sempre tudo” ⁷.

Por detrás desta afirmação sobre o cosmopolitanismo da da raça delinea-se, como é sabido, a visão hipotética do Quinto Império, que seria, basicamente, uma fusão e expansão das culturas helênicas, romana, cristã e européia-inglesa: “Grécia, Roma, Cristandade, / Europa — os quatro se vão / Para onde vai toda idade”. As personagens invocadas nos primeiros poemas de *Mensagem* são símbolos dessas culturas; descendem delas diretamente ou opõem-nas, permitindo, desse modo, que a nacionalidade se instaure: “Ulisses” é o poema que aborda a cultura helênica, valendo-se, como elemento de transposição, da lenda segundo a qual Ulisses teria fundado a cidade de Lisboa no decurso da viagem de retorno a Ítaca. Como símbolo do Império Cristão há o poema “Cristo”, que funciona, no âmbito de *Mensagem*, como representante do martírio e do sofrimento, qualidade imprescindíveis à faceta espiritual e artística do consciente coletivo português. A presença de Viriato no começo do livro serve para assinalar o Império Romano, cujo domínio na Península Ibé-

(7) *A Nossa Crise*, entrevista publicada na *Revista Portuguesa*, n.ºs 23-4 (13 de outubro de 1923).

rica é cerceado através da bravura deste “pastor das Astúrias”. Finalmente, há a assinalar, dentre os poemas que tratam diretamente dos representantes dos quatro impérios precursores, a figura de D. Felipa de Lencastre, “Princesa do Santo Gral”, mãe de quatro gênios iluminados que contribuíram para a grandeza de Portugal durante o período fecundo da Renascença. Filha do famoso Duque de Lencastre, esposa do Mestre de Aviz, ela é o elo que une a espiritualidade dos dois países — o mito do Santo Gral ao mito do Quinto Império.

Na verdade, o consciente coletivo português, tal como é vislumbrado por Fernando Pessoa, difere das características fundamentais inglesas discernidas por Thomas Carlyle pela presença da espiritualidade como um dos aspectos essenciais ao almejado Quinto Império. Este não será um império de força, de poderio territorial e de pujança econômica, mas sim um império do espírito, cujo resultado será a difusão da cultura portuguesa, formada pelos outros quatro impérios, pelo mundo inteiro através do cosmopolitanismo dos portugueses.

Dada a espiritualidade da raça, seria de esperar, como de fato acontece, que o líder iluminado requerido pelo poeta para assumir a responsabilidade pelo destino dos portugueses possuísse qualidades de espírito acima de outras de ordem moral ou meramente guerreiras, como acontece no caso do Abade Samsom. A figura do rei D. Dinis, no poema que lhe é dedicado em *Mensagem*, sobressai muito mais, em virtude de suas qualidades poéticas e pacificadoras, do que a de D. Afonso Henriques, o tradicional guerreiro contra a moirama e o arquiteto da independência portuguesa. Tanto nos poemas da primeira parte, como nos demais, são invocadas figuras tornadas heróicas pelo sofrimento, “servos da desgraça e da derrota”, as quais ajudaram a solidificar as virtudes espirituais da raça através, do martírio, “D. Fernando, Infante de Portugal”; da derrota, “D. Sebastião, Rei de Portugal”; da espera, no poema intitulado “Terceiro” e que exprime os sentimentos do próprio poeta-narrador de *Mensagem*.

A concepção do líder iluminado entretida por Fernando Pessoa sofre algumas importantes transformações no decurso da evolução artística do poeta. Nos artigos escritos para a *Águia* em 1912 é simplesmente poeta o líder apontado. A fusão da poesia espiritual e materialista que marca a produção literária do *Saudosismo* culminaria no aparecimento — por obra dos desígnios intervencionistas divinos —

de um poeta máximo, de um Super-Camões, que muitos acham, cremos que injustamente, haver sido Fernando Pessoa ele próprio, anunciado, desse modo, através de um rasgo de vaidade pessoal e de excessiva auto-confiança:

E isto leva a crer que deve estar para muito breve o inevitável aparecimento do poeta ou poetas supremos desta corrente de nossa terra, porque fatalmente o Grande poeta que este movimento gerará deslocará para segundo plano a figura até agora primacial de Camões.⁸

No estudo que empreende ao longo dos artigos publicados na *Aguia* acerca das afinidades entre a evolução da literatura e o progresso político e social dos povos, Fernando Pessoa limita-se a aplicar o processo histórico de Macaulay e Carlyle, que visava a determinação das correntes misteriosas do sentimento nacional. O poeta, contudo, vai muito mais além dos juízos expressos pelos dois historiadores ingleses, ao propor, desde logo, nesta primeira fase de sua carreira, o aparecimento quase instantâneo do poeta supremo, que só por coincidência ou por uma perspectiva atual poderá ser interpretado como sendo ele próprio.

É no “Ultimatum”, manifesto futurista de Alvaro de Campos, publicado em 1917 no número único da revista *Portugal Futurista*, que a concepção do homem completo surge integrada a uma forma de governo de características ditatoriais. É aí que Fernando Pessoa, por intermédio do modernista Alvaro de Campos, anuncia a necessidade da abolição do conceito de Democracia, segundo o qual, “dois homens correm mais que um homem só! *Um* mais *um* não são mais do que *um* e *um*, enquanto *um* e *um* não formam aquele *Um* a que se chama Dois”. Semelhantemente a Carlyle, o poeta não parece acreditar no governo erigido sob bases democráticas, isto é, por eleições de maiorias votantes e proclama, “a Ditadura do Completo, do Homem que seja, em si próprio, o maior número de Outros: que seja, portanto, a Maioria”.

Três anos mais tarde, no poema dedicado a Sidônio Pais, a que já nos referimos quando o aproximamos da ode de Marvell dedicada a Oliver Cromwell, o líder iluminado deixa de ser o instrumento ativo de uma plenitude nacional prestes a realizar-se, passando a ser, apenas, símbolo do desígnio providencialista.

(8) *A Nova Poesia Portuguesa*, op. cit., p. 27.

A partir desta data, Fernando Pessoa preocupa-se mais com a profecia sobre o Quinto Império do que com o homem superiormente designado para a levar a bom término. A impressão que nos fica depois da leitura de *Mensagem* é mais a de um povo estagnado, “a entristecer”, do que a afirmação poderosa de um destino a ser cumprido dentro em breve. Thomas Carlyle havia vislumbrado as características fundamentais da nacionalidade britânica numa comunidade religiosa do século doze. Apesar da época em que viveu carecer de líderes, isso não impede que no decurso dos anos, longe ou perto, a imagem esboçada no longínquo convento de St. Edmundsbury, se venha a concretizar plenamente. É esta a atitude adotada pelo poeta português depois das anunciações prematuras dos primeiros anos. A materialização da visão mística do Quinto Império é arremessada a um futuro igualmente indefinido. A nacionalidade portuguesa está em progresso; a hora ainda não é chegada. Apenas o nível de estagnação a que chegou a pátria parece indicar a possível mudança do *status quo*. E *Mensagem* termina com a declaração quase inaudível: “É a Hora!”

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço de terra
Que é Portugal a entristecer —
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fátuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quere.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ânsia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
O Portugal, hoje és nevoeiro...

É a Hora!

VI. A EDUCAÇÃO CLÁSSICA DE FERNANDO PESSOA

Os conhecimentos de Fernando Pessoa com respeito às línguas latina e grega têm sido um dos aspectos da educação inglesa que mais tem intrigado a crítica pessoana. Nas biografias que elaborou para acompanhar a obra dos heterônimos, o poeta assinala os conhecimentos clássicos de Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Aquele havia sido educado “num colégio de jesuítas” e era “um latinista por educação alheia e um semi-helenista por educação própria”, enquanto Campos havia recebido instrução na língua latina por intermédio de “um tio beirão que era padre”.¹

Estes dados biográficos, apesar de se referirem à biografia dos heterônimos, são igualmente aplicáveis à própria experiência educacional de Fernando Pessoa, o qual, como vimos, recebera esmerada educação latina no curso da *Durban High School*, sob a capacitada orientação do *Headmaster* Nicholas e possuía, queremos crer, alguns conhecimentos da língua grega adquiridos por conta própria. A intenção de aprender grego se encontra documentada no ofício que dirige ao reitor da Faculdade de Letras de Lisboa, solicitando permissão para ingressar no “Curso Superior de Letras”, a fim de cursar as cadeiras de filosofia, bibliologia e língua grega.² Embora tenha abandonado o curso, há indícios de que a tentativa de aprender grego tivesse persistido na sua mente por mais algum tempo. Entre os livros de sua biblioteca particular encontra-se uma edição bilíngüe de um texto de Ésquilo assinada por Alexander Search com data de dezembro de 1906 — três meses após haver requerido ingresso na Faculdade — que contém alguns sublinhados na seção em grego.³

(1) *Páginas de Doutrina*, 2.^a ed., *op. cit.*, p. 205.

(2) Antonio Pina Coelho, *Os Fundamentos Filosóficos na Obra de Fernando Pessoa*, Vol. I (Lisboa: Editorial Verbo, 1971), p. 17. Documento com data de 26 de setembro de 1906. O poeta havia submetido um outro ofício no ano anterior, logo depois do regresso de África, mas ao que parece não chegara a se matricular.

(3) Eschyle, *Prométhée Enchainé*.

Estas incursões autodidatas no aprendizado da língua grega não devem ter sido muito bem sucedidas e o poeta permanece, como seu heterônimo latinista Ricardo Reis “um semi-helenista por educação própria”.

Na biografia a que já várias vezes nos referimos intitulada *Vida e Obra de Fernando Pessoa* João Gaspar Simões informa-nos acertadamente que o poeta não estudara grego em Durban.⁴ Contudo, em uma outra parte de seu trabalho, o biógrafo refere-se aos poemas de Anacreonte e Safo que deveriam ter constado do rol de ensinamentos do primeiro ano de “Artes” da Universidade do Cabo da Boa Esperança. A informação é baseada em mera suposição e, como vimos, alterada mais tarde ao final do primeiro volume. No entanto, ela demonstra a incerteza do crítico no que diz respeito ao sistema escolar da África do Sul — os estudantes não freqüentavam a universidade — e aos estudos de grego feitos pelo poeta. Assim, Américo da Costa Ramalho, discordando da afirmação de João Gaspar Simões, tem demonstrado, através de várias publicações, que Fernando Pessoa, muito embora tivesse estudado latim, não possuía qualquer conhecimento válido de grego. O crítico e professor de línguas e literaturas clássicas na Universidade de Coimbra chegou a essa conclusão depois de estudar a procedência de referências helênicas na obra do poeta português. Verificou, por exemplo, que as traduções da Antologia Palatina são, de fato, baseadas na tradução inglesa dessas composições de autoria de W. P. Paton e não no original grego. Em artigo publicado na revista *Panorama*, o Professor Costa Ramalho atribui a origem do termo *Demogórgon*, título de um dos poemas de Alvaro de Campos, à literatura inglesa.⁵ Maria Helena da Rocha Pereira, que como o professor Costa Ramalho é especialista em estudos clássicos, vê na expressão “Jardins de Adônis” de um poema de Ricardo Reis a influência de William Shakespeare — “*Henry VI*, primeira parte, Ato I, Cena VI”.⁶

(4) *Op. cit.*, I, pp. 107-8, 296.

(5) Os artigos do professor Costa Ramalho que tratam do assunto são *Portuguese Essays* (Lisbon: National Secretariat of Information), pp. 51-2; “A Propósito de Fernando Pessoa”, *Humanitas* (nova série), 1961, p. II; “O Globo Mundo em sua Mão”, *Colóquio*, n.º 17 (fevereiro, 1962), p. 61. “Demogórgon em Fernando Pessoa”, *Panorama*, n.º 5 (março, 1963).

(6) “Sobre uma Ode de Ricardo Reis”, *Praça Nova*, n.º 7 (dezembro, 1962), p. 8.

Tem razão o Professor Costa Ramalho quando afirma que o poeta não deveria ter estudado grego em Duroan. Clifford Geedts, colega e contemporâneo de Fernando Pessoa no liceu, afirma que, nessa época, não havia curso de grego na escola.⁷ Um aluno de uma turma anterior à dos dois estudantes “lembra-se de ter lido Alceste na aula do *Headmaster* Nicholas”.⁸ Mas como o poeta não prestou a prova de grego em quaisquer dos três exames administrados pela Universidade do Cabo da Boa Esperança, é lícito inferir que essa matéria não fazia mais parte do currículo.⁹

Conquanto não tivesse estudado grego, o conhecimento que Fernando Pessoa possuía do latim era dos melhores. Os estudos na matéria foram encetados pelo poeta logo no primeiro ano do liceu em 1898. É a essa data que adquire o primeiro compêndio de língua latina, *The First Latin Primer*, de autoria de John Murray, que ainda hoje se encontra na biblioteca particular do poeta em Lisboa. Um horário escolar anexado à contracapa do referido livro informa-nos que a disciplina de latim era ministrada na *Durban High School* de segunda a sexta, das dez e meia às onze e quinze da manhã.¹⁰ Já vimos, no primeiro volume do presente estudo, a proficiência do *Headmaster* Nicholas no ensino de sua matéria favorita. Que Fernando Pessoa se salientou nesta matéria, é-nos revelado pela anotação do reitor da escola ao lado do seu nome na folha de matrícula. Como afirma Hubert Jennings, o *Headmaster* Nicholas nunca teria anotado “exce-lente”, se Pessoa não se tivesse salientado na disciplina de latim. Em contrapartida, o poeta, anos mais tarde, em carta a João de Castro Osório, renderia homenagem, ainda que indiretamente, ao seu professor de latim humanista.

A fim de averiguarmos os conhecimentos de latim de Fernando Pessoa, poderemos nos valer das provas na matéria que constam dos exames prestados pelo poeta em 1903 e 1904 — o exame de admissão e o exame intermédio respectivamente.

(7) Informações prestadas por Clifford Geedts a Hubert Jennings; vide carta particular de 17 de maio de 1965. Cf. Apêndice I.

(8) Jennings, *The D. H. S. Story*, *op. cit.*, pp. 84, 119.

(9) Vide apêndice II, prova de grego referente ao exame de admissão.

(10) Datado e assinado na contra-capa: V-II-MDCCCXCVIII, F. A. N. Pessoa. Vide, horário escolar, apêndice I.

Não há dúvida que a língua e literatura latina, à semelhança do que se passava na Inglaterra, era uma das disciplinas mais importantes no âmbito do sistema escolar da África do Sul. Fazia parte, portanto, das matérias obrigatórias a serem examinadas nos três exames administrados externamente pela Universidade do Cabo aos alunos da *Durban High School*. No exame de admissão de 1903, a prova incidia sobre o livro primeiro da *Guerra Civil* de Júlio César e exigia dos candidatos a tradução e versão de textos à primeira vista desconhecidos, assim como a execução de exercícios gramaticais que versavam a análise sintática, léxica, declinação, sintaxe e versão de frases idiomáticas.¹¹ Uma descrição completa do exame de latim poderá ser encontrada em apêndice ao presente estudo.

Apesar de poder ser prestada no ano seguinte, a prova de latim do exame intermédio era bem mais complexa que a do exame de admissão. Como já tivemos ocasião de assinalar, poucos eram os jovens sul-africanos que prestavam este exame, visto ele se destinar, principalmente, aos que pretendiam prosseguir seus estudos na Inglaterra. Muitos dos candidatos esperavam três ou quatro anos antes de prestarem o exame, que era, afinal, considerado como o término dos estudos que podiam ser feitos na colônia. É lícito supor, por conseguinte, que os conhecimentos formais de latim evidenciados na obra de Fernando Pessoa não poderiam ter ido muito além dos exemplos fornecidos pelas características desta prova. No que diz respeito à sua cultura clássica, porém, parece evidente ter o poeta continuado a assimilá-la pela vida fora, principalmente por intermédio da literatura inglesa.

Pela relação das provas de latim transcritas no *University Calendar*¹², verificamos que estas se dividiam em duas partes distintas. A primeira tinha como base os livros prescritos. Os candidatos seriam examinados a respeito do conteúdo dos *set books* e deveriam responder às questões acerca de pontos gramaticais pertinentes aos trechos do trabalho

(11) Vide apêndice II.

(12) Como existem discrepâncias entre as informações fornecidas pela Universidade da África do Sul e o texto do *University Calendar* de 1904, gentilmente enviado pela Universidade da Cidade do Cabo, no que diz respeito às provas do exame de latim do *Intermediate Examination*, basear-nos-emos, doravante, por nos parecerem mais seguros, nos dados apresentados por esta última fonte (Vide apêndice II).

prescrito a serem traduzidos. A tradução de textos latinos compunha a maioria das questões desta primeira parte. A segunda testava a capacidade do candidato de expressar-se em latim através da versão de trechos em língua inglesa; uma segunda seção desta segunda parte apresentava trechos em prosa e verso que precisariam ser traduzidos do latim à primeira vista.

Os livros prescritos para a prova de latim do exame intermédio dividiam-se, como no exame de inglês, numa obra em prosa e outra em verso. Aquela era a *Guerra de Jugurta* de Salústio e esta as *Geórgicas* de Virgílio. Fernando Pessoa seria responsável pelo trecho compreendido entre as páginas um e sessenta e cinco do livro de Salústio e pelo quarto livro do poema de Virgílio.¹³

No conjunto da obra poética de Fernando Pessoa aparecem de vez em vez frases latinas e as alusões à cultura clássica são, como se sabe, freqüentes, tanto na obra ortônima como na heteronímica. No extenso artigo a que já nos referimos, escrito em língua inglesa e que, ao que parece, se destinava à apresentação dos poetas do *Orpheu* na Inglaterra, o poeta define a poesia escrita sob seu próprio nome como sendo influenciada pela literatura clássica: “Fernando Pessoa suffers from classical culture”. Da mesma forma, a poesia de Alvaro de Campos é situada como a de um “Walt Whitman com um poeta grego dentro de si”. Até mesmo Caeiro, que não recebera qualquer instrução nas culturas clássicas, se refere a Virgílio em um famoso trecho: “Os pastores de Virgílio tocavam avenas e outras coisas”.

Como não poderia deixar de ser, é o heterônimo Ricardo Reis, “latinista por educação alheia”, que acusa uma maior influência da cultura latina, tanto na mitologia de origem romana, que perpassa toda a poesia deste heterônimo, como nas formas e temas poéticos, nos quais a crítica tem sido unânime em assinalar a presença de Horácio.

(13) Um exemplar deste livro pode ser encontrado na biblioteca de Fernando Pessoa: *The Georgics of Vergil, Book IV*, ed. por Wimbolt. Ass. F. A. N. Pessoa, Durban High School, February, 1904 (Várias tentativas de escandir versos portugueses conforme o latim). Outro compêndio da época intitula-se *The Revised Latin Primer* de Benjamin Hall Kennedy (London: Logman, Green and Co., 1898), 7.^a ed. Ass. F. A. N. Pessoa e os heterônimos C. R. Annon e H. M. F. Lecher. Tentativas de escrever versos sáficos e alcaicos. Vide apêndice III.

Muito embora, como vimos, alguns dos temas das odes de Ricardo Reis possam ser atribuídos à literatura inglesa, a prova de latim do exame intermédio demonstra que Fernando Pessoa estaria plenamente capacitado a ler, por moto próprio, os poetas latinos, inclusive Horácio, cuja obra não figurava no âmbito do exame intermédio. Mais importante do que a presença de Horácio neste exame era a prática, comum na época, de traduzir para o inglês, em forma poética, os originais versos latinos. Isto se dava nos exames e nas salas de aula. M. L. Clark, em seu livro intitulado *Classical Education in Britain*, informa-nos que os exames de línguas clássicas na Inglaterra incluíam tradução em verso de poemas greco-latinos.¹⁴ Hubert Jennings, no livro que comemora o centenário do liceu de Durban, faz referência às traduções poéticas executadas pelos alunos do *Headmaster Nicholas*. Embora não seja essa informação apoiada em fatos concretos (o autor disso nos adverte em nota de rodapé), ela traduz a experiência do Professor Jennings nas escolas inglesas.¹⁵

No próprio texto do exame de latim existe, além do poema de Virgílio, uma passagem de um trecho de Lucrecio, que precisaria ser traduzida para o inglês. Não há, contudo, qualquer referência à tradução ter que ser em verso, mas esse requisito poderia ser pressuposto, não precisando constar do regulamento do exame. Quando se tratasse de poesia a tradução para o inglês seria em forma poética.¹⁶

As traduções para o inglês de poemas greco-latinos, que constam de alguns números da revista do liceu de Durban mencionados no terceiro capítulo do presente estudo e que correspondem ao período em que Fernando Pessoa frequentou a escola, seriam decorrência natural da exigência atrás mencionada. O candidato preparava-se para as provas de latim e grego exercitando-se na tradução de poesia clássica, chegando mesmo a publicar suas traduções nas páginas do *Durban High School Magazine*. Como já vimos, Fernando Pessoa não ficou alheio a essas práticas, pois há exemplos de traduções e adaptações para o inglês e português nos cader-

(14) *Op. cit.*, pp. 99-100.

(15) *The Durban High School Story, op. cit.*, pp. 113-6.

(16) Esta suposição pôde ser confirmada mais tarde pelas informações que nos foram prestadas pelo Professor Hubert Jennings.

nos e livros que nos deixou e que hoje fazem parte do espólio.¹⁷

Desde que cada um dos heterônimos representa determinados aspectos submersos da rica e muito dividida personalidade de Fernando Pessoa, à poesia de Ricardo Reis corresponde aquela faceta de seu caráter nutrida nos ensinamentos das aulas de latim, sob a orientação do excelente Professor Nicholas. Até mesmo as características fisionômicas do reitor da escola, descritas no livro de Hubert Jennings, aliadas à devoção quase fanática que este tinha pelo estudo dos clássicos, poderiam ter contribuído para a concepção física e psíquica deste heterônimo, tal como o poeta o descreve, “de um vago moreno mate”, na já comentada carta que dirigiu a Adolfo Casais Monteiro. Não há dúvida que a cultura clássica estava profundamente arraigada no espírito do poeta. Demonstram-no a obra dos principais heterônimos e aquela que escreveu sob seu próprio nome. Ricardo Reis é, porém, aquele em que essa cultura se faz mais presente. Os vocábulos de características expressivamente latinas, a sintaxe sucinta e latinizante devido à ordem das palavras, o verso exteriormente disciplinado, assim como a estância subscrita ao “espaço que é próprio dos pincares”, são alguns dos aspectos da poesia de Ricardo Reis, cuja origem remonta, queremos crer, à instrução recebida nas aulas da *Durban High School* e à prática, então generalizada nas escolas inglesas, de traduzir para a língua inglesa os versos de autores latinos.

Apesar das correspondências assinaladas entre a poesia de Ricardo Reis e a dos poetas da língua latina, é evidente nela a manifestação de certos elementos que lhe dão características próprias e a revestem de indiscutível originalidade. O paganismo de Ricardo Reis, que é fundamentado nos deuses da antigüidade indiferentes aos destinos humanos, reflete bem a problemática contemporânea de um universo sem Deus em que o ser humano se vê completamente a sós, abandonado aos caprichos de um fado irresistível. Assente numa atitude de renúncia e resignação estoicas, visceralmente disciplinada, avessa a qualquer comprometimento de natureza emotiva que possa levar a considerações de ordem metafísica, a problemática de Ricardo Reis é profundamente

(17) Vide capítulo III.

atual e válida para a nossa época. Poeta caracteristicamente moderno, Fernando Pessoa serviu-se largamente de sua formação clássica como pano de fundo a amparar, temática e formalmente, a poesia de Ricardo Reis, que encarna um dos mais angustiosos predicamentos do homem moderno — a indiferença caprichosa dos deuses perante os problemas humanos. A poesia de Reis é, como afirma o próprio poeta-matriz, “contemporânea por dentro da idade eterna da Natureza”.

VII. SIGNIFICADO E REPERCUSSÃO DA EDUCAÇÃO INGLESA DE FERNANDO PESSOA

No primeiro volume do presente trabalho, que trata dos anos que Fernando Pessoa residiu em Durban, África do Sul, concentramo-nos na análise quantitativa da aculturação inglesa do poeta nesse período. Procuramos averiguar, pormenorizadamente, os fatos relacionados com a educação inglesa, ora corrigindo e ampliando informações previamente vindas a público, ora fornecendo dados até aqui desconhecidos.

A aculturação inglesa de Fernando Pessoa foi intensa e decisiva para a sua formação artística. Imerso, durante os anos de formação intelectual, em um ambiente castiçamente inglês, pois Durban seguia de perto a tradição cultural de Inglaterra — é com razão que o poeta se refere à educação inglesa que recebera — pôde ele enriquecer sua personalidade por meio dos ensinamentos de cunho essencialmente humanista recebidos no liceu de Durban.

Esta escola atravessava então seu período áureo. Grandemente responsável pelo alto nível atingido por essa instituição de ensino era seu director, o *Headmaster* Nicholas, educador incomparável e extraordinário professor de latim, cuja devoção aos clássicos influenciava todos aqueles que com ele conviviam. Fernando Pessoa não ficou alheio a esse convívio e a admiração que evidencia pela cultura clássica reflete a influência de seu professor de latim. Até mesmo o heterônimo Ricardo Reis, no aspecto físico e na visão clássica do mundo, parece refletir o impacto causado pela personalidade de Nicholas na formação do poeta em formação.

Como o ensino na *Durban High School* visava, sobretudo, a prestação das provas dos exames administrados externamente pela Universidade do Cabo da Boa Esperança, a relação das disciplinas estudadas por Fernando Pessoa, o conteúdo das mesmas e o aproveitamento geral do poeta — e, por inferência, o montante de sua formação intelectual inglesa — são facilmente discerníveis através dos exempla-

res dos exames que nos foram remetidos e as informações quanto ao seu aproveitamento, que logramos obter mediante os bons officios das várias entidades educacionais sul-africanas a que nos dirigimos. Foi-nos possível, graças a essas informações, acompanhar a evolução intelectual do poeta a partir de seu primeiro sucesso no exame de 1901, quando se integra ao estudo de todas as matérias indiscriminadamente, até ao exame de fim de curso — o *Intermediate Examination*. Não obstante haver alcançado a mais alta classificação entre todos os alunos da Colônia de Natal, o poeta não fez jus, por questões de regulamento, ao que parece, à bolsa de estudos conferida pelo governo da Colônia, mediante a qual poderia ter freqüentado uma universidade inglesa de sua escolha durante quatro anos. Em vista desse entrave, e como não havia possibilidade de continuar os estudos na África do Sul, resolve o poeta prosseguir-los em Lisboa, regressando, para tanto, a Portugal em agosto de 1905.

A análise dos exames e a comparação dos resultados obtidos revelam-nos que Fernando Pessoa se sobressai nas disciplinas de conteúdo humanístico, quais sejam, latim, inglês, francês e história, decaído sua porcentagem quase sempre nas matérias que diziam respeito às ciências naturais e à matemática, talvez porque essas disciplinas não eram enfatizadas na *Durban High School*. É na disciplina de inglês, contudo, que obtém as mais altas classificações, principalmente a partir do exame de admissão, quando recebe o *Queen Victoria Memorial Prize* pelo melhor ensaio de estilo inglês. A obtenção do prêmio assinala um divisor de águas no âmbito da educação cultural do poeta, pois é a partir daí que a afinidade entre os livros prescritos nos exames e a obra amadurecida do poeta se torna mais evidente.

No período que vai da junho de 1901 a fevereiro de 1904 Fernando Pessoa freqüenta uma escola comercial durante a noite e aí recebe instrução na ciência comercialista e na prática do comércio. Durante o dia, prepara-se para o exame de admissão com o Professor Haggar, diretor e proprietário da *Commercial School*, que lhe serve de orientador. Os ensinamentos colhidos nessa instituição comercial vieram a ser-lhe imensamente úteis, mais tarde, em suas funções de correspondente estrangeiro em várias firmas lisboetas. Os conhecimentos assimilados na escola comercial transparecem a cada passo nos artigos que Fernando Pessoa publicou na *Revista de Comércio e Contabilidade*, por ele dirigida de parceria com seu cunhado, Coronel Francisco Caetano Dias.

Como a escola comercial, como vimos, funcionava apenas no período noturno, Fernando Pessoa dá vazão às suas inclinações literárias durante o dia. O diário de leituras revela a extensão de sua cultura nesta época e a revista *O Palrador* dá conta das primeiras tentativas de criação heteronômica. Fernando Pessoa desempenha os diversos cargos administrativos e escreve os vários contos e romances inacabados assinando nomes diferentes.

Não obstante o fracasso experimentado no exame de admissão, Fernando Pessoa, devido ao prêmio a que fizera jus por haver escrito o melhor ensaio de estilo inglês, reingressa no liceu de Durban. Ao contrário do que afirmam alguns críticos, o poeta não frequenta a Universidade do Cabo da Boa Esperança, nem se desloca para a Cidade do Cabo, sede dessa instituição, pois como vimos, a Universidade não ministrava cursos, servindo unicamente como entidade administradora dos exames prestados externamente nos vários colégios da Colônia. É nas dependências do liceu de Durban, portanto, que o poeta assiste às aulas da sexta série — a última dentro do sistema educacional vigente na África do Sul — completando o curso ao ser bem sucedido no exame intermédio. Embora tivesse permanecido em Durban até agosto do ano seguinte, não há qualquer indicação que nos permita supor que o poeta frequentou qualquer outra escola nesses seis meses. É pois com o curso completo em “artes”, equivalente ao primeiro ano de uma universidade na Inglaterra, que Fernando Pessoa regressa a Portugal, a fim de prosseguir os estudos superiores na Faculdade de Letras de Lisboa.

Neste segundo volume procuramos determinar os elementos advindos da cultura inglesa apreendida em Durban, que podem ser encontrados no conjunto da obra de Fernando Pessoa. Como vimos, cada um dos autores estudados, cada um dos termos literários prescritos encontram ressonância na obra amadurecida do poeta. A definição de ironia, a insinceridade de William Shakespeare manifesta por intermédio da criação de personagens fictícias, o conceito poético de ode, a concepção mística da raça foram elementos assimilados por Fernando Pessoa que vieram a incidir mais tarde nos processos imaginativos anteriores à sua criação literária. Na definição de ironia constante da prova de inglês relacionada com os ensaios de Addison, foi-nos dado observar a origem de um dos aspectos mais característicos da obra pessoana. O poeta cedo se familiarizou com o conceito

de ironia pelo qual o artista consegue objetivar a emoção. Na obra dramática de William Shakespeare o poeta constatou a maneira pela qual os múltiplos aspectos conflitantes da vida são apreendidos através da criação de diversas personalidades que os expressam de maneira diversa do autor que as criou. Fernando Pessoa, ao seguir o conceito de sinceridade evidenciado na obra de Shakespeare — a insinceridade chega a ser uma constante sinceridade — reduz o processo dramático à criação de personagens que exprimam emoções diferentes das do autor na sua pessoa, sem cuidar da dramaticidade poética transmitida pela própria poesia, isto é — objetivada pela imagem, metáfora, símbolo ou pela ironia e o paradoxo. As reações de algumas das personagens shakespeareanas perante o mistério do universo são semelhantes às encontradas na poesia de Álvaro de Campos e Ricardo Reis.

A obra poética de Fernando Pessoa revela a preocupação metafísica peculiar aos poetas inseridos na antologia de Palgrave e, sobretudo, à poesia de John Milton, que Fernando Pessoa admirava pelo requinte formal, pelo poder de construção e pela intensa musicalidade. As adaptações dos poetas da literatura greco-latina levadas a cabo por alguns dos poetas ingleses prescritos incitaram Fernando Pessoa a traduzir autores latinos. Essas traduções, executadas tanto na língua inglesa como na portuguesa, justapostas ao sentimento clássico que permeava a obra desses poetas, teria fornecido as bases para a concepção do heterônimo Ricardo Reis. As odes de Álvaro de Campos, descritas por Fernando Pessoa como sendo elaboradas por um “Walt Whitman com um poeta grego dentro de si”, iriam acusar o legado da ode pindárica erroneamente adaptada à tradição poética inglesa por Abraham Cowley que, contudo, teve o mérito de instituir a ode irregular no âmbito da literatura inglesa. Na ode horaciana de Marvell, que exalta a figura do líder parlamentar inglês Oliver Cromwell, observamos a gênese da ode que Fernando Pessoa dedicou à memória de Sidónio Pais.

Na identificação do sentimento nacional português concebido como idéia-fôrça em *Mensagem*, através do qual líderes iluminados conduziriam a nação portuguesa à sua missão espiritual superior vislumbrada no advento do Quinto Império, divisa-se a contribuição da obra de Thomas Carlyle.

A educação clássica manifesta na obra poética de Fernando Pessoa resulta da importância atribuída pelos educa-

de ironia pelo qual o artista consegue objetivar a emoção. Na obra dramática de William Shakespeare o poeta constatou a maneira pela qual os múltiplos aspectos conflitantes da vida são apreendidos através da criação de diversas personalidades que os expressam de maneira diversa do autor que as criou. Fernando Pessoa, ao seguir o conceito de sinceridade evidenciado na obra de Shakespeare — a insinceridade chega a ser uma constante sinceridade — reduz o processo dramático à criação de personagens que exprimam emoções diferentes das do autor na sua pessoa, sem cuidar da dramaticidade poética transmitida pela própria poesia, isto é — objetivada pela imagem, metáfora, símbolo ou pela ironia e o paradoxo. As reações de algumas das personagens shakespearianas perante o mistério do universo são semelhantes às encontradas na poesia de Álvaro de Campos e Ricardo Reis.

A obra poética de Fernando Pessoa revela a preocupação metafísica peculiar aos poetas inseridos na antologia de Palgrave e, sobretudo, à poesia de John Milton, que Fernando Pessoa admirava pelo requinte formal, pelo poder de construção e pela intensa musicalidade. As adaptações dos poetas da literatura greco-latina levadas a cabo por alguns dos poetas ingleses prescritos incitaram Fernando Pessoa a traduzir autores latinos. Essas traduções, executadas tanto na língua inglesa como na portuguesa, justapostas ao sentimento clássico que permeava a obra desses poetas, teria fornecido as bases para a concepção do heterônimo Ricardo Reis. As odes de Álvaro de Campos, descritas por Fernando Pessoa como sendo elaboradas por um “Walt Whitman com um poeta grego dentro de si”, iriam acusar o legado da ode pindárica erroneamente adaptada à tradição poética inglesa por Abraham Cowley que, contudo, teve o mérito de instituir a ode irregular no âmbito da literatura inglesa. Na ode horaciana de Marvell, que exalta a figura do líder parlamentar inglês Oliver Cromwell, observamos a gênese da ode que Fernando Pessoa dedicou à memória de Sidónio Pais.

Na identificação do sentimento nacional português concebido como idéia-fôrça em *Mensagem*, através do qual líderes iluminados conduziriam a nação portuguesa à sua missão espiritual superior vislumbrada no advento do Quinto Império, divisa-se a contribuição da obra de Thomas Carlyle.

A educação clássica manifesta na obra poética de Fernando Pessoa resulta da importância atribuída pelos educa-

dores ingleses do século dezenove ao ensino de latim e grego. As provas de latim prestadas por Fernando Pessoa nos vários exames atestam o relevo dos estudos clássicos na época. Devido principalmente à competência do professor de latim na *Durban High School*, *Headmaster* Nicholas, Fernando Pessoa possuía uma boa cultura latina. No entanto, visto o poeta não haver estudado grego no liceu de Durban, grande parte de sua cultura clássica foi derivada das obras de literatura inglesa por ele estudadas a fim de prestar os exames da Universidade do Cabo da Boa Esperança.

Os dados coligidos referentes à educação inglesa de Fernando Pessoa permitem-nos inferir que o poeta ao regressar a Portugal era intelectualmente inglês. Não quer isto dizer que tivesse perdido a afeição ao seu país de origem. Antes pelo contrário, há indícios de que no último ano de residência sul-africana Fernando Pessoa se decidira pelo regresso à pátria. Já vimos que reassumira o acento circunflexo no sobrenome. Por outro lado, a intensa absorção nos estudos, o reduzido contato com o ambiente sul-africano, a presença dos elementos culturais ingleses na sua vida e obra são fatos que atestam a íntegra formação intelectual inglesa do poeta à altura do regresso a Portugal. O ensaio a respeito de Macaulay demonstra, mais do que qualquer outro documento, a extensão do comprometimento do poeta para com a cultura inglesa.

Fernando Pessoa, em virtude de sua formação intelectual inglesa, continuou pela vida fora a servir-se das obras estudadas durante sua permanência em Durban, como fonte inspiradora de sua expressão artística. Ao regressar a Portugal, o poeta não pôde encontrar, em virtude da precária situação em que se encontravam as letras portuguesas naquela época, uma cultura que sobrelevasse a inglesa, adquirida em Durban. Além disso, o caráter universal com o qual o poeta quis dotar sua poesia fê-lo recorrer à obra dos grandes poetas ingleses tais como Shakespeare e Milton como fonte perene de inspiração. A biblioteca de livros ingleses composta de mais de duzentos volumes, acerca dos mais variados assuntos do conhecimento humano — literatura, filosofia, ciência e ocultismo — patenteiam a contínua imersão do poeta na cultura inglesa durante toda sua vida. O aspecto inglês de sua personalidade foi um outro heterônimo, que lhe foi concedido pelo destino e do qual surgiram as várias ramificações do seu ser para sempre dividido em razão da profunda vivência cultural inglesa em Durban.

O presente estudo é apenas um passo inicial para a averiguação dos elementos ingleses que concorreram para a criação da poesia de Fernando Pessoa, e os quais, até à presente data, eram quase totalmente desconhecidos pela crítica pessoana. As idéias e documents aqui apresentados poderão, assim o esperamos, estimular futuras pesquisas a fim de verificar, corrigir e completar o panorama apenas esboçado das incidências inglesas na obra de Fernando Pessoa. Estas, aliadas aos elementos de igual importância suscitados pelo meio lisboeta em que o poeta se locomoveu desde 1905 até o fim de seus dias, contribuíram grandemente para a universalidade da obra de Fernando Pessoa, que vai aos poucos sendo reconhecida e admirada no mundo inteiro.

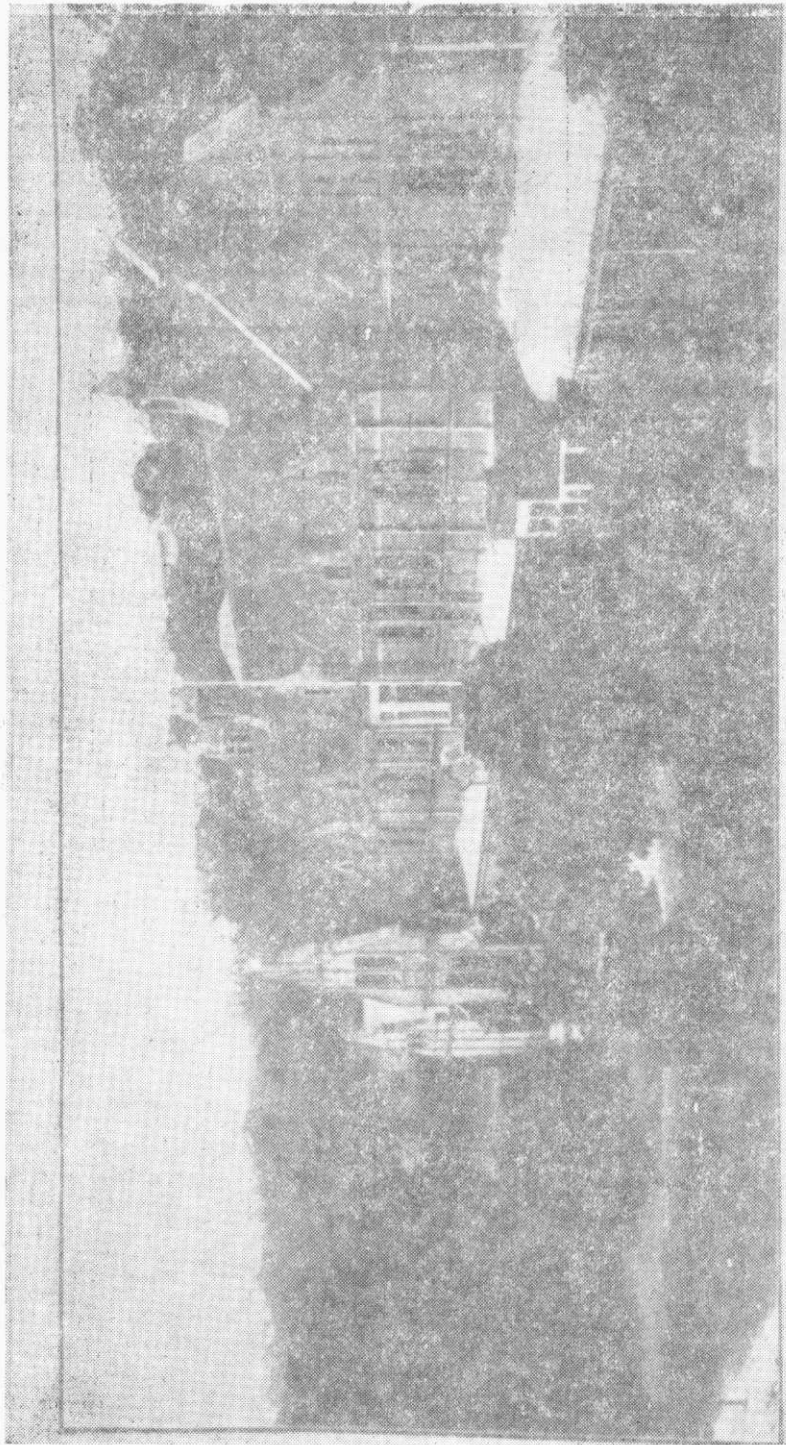
APÊNDICE I

Durban High School e Commercial School

de Fernando Pessoa pela

Documentos Referentes à Passagem

No.	Name.	Date of Birth.	Date of entering school.	Date of leaving school.	Character.	Reason for leaving.
690	Pearson J. A. W.	13.6.88	7.4.99	30.12.02	Excellent	Europe
691	Williamson W.	24.2.85	11.4.99	Left		
692	Leslie J. A.	3.4.86	18.4.99	31.5.99		
693	Leslie A. D.	21.3.89	18.4.99	31.5.99		
694	F. C. Humphreys	26.5.88	2.5.99			
695	M. Sapher	5.6.82	4.5.99	30.12.02	Good	Europe
696	A. C. Kirkcaldy	18/8.90	9.5.99	31.12.02	Excellent	3/10/03
697	J. D. Tarscoe	20/4/86	1.8.99	5.8.04		
698	J. W. Clunes	2.4.84	1.8.99	Left		
699	B. Thompson	14.4.86	1.8.99	Left		
6700	G. Taplin	3.4.85	1.5.99	18.12.02		
6701	L. Shepstone	1.1.86	1.5.99	Left		
6702	A. Shepstone	7.1.90	1.5.99	Left		
6703	E. Thompson	23.7.88	1.5.99	18.12.03		
6704	C. Trehear	23.9.87	1.5.99	Left		
6705	S. Petts	23.8.87	1.5.99	Left		



Front view of present Thurston High School Building on St. Thomas' Road District.

DECEMBER, 1904.

THE DURBAN HIGH SCHOOL

CONTENTS MAGAZINE

Cricket	63
Macaulay	64
De Omnibus Rebus	65
House Notes	66
Athletic Sports	69
Football Notes	70
Football Season Report, 1904	70
Cricket	71
Old Boys' Notes	73
Athletic Association Balance Sheet	74
Is Memoriam	75
Cricket Notes	76
Competitive Column	77
Correspondence	77
Notices	78
Our Contemporaries	78



use discounting the fact that we have not got a couple of bowlers of the same caliber as Davies and Sim or Bennett and Peel (to take the bowlers of the past three years) Lillmore and the two Fletchers are decent change bowlers. The former has an easy delivery and a natural curl something like Schwarz and when in a "curling vein" sends down a ball which from a schoolboy point of view is nearly unplayable. Unfortunately when not in the curling vein he bowls the truest "toe" and will prove very expensive. Fletcher no. 1 has a good off break but his length is uncertain. Fletcher no. 2 is fast and "whips" a bit but his length is also uncertain. Apart from these we have seen Cunningham bowl well at times and Taphin, Henwood and José are all of the unscrupulous order who might get a wicket apiece. Moderate bowling however, backed up by smart fielding will do wonders in school matches and here the record of the XI is painfully bad. In isolated matches (such as the Mount Edgecombe one) the team has fielded moderately but as a general rule the fielding has been slovenly, careless and lazy. There are just a few boys who can hold a catch but the majority cannot even be relied upon to do that; for the rest the old doctrine that to stop a ball that hits you, on the shin if you don't stop it is "fielding" has steadily gained in popularity this season. The root of all fielding is close attention to the game and but fielding which is reprehensible in a club team is in an athletic sense criminal in a school team. We regret to see that the remarks which were published in the April number and with which the present writer cordially agrees have not been taken to heart. To those of us who know that any boy who professes to play cricket at all can hold decently if he tries, it is difficult to write moderate clymasubject which has standing reputation in the school athletics. In wishing the team good luck at Maritzburg we offer these final hints to the Captains. So far as fielding is concerned the bowlers must be watched and changed accordingly. There is no earthly reason for example why men should occupy traditional places in the field because they are traditional. In the Currie Cup match we noticed that Sherwell at one time had seven men on the on side, a point, one man in the slips and one man at extra cover. To give an illustration in the match at Pietermaritzburg when José was bowling there should have been three men on the by side viz.—one

square leg, one long leg deep and fine and one between the two. The three men in the slips stood metaphorically with their hands in their pockets and for all the use they were, might just as well have been resting on the bank. Furthermore it is a great mistake to put men into places they do not like. A man for example who is a good slip is very often an indifferent cover point and to insist on his fielding cover is simply inviting disaster. We hope that Campeling will take the gloves. He is a better wicket keeper than José and the latter is a brilliant field in the country. One word about the bowling will here again, we commend the words of our April issue. We have several bowlers who can only get wickets by miracles of fine fielding. When the miracle has duly happened they have done their share and it is only presenting runs to our opponents to keep them on. If the miracle is delayed, the bowling becomes expensive. *Ferb Sep.*

Macaulay.



THOMAS BABINGTON MACAULAY was born at Rothley Temple, Leicestershire, on the 25th October, 1800. His grandfather was the Rev. John Macaulay, a Presbyterian minister in the West of Scotland, and he was the son of Zachary Macaulay, a West India merchant who, having made a moderate fortune in his business, had retired in 1799 to Clarendon, then separated from London by position, and thereafter by his kind by interests.

A youth of enormous reading and of acquirements almost abnormal, he passed, in his nineteenth year, 1819, the hands of an Evangelical clergyman at Sheffield, with whom he had served seven years, into Trinity College, Cambridge; and of this college he was made a fellow in 1821. Brilliant as a debater, still more as a scholar and as a poet, he won a Latin scholarship, twice, and twice gained the Chancellor's medal. And here it is worthy of notice that in the best of his mind at Cambridge this young man already differs from that author placed beside him in the history of nineteenth century literature. Macaulay felt little attracted by the mathematical studies then so extensive at Cambridge; on the other hand, it was in these very studies that Thomas Carlyle excelled. And yet this is but of passing

interest. Nothing, in truth, can be less mathematic and less precise than Carlyle's manner of writing. We feel an immense commotion in reading him, in his electrical attraction for us, and in his majestic sky-disturbance; we now are astonished by a period of breathless calm, and now are dazzled and bewildered by a lurid outburst of chaotic force; we either linger in expectancy or, though expectant, are surprised by the sudden horrors of a spasmodic day—a day enlightening, but with a gleam too short for our sight, the labyrinths and the caverns of indefinable mortality; we transgress, in hearing, our senses and for ever are held enraptured and attentive by that expressive swaying of a terrific thunder-march.

But enthusiasm for an author—and that author too not the one I speak of—cannot in any way atone for a digression. I return therefore to Macaulay. He began to devote himself seriously to literature in 1822, when he took the degree of B.A.; that of M.A. he gained in 1825. He had contributed to "Knight's Quarterly Magazine" essays, reviews, and some of his best known ballads, the "Arncliffe," "Ivy," and "Monsieur" among them; but the real appearance of Macaulay before the critic and the public was made in the year he became M.A. by his famous essay on Milton, published in the month of August in the "Edinburgh Review." In this essay we see already Macaulay's virtues and faults. We note his initial grasp upon the subject and his subsequent lack of depth and of breadth and even of a certain constraint. And yet the insight of it, and the discrimination are everywhere evident, as are its enthusiasm and its assiduous glow, as indeed are the studied abruptness of the style and the occasional felicity of the paragraph.

In 1826 Macaulay was called to the bar at Lincoln's Inn, but, as it appears, never practised. Not much need be said of his political life. Sufficient is it to note that he believed sincerely in Whiggism and that he was most skillful in presenting the grounds for his belief. In 1830 Macaulay entered Parliament for the pocketborough of Calne, and, making an honourable part in the Reform debates, was returned for Leeds in 1832. To be able to help his family, now in straitened circumstances, he went out to India as legal adviser to the Supreme Council, and his chief labour in that country was the preparation of a new Penal Code, which, when drawn up, showed so much consideration and humanity for the natives, that its author gained the hatred of the Anglo-Indians. Macaulay returned in 1835, and represented Edinburgh in the Commons, with five years' interval, till 1866.

In 1842, while holding the office of War Secretary, Macaulay most appropriately prepared the "Lays of Ancient Rome." In 1843 the "Essays" appeared, in three volumes, and, two years after, our author ceased writing for the "Edinburgh Review," he was working hard at his "History." The first two volumes of this famous work appeared in 1848 and their success was enormous. In the next year

Macaulay was made Lord Rector of Glasgow University and received the freedom of that city. The third and fourth volumes of the "History" saw the light in 1855 and were greeted by no less enthusiasm than their precursors had been. In 1857 Macaulay was distinguished by the French Academy of Moral and Political Sciences, as well as by many other institutions, and in the same year was raised to the peerage as Baron Macaulay of Rothley. But his work had been too strenuous, his health failed him, and on the 28th of December, 1859, he died suddenly at his London residence, being afterwards buried in Westminster Abbey.

The fifth and fragmentary volume of his "History" was published in 1861, and in 1876 a biography of him by his nephew gave us the most interesting particulars about his life and his character.

The character of Macaulay was indeed such as might well endure him to posterity. He never married, whence in part that lack of ethics for which he has ever been censured. But we see that he was the best and the tenderest of sons of brothers and uncles, while of his generous feelings for humanity we have evidence in the penal code he drew up, referred to above as having brought upon him the enmity of the Anglo-Indians.

The works of Macaulay are now to be considered, and the consideration of them must be hurried, looking first over his essays, so that they are varied in merit; that on Wolfe is unjust through lack of insight, and the one on Johnson marred by the faulty appreciation of Boswell. But the essay on Temple is magnificent, that on Pitt inferior to the "Life" afterwards written, while that on Hallam's "Constitutional History" is held almost unanimously to be the best of them all. The essays on Clive and on Hastings are among the best, that on Clive being without doubt a masterpiece. But even in this the back-ground of general historical facts is weak, the character of Dupleix misinterpreted. Some historical facts, moreover, are distorted. But as an example of Macaulay's talent and style there are few essays better than this.

In his conception of history Macaulay agrees with Carlyle. Both Macaulay and Carlyle held that history should be no means "a mere record of battlefield and of court intrigue, of the rivalry of states or of pure internal dissension, in fine, of those outward events, which, through being outward, are obtrusive. They sought the sources of these events in the unseen currents of national sentiment, of conditions then existing in the state of the masses at that time. But Carlyle differs from Macaulay in that, while Macaulay gives us a picture to illustrate a thesis he sets forth, Carlyle gives us a picture and saves us to gather from it what we may. Macaulay did not wish to study the history of a time in parchment; to him it was rather to be studied in silk and in velvet; that is to say, instead of relying, or resorting to consult, historical documents, he found

His daily check-up of all the exercises and the thoroughness of his legs, and his persistent grip on our souls, I will not have room, but the first of his thoughts were, "Our legs are the steady backbone of the team, so it is well that they should be completely in command of their own affairs. But the final thing we may feel a need to remember is that his legs should not be neglected in any way at times most active. Warmth and flexibility power alone are to be sought in his joints." Marjorie knew quite well that she had to be prepared to receive, and know as well what to avoid, either in or if that, he even as he encouraged a practice of style which would affect the muscles and tendons, in order to shut out of sight the fatal injury which would be made from prominent.

There is a chance to be lost of Marjorie's own, as well as that of her own. And it is in the exercise, she will have to be Marjorie's, and in the exercise, she will have to be Marjorie's, and in the exercise, she will have to be Marjorie's.

P. A. Powell

De Omnibus Rebus

Our first objective has been to secure the building of a schoolhouse in the school through the donation of the U. S. G. The school has recently received a grant of \$2000.00 from the U. S. G. We are in the process of building a schoolhouse which will be a fine addition to the school.

The school is now in the process of building a schoolhouse which will be a fine addition to the school. We are in the process of building a schoolhouse which will be a fine addition to the school.

The school is now in the process of building a schoolhouse which will be a fine addition to the school. We are in the process of building a schoolhouse which will be a fine addition to the school.

The school is now in the process of building a schoolhouse which will be a fine addition to the school. We are in the process of building a schoolhouse which will be a fine addition to the school.

The school is now in the process of building a schoolhouse which will be a fine addition to the school. We are in the process of building a schoolhouse which will be a fine addition to the school.

quies. Already there have in the possession of the bank account and up some of the general. A very well expressed committee will be necessary.

The U. S. Navy of the Navy League has been being established as a result of the efforts of Mr. Wright who made a tour of the Great Lakes to arouse a wider interest in the Navy. The latter ship roll amounts to 125.

Under the auspices of the University of the Navy League, Mr. Pollock, who was before us, Nelson and Mr. Thomas, the "The" speaker of the day. The lecture treated the work of Nelson and described his appearance and character. In stating his remarks with lantern slides, the "The" speaker of the lecture Mr. Thomas was the "The" speaker of the lecture.

In the late of the U. S. Navy, in the presence of Captain Ash visited the "The" speaker of the day. The lecture treated the work of Nelson and described his appearance and character. In stating his remarks with lantern slides, the "The" speaker of the lecture Mr. Thomas was the "The" speaker of the lecture.

In connection with the Navy League it is being brought to the notice of the "The" speaker of the day. The lecture treated the work of Nelson and described his appearance and character. In stating his remarks with lantern slides, the "The" speaker of the lecture Mr. Thomas was the "The" speaker of the lecture.

The Greenacre Club is to be played at "The" speaker of the day. The lecture treated the work of Nelson and described his appearance and character. In stating his remarks with lantern slides, the "The" speaker of the lecture Mr. Thomas was the "The" speaker of the lecture.

Major McKee of the "The" speaker of the day. The lecture treated the work of Nelson and described his appearance and character. In stating his remarks with lantern slides, the "The" speaker of the lecture Mr. Thomas was the "The" speaker of the lecture.

We are in the process of building a schoolhouse which will be a fine addition to the school. We are in the process of building a schoolhouse which will be a fine addition to the school.

We are in the process of building a schoolhouse which will be a fine addition to the school. We are in the process of building a schoolhouse which will be a fine addition to the school.

We are in the process of building a schoolhouse which will be a fine addition to the school. We are in the process of building a schoolhouse which will be a fine addition to the school.

A very successful concert arranged by Mr. Gort was held in the school on the 1st. We report that a full and successful concert was held in the school on the 1st. We report that a full and successful concert was held in the school on the 1st.

(Transcrição do horário escolar referente ao ano letivo de 1899, que estava afixado à contracapa ao livro de John Murray, *A First Latin Course*, 1892. Ass. F. A. N. Pessoa).

Day	9-9:45	9:45-10:30	10:30-11:15	11:15-12	1-2	Extra
Monday	English L.	Science	Latin	Arithmetic	Geometry	French
Tuesday	Poetry	French	Latin	Algebra	History	Geometry
Wednesday	English	Science	Latin	Arithmetic	French	Trigonometry
Thursday	Poetry	French	Latin	Algebra	Geometry	Geometry
Friday	English	Science	Latin	Arithmetic	History	

(Diário de leituras referente ao ano de 1903).

Reading Diary: April to May (end): "Vanity-Fair"; Jules Vernes: *Voyage to the Moon*; *Voyage Around the Moon*; Guerra Junqueiro: "Velhice do Padre Eterno"; Byron: "Childe Harold" (Cantos I & II). "Hebrew Melodies"; Keats: "Basil Pot (Isabella)" & "St. Agnes' Eve"; Albino Forjais de Sampaio: "Palavras Cínicas"; Lombroso, "Homme Criminal". Keats; Chesterton, Gresset, "Le Carine Impromptu".

June: 1: Laing. "Modern Science & Modern Thought", Cr. I. & II.
E. A. Poe's Poems (almost all).
Spectator 1 - 4.

June 2: Nothing.

June 3: Nothing.

June 4: Spectator 4 - 10.

- June 5: Byron: "Hours of Idleness" to p. 20.
- June 8: Keats: "Odes and Other Poems".
Laing: Modern Science and Modern Thought.
- June 9: Keats: *Ibidem*.
Weber: *History of European Philosophy* (up to Pitagoras).
Espronceda: "Estudante de Salamanca".
- June 10: Keats.
- June 11: Espronceda.
- June 12: Laing; Keats: "Early Poems"; Spectator 10; Colin d'Hárleville.
- June 13: Molière: Débit Amoureux, Précieuses Ridicules.
- June 14: Laing.
- June 15: Voltaire: "Contes en Vers".
- June 16: Keats: Early Poems.
- June 18: Voltaire, "Candide".
- June 19: Voltaire, "Micromegas".
- June 20: (Nothing; much to study).¹
- June 21: Parny, "Guerre des Dieux" (six cantos); Hudson: "Spenser", 1st Chapter; Keats: in several places; Silva Passos: "Evangelho Novo". 168 pp.
- June 17: (Nothing; all day away from home).²
- June 22: Silva Passos: (finished).
Shelley: "Alastor".
- June 23: Parny: (finished).
- June 24: Pigault-Lebrun: "Le Citateur", about half (rather ill, could not continue).³
- June 25: Finished "Citateur".
- June 26: Fontenelle: *Historie des Oracles*.
Shelley: Islam, Canto I.
- June 27: Thomas Child: "Root Principles in Rational and Spiritual Things", 2 chapters (no more; very ill in bed).⁴

(1) "Nada; muito que estudar".

(2) "Nada. Fora de casa o dia todo". O diário aqui perde a sequência cronológica.

(3) "Doente; não pude continuar".

(4) "Mais nada. Muito doente; de cama".

- June 28: Tolstoi: "La Sonate a Kreutzer" (Illness and Convalescence).⁵
- Aug. 5: (Sunday): Schopenhauer: "Essai sur le libre Arbitre".
- Aug. 6: (Read nothing; too much thought).⁶
- Aug. 7: Fomielée: "Philosophie de Platon".
- Aug. 8: (Nothing; too much thought).
- Aug. 9: "Phil. de Platon" continued reading. Read a little Shelley.
- Aug. 17: Shakespeare's Tempest.
- Aug. 18: Shakespeare "Comedy of Errors".
Ferrière: "Le Darwinisme" (study).
- Aug. 19: Shakespeare: "Much Ado" (study Ferrière).
- Aug. 20: (work the whole day).⁷
- Aug. 21: (practical work the whole day).⁸
- Aug. 22: Fouillée: "Philosophie de Platon". 1st Book, Part I (again).
Platon, (Par I, Book I).
- Aug. 24 & 25: (Ill and unable to read).⁹
- Nov. 17: Hamon. "Determinismo e Responsabilidade".
- Nov. 19: (French).
- Nov. 23: Cousin: Zeno; Funck-Bretano, "Zeno".
Aristotle; "De Xenophane".
Zenone et Gorgia (Moral Sense is dependent on the refinement
of sensation).¹⁰
- Nov. 24: Aristotle: "De Xenophane".
Zenone et Gorgia.
- Nov. 25: Jonson: "Every Man and His Humour".
- Nov. 26: Ribot: Psychologie Allemande Contemporaine.

(5) "Doença e Recuperação".

(6) "Não li nada. Meditei bastante".

(7) "Trabalhei o dia todo".

(8) "Trabalho prático o dia todo".

(9) "Doente; não pude ler".

(10) "O sentido moral depende do refinamento da sensibilidade".

(CARTA DE HUBERT JENNINGS DE
17 DE MAIO DE 1965)

'Fernleigh'
Lambert Road,
DURBAN.
17.5.1965.

Professor A. Severino,
P.O. Box 420
Marilia,
Brazil.

Dear Sir,

Your letter of April 23, 1965 to the Head Master, Durban High School has been handed over to me for answering as I recently did some research on Pessoa in connection with a history of the School which I have been compiling. I enclose a copy of the chapter I wrote on the poet.

As will be seen our knowledge of the poet's school-days is very meagre. There are several men who were at the school in Pessoa's day still living but I have only found one who remembers him — the Clifford Geerds mentioned in the text. After this long lapse of time he could still remember his full name and added another which is not mentioned any-where else. The name he remembered was: FERNANDO ANTONIO LUIS NOGUEIRA PESSOA. He had already dropped the circumflex accent over the 'o' in *Pessoa*, it seems, because it does not appear in any of the school records.

The Admission Register notes against his name: Date of birth: 13.6.1888. Date of Entry into school: 7.4.1899. Date of leaving school: 16.12.1904. There is also an earlier entry 1902 when he left temporarily to make a voyage to Portugal with his family. He returned, however, in time to make the matriculation examination in 1903 and obtain the highest marks in the school. The Cape Intermediate referred to in the text was an examination set by the University of the Cape of Good Hope and roughly equivalent to a first year's course in a university now.¹ In those days the Colony of Natal (then separate from the rest of South Africa) awarded a scholarship to the boy from the Colony who obtained the highest marks in this examination.

(1) Armand Guibert states that Pessoa attended the University for one year. There is no evidence anywhere of this and it is probable that G. surmised that talking the university exam. meant attending the university.

The scholarship on this occasion was awarded to Clifford Geerdt who the records show as having gained more marks than Pessoa. Geerdt is unable to explain this, for Pessoa was known to be the most brilliant boy in the class and his marks in the previous year's examination are far ahead of those of Geerdt.

The latter has one curious memory connected with Pessoa which I have not used in the text but which may be of interest to you. Soon after arriving at Oxford (where he took up his scholarship) he received a letter from a doctor in Lisbon asking him a number of questions about Pessoa whom the writer alleged he was treating for mental illness. Geerdt replied very cautiously because he was convinced (from the style and the nature of the questions) that the writer was actually Pessoa himself who had chosen this way to try and find out what Geerdt's opinion of him was.

There is only one William Storm in the records of the School. He was born 8.2.1880, attended the School between 1892 and 1894 and the Head Master's comment against his name is 'Idle and inclined to truancy.' His comment on Pessoa was 'Excellent.' Storm was therefore eight years older than Pessoa and left the School five years before Pessoa arrived there. There also seems some marked difference in temperament judging by the H. M.'s comments. There is also a note in another publication that Storm married a Miss Ballard in 1904 while Pessoa was in his last year at school. It seems unlikely that two people so dissimilar should be close friends. Pessoa as you know, had a passion for innocent deceptions and probably chose that name at random for some other friend. If Mr. Storm were still alive, I think I should have heard of it but I am making further inquiries.

There is no record at the School of what the syllabus for either Latin or English was. The examinations for both matriculation and the intermediate were set by the University of the Cape of Good Hope. This, I believe, has been superseded by the University of South Africa at Pretoria. It may be that they have preserved some examination papers of the period, and I suggest you write to the Bursar of that University.

I can add this information about the Head Master of the time which may be useful to you. W. H. Nicholas was H. M. from 1886 to 1909 and died in 1918. He was of Irish-Spanish descent, a forbear having been a sailor of the Spanish Armada who was wrecked off the coast of Ireland in 1588. He was a handsome, swarthy man who was the most brilliant teacher of his time in Natal and passionately devoted to Latin. All those who knew him mention this. He had no regard for anyone whose Latin was weak and thus would never have written 'Excellent' against Pessoa's name if he had not shone in his favourite subject. I have hazarded the guess in my chapter that the manifestation of himself as Ricardo Reis is based on W. H. Nicholas. One

of the men from a slightly earlier period remembers them reading the *Alcestis* of Euripides with Nicholas, but Geerdts tells me that Greek was not studied in his day. The subjects taught were English, Latin, French (with Dutch as an alternative not much used in those days) Mathematics, Science and History — largely English History. I do not know to whom Pessoa's astonishing advance in English should be attributed the H. M. did not normally teach it, although his knowledge of English classics is said to have been prodigious.

In a list of books in English which Pessoa had and which are listed by Maria da Encarnação Monteiro (*Incidências Inglesas na Poesia de Fernando Pessoa*) translations of both Greek and Latin texts occur. It is possible that with his fluent English Pessoa found them easier to read that way. I presume you know about Miss Monteiro's thesis? She is now living in Lourenço Marques and presented a copy to the School. My great regret is that I can only dimly understand it from a working knowledge of Spanish. It contains however, a most useful collection of Pessoa's English poems.

I hope this information may be of use to you. I should be delighted to receive a copy of your thesis when it is completed, if you would so far honour me.

Yours sincerely,
ass. Hubert Jennings

(CARTA DE HUBERT JENNINGS DE
15 DE JUNHO DE 1965)

Fernleigh,
Lambert Road, Durban.
15.6.65.

Dear Professor Severino,

Many thanks for your letter of May 30. When you receive my chapter on Pessoa, I would be very grateful if you would point out any errors I may have made as my book is now being printed. There may be time to make any corrections. I will now try to give you the small harvest of additional information I have been able to gather. Incidentally it is nearly as difficult to find anything about the schooldays of Pessoa as it would be about Shakespeare's. I have seen Clifford Geerdts again but he is in poor health having suffered a stroke since I last saw him (two years ago) and was obviously speaking and thinking with difficulty. He is now 79 years old.

He remembers Ormond and thinks he was the son of a doctor in Newcastle (a small town in Natal 300 km from Durban). The school records show that J. M. Ormond was at the School 1898-1901, matriculated 1899; took the Cape Intermediate 1902 at the South African College (a forerunner of the present University of Cape Town) and then entered Trinity Hall, Cambridge. I have not been able to find anyone who came into contact with him after that. You will notice that he matriculated 4 years before Pessoa and that he was in Cape Town when Pessoa was supposed to have been at the Business College. He is the only Ormond in the School registers. To return to Geerdts. He tells me that he was given no credits for having passed the Cape Intermediate. He still had to take the Oxford first year exams — called Responsions (officially) and 'smalls' colloquially. 'Cape' is short for the University of the Cape of Good Hope — the first university in South Africa and for many years the only one. In 1874 it began to prescribe and mark the matriculation examination and in 1883 the Intermediate Examination. In a few cases some boys even took their final degree examinations at the School. An older contemporary of Pessoa's, E. G. Jansen (afterwards Governor-General of South Africa) took the B. A. degree at the School in 1901. In 1900 he came second in South Africa in the Cape Intermediate with 1473 marks. He afterwards had a brilliant career at Oxford (2nd in the final law exams) and later the best-known and best-paid barrister in South Africa. I mention these two older contemporaries of Pessoa's, because as a smaller boy he probably regarded them with awe (if anything ever awed Pessoa!) and because it shows the standard then attained by a small school (186 boys as against the present 600) in a remote place. In 1910 the University of Natal was established and the Intermediate and degree courses in general were thenceforward taken there. Boys also no longer enter the School at so early an age as Pessoa. The course is restricted to forms III to VI (or Standards 7 to 10). A preparatory school was established in 1913 to take those of younger age.

I have been through the early D. H. S. School magazines again and find the following in the issue of April 1905 (page 94): —

VALETE

(a list of boys who had left the school the year before) VI F. A. Pessoa. Entered the School April 1899. Left for Europe 1902. Cape Matric. 1903 (First Class). Re-entered the School in 1904. Cape Inter. (2nd. class) 1904. Member of the D. H. S. Magazine Committee. (VI means the form he attained when he left) This sums up virtually all that appears in the records. It therefore appears likely that Pessoa was at the Business College in 1903. If he could do a business course and at the same time study for an academic course for matriculation and pass with distinction, it was no mean feat. I have written to the Joint Matriculation Board at Pretoria, the present governing

board of the matriculation examination, to ascertain whether they have the files of the former examining body, the Cape of Good Hope University, and whether they can give me details of Pessoa's results. His drop to 2nd class in the Inter. exam. is a complete mystery to me as it is to Geerdt. 'A espantosa realidade das coisas' is painfully not apparent with regard to Pessoa's schooldays! Thank you for offering to help me with Portuguese sources. If I should adventure on some serious work on Pessoa I shall certainly seek your aid. I hope to go to Europe next year, and if you would give me a letter of introduction to someone in Lisbon interested in Pessoa I would be eternally grateful.

Yours sincerely,
ass. Hubert Jennings

(CARTA DE HUBERT JENNINGS DE
21 DE JULHO DE 1965)

Durban, July 21, 1965.

Dear Prof. Severino,

I have just received the enclosed communication from the Joint Matriculation Board, which I think you will find very interesting. It did not occur to me until quite recently that the JMB must have inherited the files of the Cape University and would be able to give us exact information on Pessoa's exams. I have written for further information (I enclose copy of the letter) and will let you know if anything of interest transpires.

Pessoa's marks are much lower than I expected. Geerdt told me that Pessoa had obtained a 1st class, evidently confusing matriculation with the previous public exam — the School Higher. It confirms also that Pessoa did not return to the Durban High School in 1903 but must have spent the whole year at the Commercial School. The latter appears to have been a class held in a room or rooms above a store in West Street in a building 'London House' which was recently burned down. These commercial schools were fairly common in my youth (a decade later than Pessoa's) and taught such things as bookkeeping, 'commercial arithmetic', business correspondence and shorthand. One can say with fair certainty that Pessoa could not have had instruction in Latin, French or Physics there, and of course there would be no science laboratory there. (Contemporary photographs show that the Durban High School had a well-equipped laboratory but it was the only one in Durban and the School had had it for only two or three years.)

One thing that emerges from all this is that Pessoa's formal education was interrupted for eighteen months — from the time when he left for Portugal in June 1902 to the time when he came back to the D.H.S. in 1904.

Turning now to another matter, Miss Monteiro quotes Fernando Camacho and Charles David Ley as stating that Pessoa wrote poems for the D.H.S. Magazine. (page 16, — foram publicadas algumas composições inglesas de Pessoa no jornal colaborado pelos alunos da Durban High School. Com esta notícia coincide a de C. D. Ley, a p. 49 do citado opúsculo: Os seus primeiros esboços de poesia (dos quais alguns já eram heteronômicos) foram escritos em inglês, no Colégio em Durban.) Unfortunately, I can find nothing in the School Magazines to support these confident assertions, and most certainly not one that is 'heteronômico'. Only one poem appears under a pseudonym of any sort, viz. CAM, which appears under a typical schoolboy's jingle written in September 1901. Though 'Cam' is the name of a Portuguese explorer it is not I believe a pseudonym that Pessoa ever used or was likely to use. If you would like to make a personal search I can forward you copies of the magazines. They might at least be useful in giving a more exact picture of the activities of the School at the period. (The Head Master's permission to lend you these copies has been obtained.

I hope something in all this may be useful to you.

With kind regards,
Yours sincerely,
ass. Hubert Jennings

(CARTA DE HUBER JENNINGS DE
17 DE AGOSTO DE 1965)

DURBAN, August 17, 1965.

Dear Professor Severino,

I am sorry I am so late in replying to your letter of July 16. I have been rather busy as proofs of my book are beginning to arrive from the printers and the checking of them is a rather arduous labour.

Thank you for your kind remarks about my chapter. Usted me hace favor. But quite undeserved I am afraid. Your questions have made

me realise that I have slipped up on more than one occasion, and I wish there were time to rewrite the whole chapter. In particular, there is no reason to believe that the essay on Macaulay was the one which Pessoa wrote in the Matriculation exam and which won him the Memorial Prize. I took it for granted that it was so because Guibert said so, and he I suppose based his information on Miss Monteiro's assumption. The essay is published in the School Magazine of December 1904 (i.e. a year after he wrote matriculation) and there is nothing in the Magazine to indicate that it was the prize-winning essay. If it had been one would have expected a note to that effect somewhere in the Magazine. How easy it is to build up a legend on someone on very insecure information! Your methods of research are obviously more sound than mine.

The system of grades in South Africa (which was based on that of England) must strike you as complicated. The present system has been simplified and is probably based on American practice — or should I say North American? That is, two grades for infants and then ten standards or grades, and the present practice is to make the change from the primary school at Standard Five and then continue in the secondary school to Std. Ten, (matriculation). Up till about 1938 the two systems, primary and secondary were regarded as separate, and the classes had different names. The following table may help to make this clear.

Normal Age.	PRIMARY	SECONDARY	PRESENT (for both)
6	Class i		Class i
7	" ii		" ii
8	Standard 1		STD. 1
9	" 2		" 2
10	" 3		" 3
11	" 4		" 4
12	" 5	FORM I	" 5
13	" 6	" II	" 6
14		" III	" 7
15		" IV	" 8
16		" V	" 9
17		" VI	" 10

In Nicholas's day, however, boys were taken at the age of nine, or even eight, where they were taught in the preparatory classes until qualified for passing into Form I. Some continued in the primary school until Std. 6 — a practice which Head Master Nicholas disliked. In 1913

(when the school had trebled in size) a new school had to be built to house the preparatory section, the Durban Preparatory High School, and with them went also Forms I and II. Next year it is intended to reestablish Form II (or Std. 6) at the High School. Pessoa, it will be seen, entered the High School at the normal age for Form I (or rather was a year early) and made the normal advance.

1899	1900	1901	1902	1903	1904
I	II	III	IV	V	VI

A present-day Admission Register would give these details, because the date of promotion from class to class has to be recorded, but in Pessoa's day it was much simpler and recorded only the pupil's date of birth, date of entry and date of leaving. (The one with Pessoa's name in it was begun in 1880, is in loose sheets, very torn in places and rapidly disintegrating.) But, if we know the Form in which the boy left we can gather a fair idea of his rate of progress. Compare the records of Pessoa and Geerds as entered in the Adm. Register.

Name	Date of birth	Entered	Left
PESSOA, F.A.N.	13.6.88	7.4.99	30.6.02 16.12.04
GEERDTS, C.E.	15.11.86	1.9.98	16.12.04

Geerds was two years older than Pessoa, entered the school six months before him, and yet both arrived at the same class in 1904. Moreover, we know now that Pessoa was absent from the school from the middle of 1902 to the end of 1903. In spite of this he was able to make the same progress through the School as a boy, two years older, who had stayed in the School the whole time and was good enough to win the Exhibition, i.e. gained the highest marks in the Colony for that year.

I am not sure whether I have quoted the following to you. It appears in the School Magazine of April 1905 and is the first in a list of boys who had left the School the year before.

VALETE

VI. F. A. PESSOA.

Entered the School April 1899. Left for Europe 1902.

Cape Matric. 1903 (First Class).

Re-entered the School in 1904.

Cape Inter. (2nd Class) 1904.

Member D.H.S. Magazine Committee.

We know now that First Class in the Cape Matric. is wrong but it does seem to confirm that Pessoa was away from the School from June 1902 to the beginning of 1904, and the error may have been made because the result of the matric. was sent to the Commercial School and the one who wrote the paragraph at D.H.S. had no direct record to consult.

You ask me for information about myself. There is very little to record. I was born in London, England, in 1896, ten years after Mr. Geerds almost to a day. I lived in London until I was 17 when I joined the army in the war against Kaiser Wilhelm. I was wounded and invalided out in May 1918. I went to the University of Wales, Aberystwyth, shortly afterwards and graduated in 1922. The following year I came to South Africa, and was an assistant master at Durban High School for 12 years. Thereafter, I was successively principal of the High Schools at Stanger, Greytown and Dundee. Since my retirement in 1956, I have been busy with writing the School history and other bits of writing and occasionally doing a spell of teaching.

Best wishes, Yours sincerely,
ass. Hubert Jennings

(CARTA DE HUBERT JENNINGS DE
5 DE SETEMBRO DE 1965)

8 Lambert Road,
Durban.
September 5, 1965.

Dear Professor Severino,

Your letter to the Education Department, Pretoria, was forwarded to the Education Department, Pietermaritzburg, Natal, and from thence to the Head Master, Durban High School, who sent it on to me! (Education is, generally speaking, separate in the provinces, and it must be remembered that in 1904 (and until 1910) the Transvaal and Natal were under separate governments.)

I thought you were on the wrong track and that the Commercial School being a purely private concern would not come under the government. On Saturday morning last, however, I went to the Municipal Library here to chek up. I looked up first the 'Natal Almanac and Directory' for 1904 — a bulky volume giving all kinds of information about the then Colony of Natal. I was delighted to find in the educational

section (page 292) under the heading 'Government-Aided Schools', the following: —

Night: R. E. Bulley; Shorthand, J. Gordon-Kirby;
Commercial Classes, London Chambers, C. H. Haggar.

I then turned up the other volumes of the Almanac (it was published yearly) with the following results: -

- 1901. No mention of Haggar.
- 1902. The volume is missing.
- 1903. Night. R. E. Bulley, Shorthand, J. Gordon Kirby;
Commercial Classes, London Chambers. *Dr. C. H. Hagger.*
- 1904. As above. Note no Dr. before the name.
- 1905. The same names repeated.
- 1906. As before except the classification 'Night' follows afterwards.
Apparently Mr. Haggar was now giving classes in the day as well.
- 1907. The same as 1906.

I then went to another part of the building — a gloomy dungeon in the basement — where I knew the old reports of the Superintendent of Education were kept. There as I expected fuller information was available. In these reports (published yearly) all the schools in Natal were listed. Following the Government Schools is a list of Government Aided Schools, and in the course of the reports I noted that assistance was given by the Government at the rate of £3 per pupil for secondary schools, somewhat less for primary schools, and at a rate to be decided by the Superintendent for commercial schools. Full details of enrolment are given which will be given in full for the year 1904. The essentials are: -

1902..

Night. After Bulley and Gordon-Kirby appears.
+ Commercial Classes, London Chambers, Head Teacher,
Dr. C. H. Haggar.

1903. As above.

1904. The Government-Aided Schools are classified into two sections, Secondary and Primary. Mr. Hggar's school is given in the latter category. Here is the full extract: -

School	Head Teacher	Enrolment		Total	Rate of School Fees per month
		Boys	Girls		
Commercial Classes		68	23	91	2/6 to 10/-
	C. H. Haggar	Average no. of Absences		6	Number of Free Pupils

Amount of School Fees

£203- 7 -0

Notes: (i) the title 'Dr.' which appears before Haggar's name does not appear in this and subsequent reports. In the text of the Superintendent's report in the same issue is a somewhat lengthy warning to the public not to be deceived by 'worthless degrees' obtained by 'backstairs methods' and that in future that the Department would only accept which had been approved by the University of South Africa. This is almost certainly the reason why the 'Dr.' no longer appears. Mr. Haggar's claim to a doctorate had been examined and rejected.

(ii) The enrolment answers your question as to whether the school was co-educational. (The D.H.S. was purely for boys.)

(iii) The amount of £203 if it represents Mr. Haggar's yearly income from the school is very low — even for those days when money had five times its present purchasing value. For comparison the salaries of the staff of the D.H.S. as given in the Almanac for the same year are as follows. Head Master (Mr. W. H. Nicholas) £705 per annum. Assistantes vary from £250 (lowest) to £375 (highest). Mr. Haggar therefore seems to have earned less than the lowest paid assistant in a Government School, and in addition he had overheads to pay, i.e. the hire of the room or rooms in London Chambers, furniture, etc. The £ sterling was then worth about 4 dollars (U.S.A.) as against its present 2.80.

(iv) Mr. Haggar's school no longer appears among those giving night classes. The type of work given in these night classes is given in a report which appears in the 1902 Report. Mr. Bulley gave classes for telegraph boys on Tuesdays and Thursdays and Mr. Gordon-Kirby lessons in shorthand to office workers after hours. Mr. Haggar's classes had gone up in public estimation and he was able to find pupils to attend in the day as well. This may be possibly due to having obtained the distinction of entering a pupil (Pessoa) for matriculation who had succeeded in passing. At a time when the number who matriculated from all schools in Natal was hardly more than a dozen this would be a rare distinction for a commercial school classed as primary.

In 1905 Mr. Haggar continued to flourish with 92 pupils and fees rising to £271 - 2 - 6, and in 1906 the figures remain approximately the same. In 1907 the letters M.L.A. appear after his name — Member of the Legislative Assembly. (The name given to the parliament of Natal at the time). The enrolment figures are lower (49 boys and 26 girls) and total fees much lower (£140). Mr. Haggar's incursion into politics must have cost him dear!

In 1908 Mr. Haggar's name disappears from the list together with some seven or eight others who were in the business of teaching commercial methods in Durban. The reason is given in the Supplementary Report

of the Superintendent of Education for the first six months of 1909. As the Technical Institute had been founded, it stated, the government would devote its funds to assist that institute and the aid given to private schools of the same nature would be withdrawn. Some words of praise were given to the Durban Business College (a rival of Mr. Haggar's, which appears in the aided list about 1904) which had taught efficiently for some years, and having built up a strong private clientele, it was expected that it would continue to flourish on its own private resources. (This proved to be correct, and today the Business College is owed by a friend of mine, and has some 400 students. He is a prosperous man.)

The Technical Institute has grown into a very large undertaking — now called the Technical College — and it has had two offshoots, the Glenwood High School and the Campbell High School. The Tech. was founded by Dr. Sam Campbell, father of the poet Roy Campbell, and it had the support of a number of business men. It was intended to supply training for artisans, clerks etc., and practical training as against the academic training given by the D.H.S.

I have given you the full details available but you will be able to pick out the essentials for yourself. Mr. Haggar appears to have been an adventurer, with a suspect claim to the degree of doctor, who founded an ephemeral school for business methods in Durban. At the time when Pessoa attended he was giving night classes only, and probably had some other occupation during the day. Pessoa was therefore studying for matriculation, and at the same time taking a commercial course in the evenings. Haggar may have had time (and perhaps the ability) to assist him in the academic course, but not to any great extent, judging from the marks Pessoa obtained.

To turn to another matter. In your letter of August 12 Dr. Gaspar Simões, you say, states that Pessoa left for Portugal in August 1901. Against is the indisputable evidence (given in the Superintendent of Education's report for 1902) that he passed the Cape High School Certificate in 1902. In addition there is note in the Admissiton register (Left June 30, 1902) as well as the passage quoted from the School Magazine of April 1905. Was it possible that he made another brief visit to Portugal about August 1901?

I enclose a copy of a letter which I wrote to the Coronel Dias which may be of interest to you.

With all good wishes,

Yours sincerely,

ass. Hubert Jennings

(CARTA DE HUBERT JENNINGS DE
12 DE SETEMBRO DE 1965)

Durban, Setember 12, 1965.

Dear Professor Severino,

I enclose a copy of the letter which I received from the JMB almost immediately after posting my last letter to you. You will notice that some bad lapses of memory are put right by the letter. I checked again and saw that the announcement of Pessoa's passing the Higher School Certificate does actually occur in the Supt. of Education's report for 1901. This, of course, makes it quite possible for Pessoa to have been in Portugal in August 1901.

Here are some more bits and pieces of information that I have been able to unearth for you.

ON C. H. HAGGAR.

The following appears in the *Anglo-African Who's Who*, edited Leo Weinthal, F.R.G.S., (London, Walter Judd & Co., publishers) 1910 edition.

Page 95 Haggar, Dr. C. H., M. L. A., Natal

Born 1854. Went to Natal 1899 and did active work among the sick and wounded during the war and among the refugees. Was formerly Professor of Languages in Technical College, Townsville; Professor of Chemistry, Technical College, Charter Towers: co-examiner with Professor Robt. Fletcher, Adelaide, etc. Holds degrees in Philosophy and Divinity.

(The account was evidently supplied by himself and is purposely vague. The places named are all in Australia, and Charters Towers — present population 7633 — seems too small to have a technical college or to have had one before 1899. Professor of what languages?)

REPORT OF THE SUPERINTENDENT OF EDUCATION, NATAL. 1900. Page 31. At the end of report by the Inspector for the Costal District.

Art Studio, Durban

Students paying fee	33
Pupils, Boys' Model School	113
Pupil Teachers	16
Pupils, Adington School	18
Pupils, Government Railway, evening classes	18
Mr. Bradley, building	
construction,	
evening class	6
	6
Dr. Haggar,	
typewriting	7
shorthand	9
bookkeeping	10

(Evidently Mr. Haggar was not long in helping the sick and the refugees in the war (Anglo-Boer War 1899 - 1902) but in 1900 was employed by the Art Studio. The mention gives a clear indication of the work he specialized in.)

In the Superintendent's Report for 1902, (Summary of the Matriculation, p. 13) the Commercial School is mentioned as having entered one candidate who failed. I have written to the JMB to ascertain who this was. It might possibly be an earlier attempt by Pessoa.

Incidentally, this was a particular dismal year for matric. candidates.

No. entered,	58	(For the whole of
No. passed:		Natal!)
1st class	0	
2nd class	6	
3rd class	14	
Total passes	20	

For comparison, I obtained these figures from the Head Master, D.H.S. for 1946. (The figures refer to that school only.)

No. of candidates entered 167.

No. passed,

Merit: 33	Matric. exemption 91	N.S.C. 26.
16 failed and 1 did not write.		

(Merit means over 60% and is therefore equivalent to the old first class. Matric. exemption means that the result is accepted by all South African universities as satisfying their requirements as an entrance exam. The

remainder do not so qualify. The number of candidates for the whole of Natal is now about 3000 and includes Indians and Africans. An overall average of about 60% passes is obtained.)

It must be remembered, however, that in Pessoa's day it was the Intermediate Examination which was the 'end' exam. and to which heads like Nicholas devoted their greatest attention.

I hope you will find some of this useful.

With kind regards,

Yours sincerely,

ass. Hubert Jennings

(CARTA DE HUBERT JENNINGS DE
16 DE OUTUBRO DE 1965)

Lambert Road, Durban, Oct. 16, 1965.

Dear Professor Severino,

.....
.....

Many thanks for your letter of Oct. 3. You do not mention the letter I sent you on Sept. 5. On the other hand I have not yet received the two letters of introduction and I should indeed very much like to meet Dr. Simões. The Convent School in Smith Street has moved to another site (after having sold its previous site for £250,000) and the convent has been pulled down and replaced by shops and flats. I did call in there before this happened and inquired if they had any records of the time when Pessoa was there but they were unable to find any. Your letter from the Matric. Board finally disposes of the theory that the essay on Macaulay could have been the prizewinning one. I have also had a letter from the Board which states that the candidate which was entered from the Commercial School in 1902 was not Pessoa but one Hug Clifford Sink. I am enclosing the negative of the copy of a photograph of the School about 1903 or 1904. A part has been enlarged and I believe the boy in the centre third from the front might be Pessoa. Can you confirm this? I should like the enlargement back with your comments, and the negative when you have finished with it.

With sincerest good wishes,
ass. Hubert Jennings

(CARTA DE HUBERT JENNINGS DE
6 DE DEZEMBRO DE 1965)

Durban.

Dec. 6, 1965.

Dear Alex,

Thank you for your letter. Glad you have received the D.H.S. Mag. at last. Will you return it when you have finished with it to the Head Master. D.H.S. St. Thomas Road. Durban. I am sure he will let you have other copies of the Mag. on loan if you want them. The D.H.S. Record (pub. 1907) has nothing about Pessoa except a bare mention in the names recorded in the back of it viz. Pessoa F.A.N. 1899-1904. (Lisbon, Portugal) Cap Matric. 1903. 2. Victoria Mem. Prize. Asst. Editor of D.H.S. Magazine. No other mention unfortunately. I know that commentators have stated Pessoa wrote poems for the Magazine, but cannot pin down one to him. I would like to think he wrote the prose articles under the pen-name of NTWENTE which are of a higher standard than the rest but no one will know. Ntwente is a Zulu name for a thin pale person and could have been given to Pessoa by the house-servants — or to a thousand others. I sent a copy of my book to you over a week ago. It has had a very good reception and is selling well. I am told the cost of production has been covered. I am still working on the photograph. It was Miss Monteiro who identified Pessoa with such certainty. The original photo. is inscribed PRESENTED TO THE D.H.S. OLD BOYS' CLUB BY E. P. JONES, (1901-1908) THE SCHOOL CIRCA 1903. I have had three ancients surviving from that time looking at the photo but not one can identify himself with certainty but they agree on one well known personality who left in 1903. Other signs seem to indicate it was 1901 or 1902. I think it is fairly certain it was 1902. I do not know what has become of E. P. Jones the donor. I shall be leaving for Portugal on the 18th Jan. and will be staying at York House, Rua das Janelas Verdes 42 1.º Lisboa. Would you care to write to me in Portuguese? I have little difficulty in understanding it but doubt whether I shall ever be able to speak it. With all good wishes.

Yours,

ass. Hubert Jennings

APÊNDICE II

**Documentos Referentes aos Exames Prestados
por Fernando Pessoa na Universidade
do Cabo da Boa Esperança**

(OFICIO DA UNIVERSIDADE DA AFRICA DO SUL
DE 3 DE JULHO DE 1965)

Universiteit van Suid-Afrika

University of South Africa
Admin. Building:
263 Skinner Street
P. O. Box 392

Br/vS

3rd July 1965

AIR MAIL

Prof. A. E. Severino,
Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Marília,
Caixa Postal N.º 420 -
(Estado de São Paulo - Brasil),
Marília,
BRAZIL

Dear Sir,

I wish to acknowledge receipt of your letter of 2nd June in connection with student FERNANDO ANTÓNIO NOGUEIRA PESSOA, who took his examinations as a student of this University at the time known as the University of the the Cape of Good Hope.

I confirm that the student obtained his Matriculation Certificate in 1903 and passed the intermediate Examination in 1904. The subjects he took for his Intermediate were:

Two courses in English	—	73%
Latin	—	65%
Algebra and Geometry	—	45%
History	—	63%
French	—	60%

I regret that I have no examination papers of the time but for the Intermediate Examination the prescribed books were:

Latin :	Sallust — Jugurtha 1 — 65 Vergil — Georgics IV
Greek :	Homer — Iliad IX Isocrates — Euagoras

English : Period of Literature — 1550 - 1750
History of the Language: O. F. Emerson's
Brief History of the English Language.
Palgrave: Golden Treasury of English Songs
and Lyrics, Book II, edited by Bell
(Macmillan & Co.), pp. 1-31, 71-90.
Carlyle — Past and Present, Second Book —
The Ancient Monk.

It would appear that the syllabus for *LATIN* was:

One paper on Latin set books with
questions on matter.

One paper on Latin Prose
Composition and Unseen

One paper on History
Archaeology, Philology.

The syllabus for *GREEK* was the same.

I regret that I have no further details available as regard these
studies.

Yours faithfully,

(ass.)

REGISTRAR

(OFÍCIO DA UNIVERSIDADE DA AFRICA DO SUL
DE 9 DE SETEMBRO DE 1965)

Universiteit van Suid-Afrika

University of South Africa
Admin. Building:
263 Skinner Street
P. O. Box 392

Br/JWK

9th September 1965

AIR MAIL

Prof. A. E. Severino,
Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Marília,
Caixa Postal No. 420 —
(Estado de São Paulo - Brasil),
Marília,
BRAZIL.

Dear Sir,

I wish to acknowledge receipt of your letter of 20th August in connection with student F. A. N. Pessoa's examination.

I sincerely regret that I have no further information available at this stage than that given in my letter of 3rd July and I am therefore not in a position to give an indication whether he was required to write an essay and if so, what the topic was.

The two courses he had to take in English were compulsory and he had no choice in the matter but I regret that I cannot trace further details of the syllabus.

He definitely wrote the examination in Durban.

Yours faithfully,

(ass.) REGISTRAR

(OFÍCIO DA *JOINT MATRICULATION*
BOARD PARA H. JENNINGS DE
16 DE JULHO DE 1965)

DIE GEMEENSKAPLIKE MATRIKULASIERAAD
JOINT MATRICULATION BOARD

16th July 1965

Mr. H. D. Jennings,
Fernleigh,
8, Lambert Road,
D U R B A N .

Sir,

With further reference to your letter of 15th June and my reply of 19th ultimo, I have to inform you that according to my records, candidate *Fernando Antonio Nogueira Pessoa* entered for the Matriculation in 1903 from the Commercial School, Durban. He gained the following marks:

English	62%
French	62%
Latin	54%
Airthmetric	78%
Algebra	34%
Geometry	33%
Physics	17%

He qualified for a third class Matriculation certificate with an aggregate of 52%. At its recent meeting the Joint Matriculation Board approved that the actual percentages may be disclosed.

Yours faithfully,

ass. M. le Roux
For *SECRETARY*

(OFICIO DO JOINT MATRICULATION BOARD
DE 3 DE SETEMBRO DE 1965)

DIE GEMEENSKAPLIKE MATRIKULASIERAAD
JOINT MATRICULATION BOARD

Postbus/P.O. Box 392,
263 Skinner Street
Pretoria

Ref. No. leR/TH.

3rd September 1965

air mail

Prof. A. E. Severino,
Caixa Postal 420,
MARILIA
S.P. Brazil.

Dear Prof. Severino,

I must apologise for the delay in replying to your letter of 23rd July.

According to the records of the University of the Cape of Good Hope, candidate Fernando Antonio Pessoa passed in the following examinations —

1. The School Higher Certificate Examination in June 1901 at the Durban High School.

He obtained the following marks —

English Higher Grade — Section A	89/150
English Higher Grade — Section B	89/150
Latin	266/300
French	223/300
Arithmetic	132/300
Algebra	205/300
Geometry	142/300

He qualified for a *First Class School Higher Certificate* having obtained an aggregate of 1146 marks and was placed 48th in order of merit. In June 1901. 673 Candidates sat for the School Higher Examination of which 463 passed.

2. In November 1903 he qualified for a *Third Class Matriculation Certificate* at the Commercial School, Durban by passing in the subjects —

English Higher Grade	62%
French	62%
Latin	54%
Arithmetic	78%
Algebra	34%
Geometry	33%
Aggregate	52%

He was awarded the Queen Victoria Memorial Prize for the best essay written during the 1903 Matriculation Examination. Although the actual essay is no longer available, I can state that the essay was not titled «Macaulay» because the above mentioned prize is awarded to the best essay written in the Matriculation Examination for the specific year. The three titles which were set at the Matriculation Examination in November 1903 were —

- (a) My idea of a well-educated man and of a well-educated woman
- (b) Common superstitions
- (c) Gardening in South Africa

The following is a list of prescribed books which were prescribed for the Matriculation Examination in 1903 —

- Shakespeare — Henry V
- Addison — Selections from «The Spectator»
(i) — XXIV

The actual syllabuses for the various subjects are contained in the University calendar of 1903 but it will entail a lot of typing to have it reproduced and I shall therefore be glad to learn whether it is essential for these syllabuses to be forwarded to you, and if so, an endeavour will be made to have them typed as soon as circumstances permit.

I trust that the above information will be of some use to you.

Yours faithfully,

(ass.) M. le Roux
SECRETARY

(OFÍCIO DA JOINT MATRICULATION
BOARD PARA H. JENNINGS DE
3 DE SETEMBRO DE 1965)

3rd September 1965.

Mr. H. Jennings,
Fernleigh
8 Lambert Road,
DURBAN.
Natal.

Sir,

I must apologise for the delay in replying to your letter of 21st July in which you requested further information regarding the examination results of F. A. N. Pessoa.

According to the records of the University of the Cape of Good Hope, candidate Fernando Antonio Pessoa qualified for a *First Class School Higher Certificate* at the examination conducted in June 1901 (not June 1902 as stated in your letter). In that year 673 candidates sat for the *School Higher Certificate* of which 463 candidates passed. Pessoa was placed 48th in the order of merit.

On the results of the *Matriculation Examination* conducted in 1903 he was awarded the *Queen Victoria Memorial Prize* for the best essay written at that examination.

In 1904 he passed the *Cape Intermediate Examination* in the *Second Class* (not *Third Class* as stated in your letter).

In 1903 Pessoa was the only candidate entered by the Commercial School, Durban.

The allocation of the Marks for each section of the English papers was as follows —

1st Paper:	Spelling	30
	Composition	90
	Grammar	50
2nd Paper:	Prescribed	130
	Work	<hr/> 300

Yours faithfully,

(signed) M. le Roux
SECRETARY

(OFÍCIO DO JOINT MATRICULATION BOARD
DE 5 DE NOVEMBRO DE 1965)

DIE GEMEENSKAPLIKE MATRIKULASIERAAD
JOINT MATRICULATION BOARD

Postbus/P.O. Box 392,
263 Skinner Street
PRETORIA

Ref. No. LeR/HB

5th November 1965

AIR MAIL

Prof. Alex E. Severino,
Chair of English Language and
Anglo-American Literature,
Caixa Postal 420,
MARILIA, S. P. BRAZIL.

Dear Prof. Severino,

In reply to your letter of 3rd ultimo, I have pleasure in quoting hereunder the prescribed books for English for the School Higher Certificate examination of 1901:

George and Sidgwick : *Poems of England*, 14-16, 25-28, 37 and 38.

Scott : *Ivanhoe* (full text edition)

I am also quoting the syllabus for English Higher for the Matriculation examination of 1903:

«The examination in English will test spelling, grammar (including analysis, parsing and derivation), composition and a knowledge of two prescribed words, one in prose and the other in verse.

Two papers of two hours each will be set. The first dealing with composition, grammar and spelling, and the second with analysis and the prescribed works.

Composition will include exercises in correcting sentences, in paraphrasing and in essay writing. For the essay, candidates will be required to select one of three given subjects. The essay should not occupy less than one and not more than two pages of the answer book. The spelling test will be a passage containing errors — the passage to be written out by the candidate with the necessary corrections.»

Yours faithfully,

(ass.) M. le Roux
for *SECRETARY*.

(OFÍCIO DA UNIVERSIDADE DO CABO DE
7 DE JULHO DE 1965)

Special Collections 7th July, 1965.

Prof. Alexander E. Severino,
Chair of English & Anglo-American Literature,
Caixa Postal N.º 420,
São Paulo,
BRASIL.

Dear Professor Severino,

FERNANDO ANTÓNIO NOGUEIRA PESSOA:

Thank you for your letter of May 31st, 1965, about Fernando

Pessoa. We have only partial printed records of the Old University of the Cape of Good Hope, the rest presumably in the keeping of the University of South Africa, P.O. Box 392, Pretoria (inheriters of the University of the Cape of Good Hope records). From our records I find that Pessoa: -

- (a) Obtained a third class pass in the Matriculation examination of 1903 as a pupil the Commercial School, Durban.
- (b) Obtained a second class pass in the Intermediate examination of 1904 as a pupil of the High School, Durban.

Attached please find Xerox copies of: -

- (1) The English and Latin examination of the Board for Matriculation (1903) and Intermediate (1904).
- (2) Rules for the Intermediate and Matriculation Examinations of 1904.
- (3) The list of prizewinners for the Queen Victoria Memorial prize (1903 & 1904).
- (4) Partial list of Matriculants passed by the Board.
as samples from the period in which you are interested.

They are all taken from the 1904-5-6- Calendars of the University of the Cape of Good Hope.

I trust that these answers will be of some use in your research.

Yours sincerely,

Miss L. E. Taylor.

Act. University Librarian.

University of the Cape of Good Hope.

STATEMENT OF MARKS.

Intermediate Examination, 1904

CENTRE: *Nurban*

MARKS.		SUBJECTS		
Maximum Obtainable	Minimum Required	Compulsory Subjects		
			1105	
150	60	ENGLISH—I.	118	78%
150		ENGLISH—II.	102	67%
300	60	LATIN.	195	65%
150	60	ALGEBRA.	81	54%
150		GEOM. AND TRIG.	70	46%
250	50	PHYSIC.	163	65%
250		CHEMISTRY.		
250	60	NOTARY.		
250		ZOOLOGY.		
250		BIOLOGY.		
1150	480	AGGREGATE	720	63 $\frac{1}{2}$ %
Optional Subjects				
300		GREEK.		
200		HISTORY.	135	67%
250		DUTCH.		
250		FRENCH.	144	57%
250		GERMAN.		
250		GERMAN TRIG. AND	90	36%
250		DYNAMICS.		
250		PHYSIC.	369	52 $\frac{1}{2}$ %
250		CHEMISTRY.		
250		NOTARY.		
250		ZOOLOGY.		
250		BIOLOGY.		

MATRICULATION EXAMINATION.

ENGLISH.

FIRST PAPER.

Time]

[Three Hours

EXAMINER: Mr W. G. R. MURRAY, M.A.

MODERATOR: Professor CLARK, M.A.

1. Write out the following passage, correcting all the errors and supplying the necessary punctuation:

The intreccate manouvres of these seried masses of troops formed a dazzling pagent and as I viewwed them I fell into a kind of revery and fantasmal shapes of warriors strategists and tactitions long since burried martialled themselves before my untramelled imagination. Dispising the aciduous practice the self abmigation the iron discipline which alone could make feassable the execution of these labyrinthean figures and kalydeoscopic movements by a heterogeneous medley of humane beings without sacrificing for one moment perfect symitry of formation my mind dwelled fondly on the elementary strategems of the heroic age the unparalleled constancy of the roman liegion the impenitrible barrier of the maled phallanx and greived that the impregnable fortresses and the invincible palladins of christiandom were become a mere byeword in these degenncrate days of musquetry and artillery and of spurceous and counterfeet courage.

2. Write an Essay of not less than one and not more than two pages on *one* of the following subjects:

(a) My idea of a well-educated man and of a well-educated woman.

(b) Common superstitions.

(c) Gardening in South Africa.

3. Correct or justify the following sentences, stating clearly your reasons for so doing:

- (a) Tense shows whether something is, has or will happen.
 (b) Though he is a man of over seventy years old yet he is greater than any living statesman.
 (c) Thou art He who never weary
 Watchest where Thy people be.
 (d) Henceforth thou hast a helper, me, that know
 The woman's cause is man's.
 (e) To betray his friend or be shot as a spy were the alternatives placed before him.
 (f) Will you have a different seat from us as you are a personal friend of the managers' ?
 (g) She laid herself down beside the brook where she had often lain before.
 (h) I never remember to have met such a rebuff but once before.
 (k) Nobody but him can be acquitted from blame.
 (l) Who did you ask to be present ?
 (m) No part of his audience were more astonished than the three professors, mutual friends of his though they were.

4. Paraphrase the following passage :

Procrastination is the thief of Time.
 Year after year it steals, till all are fled.

* * * * *
 Of man's miraculous mistakes, this bears
 The palm—that all men are about to live;
 For ever on the brink of being born,
 All pay themselves the compliment to think,
 They, one day, shall not drivel; and their pride
 On this reversion takes up ready praise;
 At least their own: their future selves applaud,
 How excellent that life—they ne'er will lead!

* * * * *
 All men think all men mortal, but themselves;
 Themselves, when some alarming shock of fate
 Strikes through their wounded hearts the sudden dread:
 But, their hearts wounded—like the wounded air—
 Soon close: where passed the shaft, no trace is found.

MATRICULATION EXAMINATION.

427

5. Give a detailed analysis of the following sentence :

There is a law, once learned, must be obeyed;
Neglected, Heaven's curse descends upon us.

6. Divide the following sentence into separate clauses and show how they are related to one another :

He that goeth about to persuade a multitude that they are not so well governed as they ought to be, shall never want attentive and favourable hearers; because they know the manifold defects wherunto every kind of regiment (government) is subject; but the secret lets and difficulties which in public proceedings are inevitable, they have not the judgment to consider.

7. Parse in full the words in italics below :

- (a) *Regarding* the statement made by you....
- (b) ...or that is what I was given to *understan* d.
- (c) *The* longer I stayed the more I enjoyed *myself*.
- (d) *What* need we any spur but our own cause?
- (e) He was *quite* out of his reckoning.
- (f) I was *somewhat* surprised at his conduct.
- (g) *Let* knowledge grow from *more* to more.

8. Mention, with examples, as many prefixes and suffixes as you can, denoting (a) a negative and (b) a diminutive. Give the origin of the prefix or suffix in each case.

ENGLISH.

SECOND PAPER.

Time]

[Three Hours

PART I.

Shakespeare—*Henry V.*

EXAMINER: Professor CLARK, M.A.

MODERATOR: Mr W. G. R. MURRAY, M.A.

N.B. Candidates must not mix the answers to questions in Part I. of this paper with the answers to questions in Part II. One Answer-Book must be used for Part I. and a separate Answer-Book for Part II.

1. Answer *one* of the following :

(i) Remark on, and quote from, the choruses in *Henry V.* and state what special use Shakespeare makes of these.

428

MATRICULATION EXAMINATION.

(ii) Quote some of the strong passages of the play, and say where the strength lies.

(iii) Discuss the character of Henry V in the play.

2. Explain unusual words or unusual senses of words in *three* of the following passages. Make clear, where necessary, the meaning and the reference of statements in the passages selected.

(i) That you may know
Tis no sinister nor no awkward claim,
Pick'd from the worm-holes of long-vanish'd days,
Nor from the dust of old oblivion raked,
He sends you this most memorable line,
In every branch truly demonstrative;
Willing you overlook this pedigree.

(ii) Howbeit they would hold up this Salique law
To bar your highness claiming from the female,
And rather choose to hide them in a net
Than amply to imbare their crooked titles
Usurp'd from you and your progenitors.

(iii) That self bill is urged,
Which in the eleventh year of the last king's reign
Was like, and had indeed against us pass'd,
But that the scrambling and unquiet time
Did push it out of farther question.

(iv) Their horsemen sit like fixed candlesticks,
With torch-staves in their hand; and their poor jades
Lob down their heads, dropping the hides and hips,
The gum down-roping from their pale-dead eyes,
And in their pale dull mouths the gimmel bit
Lies foul with chew'd grass, still and motionless.

(v) In cases of defence 'tis best to weigh
The enemy more mighty than he seems:
So the proportions of defence are fill'd;
Which of a weak and niggardly projection
Doth, like a miser, spoil his coat with scanting
A little cloth.

MATRICULATION EXAMINATION.

429

3. Remark on *eight* of the following words or expressions used in this play:

(1) Tike; (2) Chaces; (3) Point of fox; (4) Curtle-axe; (5) Nook-shotten; (6) Hilding; (7) Whiffler; (8) Guidou; (9) Dout; (10) Elder-gun; (11) Bawcock; (12) Wooden O.

4. Make brief explanatory remarks on each of the following extracts. In each case shew your acquaintance with the speaker and the context.

(i) His nose was as sharp as a pen, and a' babbled of green fields.

(ii) And all my mother came into mine eyes.

(iii) A little touch of Harry in the night.

(iv) The basest horn of his hoof is more musier than the pipe of Hermes.

(v) And whipped the offending Adam out of him.

PART II.

EXAMINER: Rev. W. E. C. CLARKE, M.A.

MODERATOR: Mr W. G. R. MURRAY, M.A.

Addison—*Selections from "The Spectator," I—XXIV.*
(Edited by Deighton.)

5. Answer *one* of these:

(a) Give a brief account of the publication called *The Spectator*.

(b) Discuss how far Addison's own political feelings may be gathered from his representation of the rival parties in England.

6. Annotate fully *seven* of the following:

(a) 'Will Honeycomb calls them the *Ramuge de la Ville*.'

(b) 'The time of the play is his hour of business.'

(c) 'A maiden aunt.....who is one of these antiquated sybils.'

(d) 'Poets which had no monuments, and monuments which had no poets.'

430

MATRICULATION EXAMINATION.

(e) 'Within my own memory I have known it rise and fall above thirty degrees.'

(f) 'Talks even of the Kitcat and October as of a couple of upstarts.'

(g) 'He was afraid of being insulted with Latin and Greek at his own table.'

(h) 'I would have him a due composition of Hercules and Apollo.'

(i) 'He is just within the Game Act.'

(k) 'We rid up and communicated our hands to them.'

(l) 'She thought a common gladiator much the prettier gentleman.'

(m) 'Cudgelled a body of Smiglesians half the length of High Street.'

(Candidates should not write out the foregoing extracts in full, but indicate their selection by the letter of reference only, (a), (b)—.)

7. Remark upon (1), (2) and (3) as regards any point of grammatical interest, and (4), (5) and (6) as regards the form of literary expression.

(1) 'Our manners sit more loose upon us.'

(2) 'Methoughts.'

(3) 'Nct a little admiring his courage that was not afraid to speak to the judge.'

(4) 'He makes a May-fly to a miracle.'

(5) 'This infamous piece of good-breeding.'

(6) 'Good-breeding shows itself most, where to an ordinary eye it appears the least.'

8. In what way does Addison's usage of these words differ from modern usage? (Select any six.) *Discover, polite, conceit, stordled, quality, mode, conferences, projector, disburse, approbations.*

MATRICULATION EXAMINATION.

431

9. Select *either* of the following:

(a) 'Irony forms perhaps the largest constituent of his humour.' Explain this. Define *Irony*, and quote examples of its use by Addison.

What is Addison's pedigree of 'True Humour'?

(b) Explain *Allegory*. Give a brief interpretation of Addison's *Allegory of*

either Public Credit,
or Human Life.

LATIN.

Time]

[Three Hours

N.B. Candidates must not mix the answers to questions in Part I. of this paper, with the answers to questions in Part II. One Answer Book must be used for Part I. and a separate Answer Book for Part II.

PART I.

(Candidates are not expected to give more than one hour to this Part.)

EXAMINER: Professor A. S. KIDD, M.A.

MODERATOR: Professor W. RITCHIE, M.A.

SPECIAL SUBJECT.

Caesar—*Civil War, I.*

1. Answer one of the following:

(a) Who were the leaders of the party opposed to Caesar, and how does Caesar account for their opposition?

or,

(b) Give a short account of the campaign in Spain.

2. Translate into ENGLISH:

(a) Decurritur ad illud extremum atque ultimum senatusconsultum, quo nisi paene in ipso urbis incendio atque in desperatione omnium salutis numquam ante descensum est: dent operam consules, praetores, tribuni plebis quique pro

consulibus sint ad urbem, ne quid republica detrimenti capiat. Haec senatusconsulto perscribuntur a. d. vii Id. Ian. Itaque v primis diebus, quibus haberi senatus potuit, qua ex die consulatum iniiit Lentulus, biduo excepto comitiali et de imperio Caesaris et de amplissimis viris, tribunis plebis, gravissime acerbissimeque decernitur.

Who were the tribunes referred to, and how had they offended the Senate?

(b) Sed novae legionis milites elati studio, dum sarcire acceptum detrimentum volunt, temere insecuti longius fugientes, in locum iniquum progrediuntur et sub montem, in quo erat oppidum positum Herda, succedunt. Hinc se recipere cum *vellent*, rursus illi ex loco superiore nostros premebant. Praeruptus locus erat, utraque ex parte directus ac tantum in latitudinem patebat, ut tres instructae cohortes eum locum *explerent*, ut neque subsidia a lateribus summitti neque equites laborantibus *usui* esse possent. Ab oppido autem declivis locus tenui *fastigio* vergebat in longitudinem passuum circiter cccc.

Explain the cases of *usui* and *fastigio*, and the mood of *vellent* and *explerent*.

(c) Totis vero castris milites *circulari* et dolere hostem ex manibus dimitti, bellum necessario longius duci; centurionesque tribunosque militum adire atque obsecrare, ut per eos Caesar certior fieret, ne labori suo neu periculo parceret: paratos esse sese, posse et audere ea transire flumen, qua tractus esset equitatus.

Explain the use of the infinitive mood in *circulari*.

(d) Caesar in eam spem venerat, se sine pugna et sine vulnere suorum rem conficere posse, quod re frumentaria adversarios *interclusisset*. Cur etiam secundo proelio aliquos ex suis *amitteret*? cur vulnerari pateretur optime de se meritos milites? cur denique fortunam periclitaretur?

Account for the mood of *interclusisset* and *amitteret*.

3. (a) Explain the following military terms: sarcinae, pluteus, hastati, antesignani, cetrati.

(b) What do you know of either Saturninus or the Gracchi?

MATRICULATION EXAMINATION.

433

4. Translate and write short explanatory notes on the subject-matter of:

(a) *completur urbs et ipsura comitium tribunis, centurionibus, evocatis.*

(b) *coloni, qui lege Julia Capuam deducti erant.*

(c) *Domitianas enim cohortes protinus a Corfinio in Siciliam miserat.*

(d) *ad denarios L. in singulos modios annona pervenerat.*

PART II.

EXAMINER: Professor W. RITCHIE, M.A.

MODERATOR: Professor KIDD, M.A.

N.B. Candidates must satisfy the examiner in Part II., and are warned that questions 1 and 2 are the most important.

1. Translate into ENGLISH:

A. *Omnibus erit utendum viribus—Hæc a.d. xviii. Kal. Oct. facta sunt—Non fieri potest quin eos oderim—Oderint dum metuant—Vereor ut veniat.*

B. *Cum Ptolemaeus, familiaris Alexandri, in proelio telo venenato ictus esset eoque vulnere summo cum dolore moreretur, Alexander adsidens somno est consopitus. Tum visus ei dicitur draco is, quem mater Olympias alebat, radiculam ore ferre et simul dicere quo illa loco nasceretur (neque is longe aberat ab eo loco), ejus autem esse vim tantam ut Ptolemaeum facile sanaret. Cum Alexander expectatus narrasset amicis somnium, emissi sunt qui illam radiculam quaererent; qua inventa et Ptolemaeus sanatus dicitur et multi milites qui erant eodem genere teli vulnerati.*

2. Translate into LATIN:

A. *What are you going to do? I don't know what to do. He told me what to do. He came to do what his father had told him. If I see him to-day I shall tell him what you said.*

B. Litavius, having received the army, suddenly called the soldiers together when he was about thirty miles from Gergovia, and, weeping, said, "Where are we marching, soldiers? All our cavalry, all our nobles have perished. The chief men of the state, falsely accused of treason have been put to death by the Romans without a fair trial. Learn this from those who have fled from the very midst of the carnage, for I, my brothers and all my relations having been slain, am prevented by grief from telling you what has occurred."

3. Give the stems, the gender, the genitive and accusative singular, the nominative and dative plural of *palus*, *vates*, *senex*, *tribus*, *ordo*.

4. By what cases do you express the following meanings? (1) time how long, (2) place where, (3) amount of difference, (4) agent, (5) divided whole. Give sentences in illustration.

5. Use the relative *qui* with the proper mood in translating the following sentences into Latin:

- (1) The soldiers who escaped came into camp.
- (2) He summoned the soldiers who were to go with him.
- (3) He sent ten men to capture him.
- (4) I am not the man to do this.
- (5) I love you for being so good.

6. Parse fully giving the chief parts: *remansissent*, *coactas*, *tueatur*, *interclusa*, *inveteravit*, *premelant*, *nacti*, *jaciebant*, *jacebant*, *desciscunt*.

7. Give the Latin equivalents for the following: some one or other—if any one—the same as—as great as—as many as—which of the two—whither—there—hence—a certain person.

8. Analyse:

Dum haec ad Herdam geruntur, Massilienses, usi L. Domiti consilio, naves longas expediunt numero xvii, quarum erant xi tectae.

VOCABULARY.

<i>sono</i> ... <i>consopitus</i> = fell asleep.	<i>proditio</i> = treason.
<i>draco</i> = serpent.	<i>inauditus</i> = without a fair trial.
<i>radicula</i> = small root.	
<i>experrectus</i> = waking up.	<i>strages</i> = carnage.

GREEK.

[Time]

[Three Hours]

EXAMINER: REV. B. H. HAMFDEN-JONES, M.A.

MODERATOR: PROFESSOR RITCHIE, M.A.

A.

1. Translate:

(α) ἐν τούτῳ Κλέαρχος ἦκε, καὶ ἠρώτησεν εἰ ἤδη ἀποκεκριμένοι εἶεν. Φαλίνος δὲ ὑπολαβὼν εἶπεν, Οὗτοι μὲν, ὦ Κλέαρχε, ἄλλος ἄλλα λέγει· σὺ δ' ἡμῖν εἰπέ τί λέγεις. ὁ δ' εἶπεν, Ἐγὼ σε, ὦ Φάλινε, ἀσμενος ἐώρακα, οἶμαι δὲ καὶ οἱ ἄλλοι πάντες· σὺ τε γὰρ Ἕλληνα εἰ καὶ ἡμεῖς τοσοῦτοι ὄντες ὕσους σὺ ὄρας· ἐν ταιούτοις δὲ ὄντες πράγμασι συμβουλευόμεθά σοι τί χρὴ ποιῆν περὶ ὧν λέγεις. σὺ οὖν πρὸς θεῶν συμβούλευσον ἡμῖν ὅτι σοι δοκεῖ κάλλιστον καὶ ἄριστον εἶναι, καὶ ὃ σοι τιμὴν οἴσει εἰς τὸν ἔπειτα χρόνον ἀναλεγομένον, ὅτι Φαλίνος ποτε πεμφθεὶς παρὰ βασιλέως κελύεσσαν τοῦ Ἑλληνος τὰ ὄπλα παραδόναι συμβουλευομένοις συνεβούλευσεν αὐτοῖς τάδε. οἶσθα δὲ ὅτι ἀνάγκη λέγεσθαι ἐν τῇ Ἑλλάδι ἃ ἂν συμβουλευέσῃς. ὁ δὲ Κλέαρχος τὰ ταῦτα ὑπήγετο βουλόμενος καὶ αὐτὸν τὸν παρὰ βασιλέως πρᾶσβέοντα συμβουλεύσαι μὴ παραδόναι τὰ ὄπλα, ὅπως εὐέλπιδες μᾶλλον εἶεν οἱ Ἕλληνες.

XEN. Anab. II. c. i. §§ 15—18.

Parse ἠρώτησεν, ὑπολαβὼν, ἐώρακα, ὦν, οἴσει, παραδόναι, εἶεν.

(β) ἦν δὲ αὕτη ἡ στρατηγία οὐδὲν ἄλλο δυναμένη ἢ ἀποδρᾶναι ἢ ἀποφυγεῖν· ἡ δὲ τύχη ἐστρατήγησε κάλλιον. ἐπεὶ γὰρ ἡμέρα ἐγένετο, ἐπορεύοντο ἐν δεξιᾷ ἔχοντες τὸν ἥλιον, λογιζόμενοι ἤξειν ἅμα ἡλίῳ δύοντι εἰς κώμας τῆς Βαβυλωνίας χώρας· καὶ τοῦτο μὲν οὐκ ἐψεύσθησαν. ἔτι δὲ ἀμφὶ δεῖλην ἔδοξαν πολεμίους ὄραν ἰππέας· καὶ τῶν τε Ἑλλήνων οἱ μὴ ἔτυχον ἐν ταῖς τάξεσιν ὄντες εἰς τὰς τάξεις ἔθεν, καὶ Ἀριαῖος, ἐτύγχανε γὰρ ἐφ' ἡμάξης πορευόμενος διότι ἐτέρωτο, καταβᾶς ἐθωρακίζετο καὶ οἱ σὺν αὐτῷ. ἐν ᾧ δὲ ὀπλίζοντο ἤκου λέγοντες οἱ προπεμφθέντες σκοποὶ ὅτι οὐχ ἰππεῖς εἰσιν ἀλλ' ὑποζύγια νέμοιο. καὶ εὐθὺς ἐγνώσαν πάντες ὅτι ἐγγύς που ἐστρατοπεδεύετο βασιλεὺς· καὶ γὰρ καὶ καπνὸς ἐφαίνετο ἐν κώμας οὐ πρόσω.

XEN. Anab. II. c. ii. §§ 13—15.

Parse ἀποδρᾶναι, ἐτέρωτο, καταβᾶς, ἐγνώσαν. Write a note on the construction οἱ μὴ ἔτυχον ὄντες.

(86)

EXAMINATIONS FOR CERTIFICATES AND DEGREES IN ARTS.

I. MATRICULATION EXAMINATION.

1. Every candidate entering for the Matriculation Examination for the first time must pay a fee of two pounds. If the candidate withdraw, or fail to present himself at the examination or fail to pass it, the fee will not be returned to him; but he will be entitled to present himself at any subsequent Matriculation Examination on payment of an additional fee of one pound* each time that his name is registered.

[* Ten shillings in the case of candidates registered before 1904.]

2. There is no restriction as to age, but no candidate will be eligible for any exhibition* or other prize at the disposal of the University Council, unless he is under eighteen years of age on the first day of July preceding the examination.

[* For further information regarding Exhibitions, see pages 303-317.]

SUBJECTS OF EXAMINATION.

3. The subjects of examination are as follows :

I. *Compulsory Subjects.*

- (a) English. (Two papers.)
- (b)

{	Dutch.	Any one of these five Modern Languages.
	French.	
	German.	
	Kafir.	
	Sesuto.	
- (c) Latin.
- (d) Arithmetic.
- (e) Algebra.
- (f) Geometry.

II. *Optional Subjects.*

- (1.) Greek.
- (2.) History.
- (3.) Physics.
- (4.) Chemistry.
- (5.) Botany.

4. A candidate may take, in addition to the six compulsory subjects, one or two, but not more than two, of the five optional subjects; but no marks under 20 per cent. in any optional subject will be added to the candidate's aggregate.

5. No candidate will be permitted to present himself for examination in any of the science subjects (Physics, Chemistry, Botany) unless he is able to produce at the time of registration a satisfactory certificate* to the effect that he has studied the subject experimentally.

[* A form of certificate is included in the Entry Form.]

6. The names of successful candidates will be published in three classes, the first in order of merit, and the second and third in alphabetical order.

[Any acting teacher who passes the Matriculation Examination and does not wish his name to appear in the ordinary classified lists of successful candidates shall have his name placed in a separate unclassified list under the heading "The following acting teachers have also passed."]

[Under no circumstances will duplicate certificates be issued, and no candidate who has once obtained a certificate will be allowed to enter again for the examination.]

PARTICULARS OF THE FOREGOING SUBJECTS.

[Three hours will be allowed for each paper.]

7. ENGLISH:

The examination in English will test spelling, composition, grammar* (including analysis, parsing and derivation), and a knowledge of two prescribed works, or portions of works, one in prose and the other in verse.

[* This does not include Historical Accidence.]

Two papers will be set, the first dealing with spelling, composition, grammar and analysis, and the second with the prescribed works.

Composition will include exercises in correcting sentences, in paraphrasing, and in essay writing. For the essay candidates will be required to select one of three given subjects. The

essay should occupy not less than one, and not more than two, pages of the answer-book. The Spelling Test will be a passage containing errors—the passage to be written out by the candidates with the necessary corrections.

8. LATIN:

Section A.—Translation into English of passages from set work, with questions on the subject-matter of the same, and questions on special points of grammar involved in the passages to be translated.

Section B.—Accidence, simple syntax, parsing, and analysis of sentences; translation into English of (a) some detached sentences and (b) a simple continuous prose passage from a work not prescribed; translation from English into Latin of (a) some detached sentences and (b) a simple continuous prose passage. In this section the translation of words will be given where the examiner considers it necessary.

[Two-thirds of the total marks in Latin will be assigned to Section B., and no candidate will pass in this subject who does not obtain one-fifth of the marks in this Section.]

9. GREEK:

Section A.—Translation into English of passages from set work, with questions on the subject-matter of the same, and questions on special points of grammar involved in the passages to be translated.

Section B.—Accidence, simple syntax, and parsing; translation into English of (a) some detached sentences and (b) a simple continuous prose passage from a work not prescribed; translation from English into Greek of some detached sentences. In this section the translation of words will be given where the examiner considers it necessary.

[Two-thirds of the total marks in Greek will be assigned to Section B.]

10. DUTCH, FRENCH, GERMAN, KAFIR, SESUTO:

The paper in any one of these languages will be divided into three sections, each section having approximately the same number of marks assigned to it, and requiring about the same time for answering, viz. :—

Section A.—Accidence, simple syntax, parsing, and analysis of sentences.

MATRICULATION EXAMINATION.

89

Section B.—Translation into English of (a) some detached sentences, (b) a continuous passage or passages.

Section C.—Translation from English of (a) some detached sentences, (b) a simple continuous prose passage.

[In Sections B. and C. the translation of words will be given where the examiner considers it necessary.]

11. HISTORY.

The General History of Modern Europe from 1517 to 1815.

DETAILED SYLLABUS.

Modern History: its division into periods.

The Reformation and its effects on matters political:

The Papacy in the early days of the 16th century. Luther and Zwingli. The monarchy of the Emperor Charles V. and his struggles against France and Turkey. Charles and the Protestants; the league and war of Schmalkalden. Maurice of Saxony and the peace of 1555. The Reformation in England and in the Northern Kingdoms of Europe.

Philip II. and the Spanish monarchy. The Council of Trent and the Jesuits. Calvinism. Wars of religion in France, and struggle for liberty in the Netherlands. Catherine de Medicis; Elizabeth of England. The Catholic league in France and Henry IV.

Catholics and Protestants in Germany after 1555. Henry IV.'s policy and death. The Thirty Years' War: Gustavus Adolphus, Richelieu, Mazarin. Peace of Westphalia. England under the first two Stuarts.

Supremacy over Europe and balance of power:

Cromwell and restoration of the Stuarts. Louis XIV. of France; his views and his aims; his war with the Netherlands; coalition against him. William III. of England. The War of the Spanish succession. Charles XII. of Sweden and Peter the Great of Russia. Rise of the Russian power.

More wars of succession. Frederick II. of Prussia. England's power in India. The Seven Years' War.

Political reformers on European thrones. Partition of Poland. Suppression of the Order of the Jesuits. American independence.

Struggles for political liberty:

Characteristic tendencies of the 18th century. Influence of English ideas, both political and philosophical. Montesquieu, Voltaire, J. J. Rousseau. Beginning of the French Revolution. Coalition against and fall of the French monarchy. The reign of Terror.

Napoleon Bonaparte; his triumphs as a general; gets the better of

D4 CERTIFICATES AND DEGREES IN ARTS.

SPECIAL SUBJECTS FOR 1905.

ENGLISH :

Shakespeare—*Julius Cæsar*.

Macaulay—*History of England*, Chapter III.

LATIN :

Cæsar—*Gullic War*, VII.

GREEK :

Lucian—*Veri Historiæ*, I. 27 to II. 2.

SPECIAL SUBJECTS FOR 1906.

ENGLISH :

Shakespeare—*As You Like It*.

Macaulay—*Essay on Warren Hastings*.

LATIN :

Cicero—*De Imperio Cn. Pompei*.

Vergil—*Æneid*, V., 124–285.

GREEK :

Lucian—*Contemplantes*.

II. INTERMEDIATE EXAMINATION IN ARTS.

1. No candidate will be admitted to the Intermediate Examination until after the expiration of one academic year from the time of his passing the Matriculation Examination: *provided, however, that the Council may admit to this examination any candidate who has passed such an examination as, in the opinion of the Council, is equivalent to the said Matriculation Examination.**

[* Printed Forms of Application for exemption from the Matriculation Examination may be obtained from the Registrar.]

2. Every candidate entering for this examination for the first time must pay a fee of three pounds.† If the candidate withdraw, or fail to present himself at the examination, or fail to pass it, the fee will not be returned to him, but he will be entitled to present himself at any subsequent Intermediate Examination on payment of an additional fee of one pound‡ each time that his name is registered,

[† Candidates exempted from the Matriculation Examination under the provisions of § 1 must pay, at their first registration for the Intermediate Examination, the fee for the Matriculation Examination in addition to the fee for the Intermediate Examination.]

[‡ Ten shillings in the case of candidates registered before 1904.]

3. There is no restriction as to age, but no candidate will be eligible for any exhibition, or other prize,§ at the disposal of the Council, unless he is under twenty years of age on the first day of July preceding the examination.

[§ For further information regarding Exhibitions, see pages 308-315.]

SUBJECTS OF EXAMINATION.

4. The subjects of examination are as follows:—

I. *Compulsory Subjects.*

(a) English. (Two Papers.)

(b) Latin.

(c) Mathematics . . . { Algebra.
Geometry and Trigonometry (A).

CERTIFICATES AND DEGREES IN ARTS.

(d) Physical and Natural Science. $\left\{ \begin{array}{l} \text{Physics, or} \\ \text{Chemistry, or} \\ \text{Botany, or} \\ \text{Zoology, or} \\ \text{Geology.} \end{array} \right.$

II. *Optional Subjects.*

Greek.	Dynamics.
History.	Physics.*
Dutch.	Chemistry.*
French.	Botany.*
German.	Zoology.*
Geometry and Trigonometry (B).	Geology.*

[* If not taken as a compulsory subject.]

5. A candidate may take, in addition to the four compulsory subjects, one, two, or three, but not more than three, of the optional subjects; but no marks under 20 per cent. in any optional subject will be added to the candidate's aggregate.

6. The names of successful candidates will be published in three classes, the first class in order of merit, and the second and third in alphabetical order.

[Under no circumstances will duplicate certificates be issued, and no candidate who has once obtained a certificate will be allowed to enter again for the examination.]

[In all the Mathematical papers of this examination 4-figure mathematical tables may be used. Evaluation of angles to seconds will not be required.]

PARTICULARS OF THE FOREGOING SUBJECTS.

[Three hours will be allowed for each paper.]

7. ENGLISH:

The examination will test composition, a knowledge of the history of the language (general outline), and of the history of the literature (prescribed portions), and of two prescribed works, or portions of works, one in prose and the other in verse.

Four subjects for composition will be offered; none of them

to be connected with the set work of the year. The candidate may write upon one subject only. The candidate is recommended to give about an hour and a half to the composition test.

Two papers will be set, one dealing with composition and the history of the language, and the other with the prescribed works and the history of the literature.

Of the total marks in English, three-tenths will be assigned to composition, two-tenths to the history of the language, three-tenths to the prescribed works, and two-tenths to the history of the literature.

8. LATIN AND GREEK :

The paper in each of these languages will consist of two sections, each section having the same number of marks assigned to it, and requiring about the same time for answering, namely,
Section A.—(a) Grammar; (b) translation of passages from prescribed authors; (c) questions arising out of the prescribed work.

Section B.—(a) Translation into English of detached sentences, and of a simple continuous passage or passages from an author or authors not prescribed; (b) Translation from English of detached sentences, and of a simple continuous prose passage or passages.

9. DUTCH, FRENCH, GERMAN :

The paper in each of these languages will consist of three sections, each section having the same number of marks assigned to it, and requiring about the same time for answering, namely :

Section A.—Accidence, syntax, and idiomatic expressions.

Section B.—Translation into English of three passages, two in prose and one in verse—one at least being selected from an author of to-day.

Section C.—Translation from English of a passage from a simple prose narrative.

10. HISTORY :

Either

A. Political and constitutional history of England to 1485;

or

B. General history of Europe, 375-1517 A.D.

44

MATRICULATION EXAMINATION.

BOTANY.

Time]

[Three Hours

EXAMINER: Professor PEARSON, M.A.

MODERATOR: Miss STEBBINS.

[The Answers must be as far as possible illustrated by sketches or diagrams. It is expected that the plants mentioned as examples will be either natives of or cultivated in South Africa.]

1. Give an account of the structure of any seed that you have studied. Describe carefully the changes which occur from the beginning of the germination of this seed to the appearance of the first green leaf (or leaves).

2. Give an account of the structure of a stoma. Where are stomata found? Of what use are they?

3. What is a fruit? Describe examples of the following fruits: *capsule, nut, berry, legume, follicle, caryopsis.*

4. State what you know of the processes referred to in the following sentence: "Experiments have shewn that carbon dioxide is absorbed and that oxygen is given off by all green surfaces of plants during the hours of sunlight."

5. Describe (*a*) the primary structure, (*b*) the secondary thickening, of the root of a Dicotyledon as seen in transverse sections.

6. Write a description of the specimen submitted to you. Indicate clearly those characters which are of importance in determining the Natural Order to which the plant belongs.

(Only one of the two following questions to be attempted.)

7. What are the principal characters of the Natural Order *Geraniaceæ*? Mention the more important South African genera.

8. Give an account of the more important characters of the Natural Orders *Iridaceæ* and *Liliaceæ* and state what you consider to be the principal differences between them.

INTERMEDIATE EXAMINATION IN ARTS.

45

INTERMEDIATE EXAMINATION IN
ARTS.

ENGLISH.
FIRST PAPER.

Time]

[Three Hours

EXAMINER : Professor LOVEDAY, M.A.

MODERATOR : Rev. Professor WALKER, M.A., LL.D.

COMPOSITION, AND THE HISTORY OF THE ENGLISH LANGUAGE.

1. Write an Essay on *one* of the following subjects :

- (1) Eastern and Western Ideals of Civilisation.
- (2) Proverbs.
- (3) The Influence of Climate on Character.
- (4) The Pleasures of Idleness.

[N.B. Candidates are advised to give about an hour-and-a-half to the Essay.]

2. Account for the fact that at different times dialects spoken in different parts of England have been the standard literary language.

3. Shew that there has been a gradual simplification of English accidence, account for this simplification, and enquire how far it has been beneficial to the language.

4. Write short notes on the history (a) of the following words :
a, fifth, why, they, you, naught ;

and (b) of the following suffixes :

-ster (in nouns), -ing (in participles), -ly (in adverbs).

5. (a) Explain and exemplify the following terms :
Vocalisation, Mutation, Metathesis, Folk-Etymology.

Or

(b) Shew at what times and in what respects the influence of (i) Latin, (ii) French, upon the English language has been most marked.

16. INTERMEDIATE EXAMINATION IN ARTS.

ENGLISH.

SECOND PAPER.

[Time]

[Three Hours

EXAMINER: REV. PROFESSOR WALKER, M.A., LL.D.

MODERATOR: PROFESSOR LOVEDAY, M.A.

A.

CARLYLE: *Past and Present*, Book II., *The Ancient Monk*.

1. (a) On what historical person and work does Carlyle base *The Ancient Monk*? Why is *The Ancient Monk* introduced in *Past and Present*? What does Carlyle suggest by the contrasts: Landlord Edmund, Saint Edmund; Monk Samson, Abbot Samson?

(b) "How much is still (1200) alive in England; how much has not yet come into life!" Indicate the main features in Carlyle's picture of England in the Twelfth Century.

2. Answer (a) or (b):

(a) Give in simple outline three scenes from *The Ancient Monk*, which appear to you vivid and dramatic. Treat one of these more fully.

(b) "For example, who taught thee to *speak*?" How does Carlyle answer his own question? What further illustrations of the same truth does he bring forward?

3. Explain these allusions:

"The Life-tree Igdrasil"—"A kind of born Boswell"—
"Dawn...awakening in thy heart celestial Memnon's music"—
"Would fain demand some Five-point Charter"—"The present respectable Mayor of Bury...a Fakcer"—"Three pound ten, and a life of literature!"

B.

PALGRAVE: *Golden Treasury*, Book II. (edited by Bell),
pp. 1—31, 71—90.

4. (a) "Any poem finely wrought, which is of the nature of an apostrophe or of sustained intellectual meditation on a single theme of general purport, should be classed as an ode."

Select one of the four longer poems of Milton prescribed, and show carefully how it corresponds to the above definition.

(b) Compare briefly Dryden's two Odes, so as show the different treatments of the same theme.

INTERMEDIATE EXAMINATION IN ARTS.

47

5. In regard to three of the following poems, state the leading thought of the poem, illustrating it by an appropriate quotation (a stanza or a few consecutive lines), and name the author :

- (a) "How happy is he born and taught"—
- (b) "The glories of our blood and state"—
- (c) "When I consider how my light is spent"—
- (d) "When God at first made man"—
- (e) "It is not growing like a tree"—
- (f) "Where the remote Bermudas ride"—

6. Annotate briefly five of these passages, and state from what poems they are taken :

- (a) "He nothing common did or mean
Upon that memorable scene."
- (b) "the repeated air
Of sad Electra's poet."
- (c) "Comes the blind Fury with the abhorred shears,
And slits the thin-spun life."
- (d) "But felt through all this fleshly dress
Bright shoots of everlastingness."
- (e) "unsphere
The spirit of Plato."
- (f) "To thy protection fear and sorrow flee,
And those that weary are of light, find rest in thee."
- (g) "Blest pair of Sirens, pledges of Heaven's joy,
Sphere-born harmonious sisters, Voice and Verse!"
- (h) "Or what (though rare) of later age
Ennobled hath the buskined stage."
- (i) "The Cynosure of neighbouring eyes."

C.

PERIOD OF LITERATURE : 1579—1700.

(Answer No. 13, and any three of the other six.)

7. Tell shortly the story of the *Faerie Queene*, and give the substance of Spenser's statement as to its nature and purpose. Why has Spenser been called "the poet's poet" ?

48

INTERMEDIATE EXAMINATION IN ARTS.

8. Answer (a) or (b) :

(a) State what you know of the manner of representing plays in the Elizabethan period. Did this influence in any way the construction of the plays? Illustrate from Shakespeare, if you can.

(b) Describe one of Shakespeare's heroines, and one of his fools.

9. Compare and contrast the literary styles of Bacon, Fuller and Locke. Name one important work of each, and describe one of these more fully.

10. Discuss and illustrate the influence of the courts of Charles I. and Charles II. on Poetry and the Drama.

11. Give a brief account of the Satires of Dryden. Compare Dryden and Butler as satirists.

12. Compare shortly Milton's *Paradise Lost* with Bunyan's *Pilgrim's Progress*, as types of imaginative literature. Why has Bunyan been called "the Spenser of the people"?

13. Name the authors and give the approximate dates of eight of the following :

The Sad Shepherd, The Anatomy of Melancholy, Tamburlaine, Euphues, Religio Medici, The Purple Island, Leviathan, Annus Mirabilis, The Barons' Wars, Pindarics, The Complete Angler, The Temple, Sejanus.

LATIN.

Time]

[Three Hours

EXAMINER: Rev. H. V. TAYLOR, M.A.

MODERATOR: Professor C. S. EDGAR, M.A.

SALLUST, *Jugurtha*, 1--65.

VERGIL, *Georgics* IV.

A.

1. (a) Translate:

(1) Quod utinam illum, cuius impio facinore in has miseras proiectus sum, eulem haec simulantem videam, et aliquando aut apud vos aut apud deos immortalis rerum humanarum cura

INTERMEDIATE EXAMINATION IN ARTS.

49

oriatur: ne ille, qui nunc sceleribus suis ferox atque proclarus est, omnibus malis excruciatu8 impietatis in parentem nostrum, fratris mei necis mearumque miseriarum gravis poenas reddat.

Jugurtha, c. 14.

reddat: explain the construction.

(2) Utriusque cladis non lex verum libido eorum finem fecit. Sed sane fuerit regni paratio plebi sua restituere. Quidquid sine sanguine civium ulcisci nequitur, iure factum sit. Superioribus annis taciti indignabamini aerarium expilari, reges et populos liberos paucis nobilibus vectigal pendere, penes eosdem et summam gloriam et maximas divitias esse. Tamen haec talia facinora impune suscepisse parum habuere. Itaque postremo leges, maiestas vostra, divina et humana omnia hostibus tradita sunt.

Ibid. c. 31.

utriusque cladis: what is referred to?

fuerit: explain mood and tense.

(3) At Romani, quamquam itinere atque opere castrorum et proelio fessi erant, tamen, quod Metellus amplius opinione morabatur, instructi intentique obviam procedunt. Nam dolus Numidarum nihil languidi neque remissi patiebatur. Ac primo obscura nocte, postquam haud procul inter se erant, strepitu velut hostes adventare, alteri apud alteros formidinem simul et tumultum facere, et paene imprudentia admissum facinus miserabile, ni utrimque praemissi equites rem exploravissent. Igitur pro metu repente gaudium mutatur, milites alius alium laeti appellant, acta edocent atque audiunt, sua quisque fortia facta ad caelum fert. Quippe res humanae ita sese habent: in victoria vel ignavis gloriari licet, adversae res etiam bonos detrectant.

Ibid. c. 63.

(b) Translate, with short, clear notes on points of syntax:

(1) Nobiles qui Jugurthae animum pollicitando accendunt, si Micipsa rex occidisset, fore uti solus imperi potiretur; in ipso maxumam virtutem, Romae omnia venalia esse.

Ibid. c. 8.

(Give in *Oratio Recta* the words spoken.)

(2) Arborum quae humi arido atque harenoso gignuntur.
c. 48.

(3) Contra ea oppidani saxa volvere, sudis, pila, praeterea picem sulphure et taeda mixtam ardentia mittere.
c. 57.

(c) (1) Explain *dediticius—iudicium profteri—supplemen-
tum scribere—triplicibus subsidiis—homines nominis Latini.*

(2) State exactly the situation of Cirta and Zama.

(d) Write a short note on *one* of the following points:

(1) The distinguishing features of Sallust's style.

(2) Sallust's value as a historian.

2. (a) Translate :

(1) Atque equidem, extremo ni iam sub fine laborum
Vela traham et terris festinem advertere proram,
Forsitan et, pinguis hortos quae cura colendi
Ornaret, canerem, biferique rosaria Paesti,
Quaeque modo potis gauderent intiba rivis
Et virides apio ripae, tortusque per herbam
Cresceret in ventrem cucumis; nec sera comantem
Narcissum aut flexi tacuissem vimen acanthi
Pallentisque hederas et amantis litora myrtos.
Georgics, IV. 116.

traham—canerem. Comment on the tenses.

What political purpose has been detected in the *Georgics*?

(2) Hic tibi, nate, prius vinclis capiundus, ut omnem
Expediat morbi caussam, eventusque secundet.
Nam sine vi non ulla dabit praecepta, neque illum
Orando flectes; vim durum et vincula capto
Tende; doli circum haec demum frangentur inanes.
Ibid. 396.

(b) Translate with short notes:

(1) Neque enim plus septima ducitur aestas. 207.

(2) Insincerus apes tulcrit cruor. 285.

(3) Ixionii vento rota constitit orbis. 484.

(c) Where are the *Mella* and the *Tanais*? What epithets does Vergil attach to *Canopus*, the *Hydraspes* and the *Eridanus*? One of them involves a geographical error?

INTERMEDIATE EXAMINATION IN ARTS.

51

B.

3. Turn into LATIN :

(a) The betrayal of his plans threw the Roman general into confusion.

(b) When this letter was read aloud, there were some who expressed the opinion that assistance should be rendered to Adherbal as early as possible.

(c) There are not wanting men who desire friends of a character such as they cannot themselves attain. These ask from their friends what they themselves do not grant. Firm friendship, however, can only be established when those who are bound together by good will delight in what is fair and just, and show to each other not only affection but respect. For nature has provided friendship not as the companion of vice but as the handmaid of virtue.

4. Translate :

(a) (*Cicero discusses his banishment.*)

Sed, ut revertar ad illud quod mihi in hac omni est oratione propositum, omnibus malis illo anno scelere consulum rempublicam esse confectam: primum illo ipso die, qui mihi funestus fuit omnibus bonis luctuosus, cum ego me e complexu patriae conspectuque vestro eripuissem, et metu vestri periculi, non mei, furori hominis, sceleri, perfidiae, telis, minisque cessissem, patriamque, quae mihi erat carissima, propter ipsius patriae caritatem reliquissem: cum meum illum casum tam gravem, tam repentinum non solum homines, sed tecta urbis ac templa lugerent; nemo vestrum forum, nemo curiam, nemo lucem aspicere vellet: illo, inquam, ipso die Gabinio et Pisoni provincia rogata est. Pro dii immortales custodes huius urbis atque imperii! quaeenam illa in republica scelera vidistis! Civis erat expulsus is, qui rempublicam ex senatus auctoritate cum omnibus bonis defenderat, et expulsus non alio aliquo, sed eo ipso crimine.

CICERO, *Pro Sestio* XXIV.

(b) (*How echoes are caused.*)

Quae bene cum videas, rationem reddere possis
Tute tibi atque aliis, quo pacto per loca sola
Saxa paris formas verborum ex ordine reddant,
Palantis comites cum montis inter opacos

Quaeritinus et magna dispersos voce ciemus.
Sex etiam aut septem loca vidi reddere voces,
Unam cum iaceres: ita colles collibus ipsi
Verba repulsantes iterabant docta referri.

LUCRETIVS, IV. 572.

GREEK.

[Time]

[Three Hours]

EXAMINER: Rev. B. H. HAMPDEN-JONES, M.A.
MODERATOR: Professor RITCHIE, M.A.

A.

I. Translate into ENGLISH:

(α) οἶδα μὲν οὖν, ὅτι χαλεπὸν ἐστίν, ὃ μέλλω ποιεῖν, ἀνδρῶν ἀρετὴν διὰ λόγων ἐγκωμιάζειν. σημεῖον δὲ μέγιστον· περὶ μὲν γὰρ ἄλλων πολλῶν καὶ παντοδαπῶν λέγειν τολμῶσιν οἱ περὶ τὴν φιλοσοφίαν ὄντες, περὶ δὲ τῶν τοιούτων οὐδεὶς πώποτ' αὐτῶν συγγράφειν ἐπεχείρησεν. καὶ πολλὴν αὐτοῖς ἔχω συγγνώμην. τοῖς μὲν γὰρ ποιηταῖς πολλοὶ δέδονται κόσμοι· καὶ γὰρ πλησιάζοντας τοὺς θεοὺς τοῖς ἀνθρώποις οἶόν τ' αὐτοῖς ποιῆσαι καὶ διαλεγομένους καὶ συναγωνιζομένους οἷς ἂν βουληθῶσι, καὶ περὶ τούτων δηλώσασθαι μὴ μόνον τοῖς τετυχημένοις ὀνόμασιν, ἀλλὰ τὰ μὲν ξένοις, τὰ δὲ καινοῖς, τὰ δὲ μεταφωραῖς, καὶ μηδὲν παραλιπεῖν ἀλλὰ πᾶσι τοῖς εἰδεσι διαποικίλαι τὴν ποιήσασθαι· τοῖς δὲ περὶ τοὺς λόγους οὐδὲν ἕξεισι τῶν τοιούτων, ἀλλ' ἀποτόμως καὶ τῶν ὀνομάτων τοῖς πολιτικοῖς μόνον καὶ τῶν ἐνθνημάτων τοῖς περὶ αὐτὰς τὰς πράξεις ἀναγκαῖόν ἐστι χρῆσθαι.

ISOCRATES, *Evagoras*, §§ 8—10.

What does Isocrates mean by φιλοσοφία?

(β) ὕπερ συνέβη· πεισθέντων γὰρ ταῦτα τῶν στρατηγῶν καὶ ναυτικοῦ συλλεγόντος Λακεδαιμόνιοι μὲν κατενανμαχήθησαν καὶ τὴν ἀρχὴν ἀπευτερίθησαν, οἱ δ' Ἕλληνες ἠλευθερώθησαν, ἡ δὲ πόλις ἡμῶν τῆς τε παλαιᾶς δόξης μέρος τι πάλιν ἀνέλαβε καὶ τῶν συμμεμίχων ἡγεμῶν κατέστη. καὶ ταῦτ' ἐπρίχθη Κόνωνος μὲν στρατηγοῦντος, Εὐαγόρου δὲ τούτου παρασχόντος καὶ τῆς δυνάμεως τὴν πλείστην παρασκευάσαντος. *Ib.* § 56.

κατενανμαχήθησαν. Give some account of the place and circumstances of this battle.

2. Translate with short notes:

(a) ἀλλὰ τοσαύτην ὃ δαίμων ἔσχεν αὐτοῦ πρόνοιαν, ὅπως καλῶς λήψεται τὴν βασιλείαν. *Ib.* § 25.

(b) ἐχρῆν μὲν οὖν καὶ τοὺς ἄλλους ἐπαινεῖν τοὺς ἐφ' αὐτῶν ἄνδρας ἀγαθοὺς γεγενημένους, ἐν' οἷ τε δυνίμενοι τὰ τῶν ἄλλων ἔργα κοσμεῖν ἐν εἰδόσι ποιούμενοι τοὺς λόγους ταῖς ἀληθείαις ἐχρῶντο περὶ αὐτῶν, οἷ τε νεώτεροι φιλοτιμοτέρως διέκειντο πρὸς τὴν ἀρετὴν. *Ib.* § 5.

3. Translate into ENGLISH:

(a) ὡς φάτο, Πάτροκλος δὲ φίλῳ ἐπεπείθειθ' ἑταίρῳ.
αὐτὰρ ὄγε κρείων μέγα' κάββαλεν ἐν πυρὸς αὐγῆ,
ἐν δ' ἄρα νῶτον ἔθηκ' ὄϊος καὶ πίονος αἰγός,
ἐν δὲ σῶος σιάλοιο βάχιν τεθυλίαν ἀλοιφῆ.
τῷ δ' ἔχεν Ἀυτομέδων, τάμνεν δ' ἄρα δῖος Ἀχιλλεύς·
καὶ τὰ μὲν εὐ μίστυλλε καὶ ἀμφ' ὀβελόισιν ἐπειρεῖ,
πῦρ δὲ Μενoitιάδης δαίεν μέγα, ἰσόθεος φῶς.
αὐτὰρ ἐπεὶ κατὰ πῦρ ἐκάη καὶ φλόξ ἐμαράνθη,
ἀνθρακίην στορέσας ὀβελούς ἐφύπερθε τάνυσσεν·
πίασσε δ' ἄλῶς θείῳ, κρατευτῶν ἐπαίρις.
αὐτὰρ ἐπεὶ ῥ' ὤπησε καὶ εἰν ἐλεοῖσιν ἔχευεν,
Πάτροκλος μὲν σῆτον ἔλῶν ἐπένευε τραπέζῃ
καλοῖς ἐν κανίοισιν· ἀτὰρ κρέα νέιμεν Ἀχιλλεύς.
ΗΟΜΕΡ, Πίad, IX. 205—217.

(b) καὶ γὰρ τοῖσι κακὸν χρυσόθρονος Ἄρτεμις ὄρσεν
χωσαμένη, ὅ οἱ οὔτι θαλύσια γυνῶ ἀλωῆς
Οἰνεὺς ῥίξ'. ἄλλοι δὲ θεοὶ δαίνυνθ' ἐκατόμβας,
οἷη δ' οὐ ἔρρεξε Διὸς κούρη μεγάλοιο.
ἦ λάθει' ἢ οὐκ ἐνόησεν· αἴσατο δὲ μέγα θυμῷ
ἢ δὲ χολωσαμένη, δῖον γένος, ἰσχίαυρα,
ὄρσεν ἔπε χλοῦνην σὺν ἄγριον ἀργιόδοντα,
ὅς κακὰ πόλλ' ἔρδεσκεν ἔθων Οἰνήος ἀλῶν·
πολλὰ δ' ὄγε προβέλυμα χαμαὶ βίβλε δένδρεα μακρὰ
αὐτῆσιν ῥίξῃσι καὶ αὐτοῖς ἀνθεσι μήλων.
Ib. 533—542.

4. Translate with short notes:

(a) τίω δέ μιν ἐν καρὸς αἴση.

(b) ἀλλ' ἤγ' ἐγὼν, ὅς σεῖο γεραίτερος εὐχόμαι εἶναι,
ἐξείπω καὶ πάντα διΐξομαι· οὐδέ κέ τίς μοι
μῦθον ἀτιμήσει, οὐδέ κρείων Ἀγαμέμνων.

IV.—THE QUEEN VICTORIA MEMORIAL PRIZE.

(Founded by the Jewish Boys and Girls of South Africa as a Memorial of the late Queen.)

The Prize will consist of books to the value of about £7, and will be awarded annually to the successful candidate at the Matriculation Examination who, in the opinion of the Examiner, has written the best English Essay, and who is not over the prescribed age for Exhibitions at the Matriculation Examination.

PRIZE-WINNERS.

1902. Pesson, Fernando Antonio
1901. [See *University Gazette* for March 1905.]

V.—THE HAMPDEN WILLIS CIVIL SERVICE PRIZE.

(Founded by subscription in memory of the late Hampden Willis, C.M.G., Under Colonial Secretary of the Colony.)

This prize, of the value of about £4 in books, may be awarded annually at the School Higher Examination—or, in the event of there being no eligible candidate at that examination, at the School Elementary Examination—to the child or orphan of a civil servant of Cape Colony, who has obtained the highest place in the First Class, and who is not over the prescribed age for bursaries or prizes.

PRIZE-WINNERS.

1894. Spijker, John.	1899. Stapleton, Lucy.
1895. Van Breda, L. P.	1900. Stephens, Edith L.
1896. Cooney, Margaret.	1901. Lange, Frederick W.
1897. Overbeck, John B.	1902. Stanford, Dorothy Maud.
1898. Buchanan, Mary M.	1903. Bosman, Hubertus A. M.

1904. [See *University Gazette* for March 1905.]

(325)

CHANCELLORS' PRIZES.

I.

The first and second Chancellors of the University offered for competition annually, during their Chancellorship, a Gold Medal for the best Essay on a subject proposed by the Council. The competition was restricted to graduates by examination, matriculated students, and holders of certificates in literature and science, or in law and jurisprudence, granted by the late Board of Examiners.

MEDALLISTS :

1877. Sampson, Victor, B.A.

Thesis.—"The relations and responsibilities of the Civilised Communities of South Africa to the Native Races."

1878. Not awarded.

1879. Tooke, W. Hammond.

Thesis.—"No study affords a wider or more wholesome field for exercising the faculties and preparing men for life than that of metaphysics, the term being used so as to embrace the philosophy of the mind, with logic as a component part, and ethics as a connected study."

1880. Adams, John.

Thesis.—"The study of Agricultural Chemistry, with special reference to the wants of South Africa."

1881. Not awarded.

1882. Not awarded.

1883. Caldecott, Arthur E.

Thesis.—"The government and civilisation of the Native Races in South Africa."

Niemeyer, Ernest P.	1897	O'Dea, John	1900	Orsmond, Everet George	1901
Niemeyer, Frederick C.	1897	Odendaal, Michiel W.	1898	Ortlepp, A. A.	1880
Niemeyer, J. C.	1886	O'Dowd, Conway J.	1899	Ortlepp, A. J.	1884
Nightingale, P. A.	1885	Oehley, O. C.	1888	Ortlepp, François J.	1895
Nigrini, Christian F.	1839	Oettle, Carl M.	1900	Osler, B.	1894
Niland, Thomas	1895	Olford, Charles J.	1893	Osler, George A.	1898
Ninow, Frank W.	1902	O'Hara, K. M.	1901	Osler, Harold B.	1902
Ninow, Sophia M.	1897	O'Hlson, O. A.	1891	Osler, Thomas H.	1892
Nixon, Annie S.	1892	O'Keefe, P.	1903	Osman, Fred L.	1902
Nixon, E. J.	1874	Okell, Robert	1898	Otte, Clara	1892
Nixon, H. J.	1875	O'Kennedy, Henry F.	1895	Oxland, Lionel St. J. O.	1896
Nixon, W. T.	1881	Okes, Reginald Charles	1901	Packman, Cyrus T.	1892
Noaks, L. W. L.	1903	Ohlman, J. R. D.	1903	Pagden, H. K.	1884
Noble, A. R.	1900	O'Leary, David	1899	Paley, W. N. A.	1900
Noonan, Joseph	1898	O'Leary, G. D.	1894	Palfaman, Ellen Mary	1901
North, G. H.	1882	Oliff, Constance M.	1897	Palling, M. B.	1903
North, Peter C. F.	1903	Oliff, Ivon L.	1895	Palmer, Constance Adeline	1900
Nortje, William Francis.	1900	Oliff, J. F.	1874	Palmer, George G.	1899
Norton, Arthur W.	1897	Oliver, Constance W.	1899	Palvie, G. A.	1900
Norton, Bertram B. S.	1896	Olivier, Andries P.	1898	Papenfus, F. H.	1880
Norton, Norman O.	1897	Olivier, Charles Arthur	1901	Papenfus, H. B.	1881
Norton, Reginald C.	1883	Olivier, Hester C.	1896	Parsons, Whitmore W.	1902
Norton, T. W. C.	1899	Olivier, S. J.	1891	Parsonson, Edwyn Christopher	1901
Nourse, Hugh Gordon	1901	O'Neill, Maggie	1902	Parsonson, Helen Beatrice	1901
Nyaluza, Nathaniel	1902	Oosthuizen, Ockert Jacobus	1901	Parsonson, H. G.	1903
Oates, Florence Beatrice	1900	Oosthuizen, Philippus V.	1899	Parsonson, J. E.	1857
Oates, Gladys P.	1902	Ordeman, Conrad F.	1898	Parker, Reginald H.	1902
Oates, Tennyson	1893	Ordemann, Caroline A.	1897	Parker, Wilfrid	1900
O'Brien, C. O'S.	1893	O'Reilly, Gerald J.	1892	Parker, William F.	1899
O'Brien, Margaret	1895	O'Reilly, Gretta	1899	Parkin, Maximilian C.	1899
O'Brien, Margaret	1899	O'Reilly, J. C.	1900	Partridge, Richard J.	1879
Ochse, Frank H. S.	1897	O'Riley, B.	1887	Pascoe, F. D.	1903
Ochse, Martha J.	1889	O'Riley, Thomas L.	1899	Pascoe, George B.	1899
O'Connor, Alexander James	1901	Ornstein, Abram	1903	Passmore, F. W.	1903
O'Dea, Cecilia	1900	Ornstien, John A.	1892	Paterson, George	1898
O'Dea, James	1895	Orpen, H. R.	1885	Paterson, George O.	1902
		Orsmond, A. R.	1887		
		Orsmond, E. G.	1879		

MATRICULATION EXAMINATION.

413

Paterson, Jeanie N. 1894	Pett, Maud . . . 1895	Pim, William H. . . 1899
Paterson, J. G. . . 1903	Pettit, Mildred . . 1894	Pirie, Isabel S. . . 1899
Pattle, C. J. St. J. 1903	Philip, Alexander 1898	Pirie, Katherine . . 1899
Paul, Carl L. . . . 1898	Philip, Alfred D. . . 1899	Pistorius, Ernst H. 1898
Paul, Charles S. . . 1903	Philip, Jessie M. . . 1899	Pistorius, W. J. . . 1884
Pauling, G. E. N. 1877	Philip, Louise A. . . 1888	Piton, Johan C. . . 1899
Pauling, George	Philip, Louis J. . . 1902	Playford, L. L. . . 1884
H. R. 1895	Philip, Louise M. 1898	Plewman, G. G. . . 1889
Pauling, H. W. . . 1881	Philip, Norman Y. 1903	Plummer, W. J. . . 1888
Pauling, N. 1880	Phillips, Mary S. 1895	Pocock, Allan A.
Pauling, Percy . . 1889	Phillipson, H. W. 1894	B. 1899
Pauling, W. T. . . 1884	Pickard, H. W. L. 1893	Pocock, Austin
Pauw, C. P. 1896	Pickard, Ryno . . . 1901	Alfred 1900
Pauw, J. G. 1891	Pienaar, Anna K.	Pocock, Ethel-
Pauw, Samuel . . . 1894	S. M. 1899	wynne May . . . 1900
Paxton, Ellen M. . 1898	Pienaar, Annie C. 1892	Pocock, Henry W. 1899
Pay, W. H. 1894	Pienaar, B. D. . . . 1887	Pocock, Ruby . . . 1900
Payn, Alfred	Pienaar, Catherine	Poggenpoel, Edwin
Owen Balleine. 1900	Louw 1900	G. 1897
Payn, Herbert A. 1899	Pienaar, Charles I. 1896	Pohl, Jessie 1903
Payn, R. W. 1903	Pienaar, D. J. . . . 1878	Pohl, Johan C. R. 1899
Peacock, Mabel	Pienaar, Ferdin-	Polack, A. 1894
Hay 1900	and. 1893	Pope, Francis W. . . 1902
Peacock, Maud M. 1896	Pienaar, Francois	Poppe, Charles H. 1902
Peacocke, A. W. . . 1878	D. 1902	Porter, Eileen C. . 1903
Pearse, Geoffrey E. 1902	Pienaar, G. F. . . . 1876	Portsmouth,
Pearson, Douglas . 1896	Pienaar, Hendrik J. 1893	Henry 1901
Pearson, Wilfrid	Pienaar, Hendrik	Postma, A. 1884
Vernon. 1900	S. 1897	Postma, D. 1881
Peeters, Jenneke	Pienaar, Hester . . 1890	Postma, Willem . . 1892
W. 1894	Pienaar, Jacob A. . 1891	Poston, Joseph . . 1893
Peggs, A. H. 1903	Pienaar, Johannes	Potgieter Joachim
Pemberton, F. A. 1885	Hendrik 1900	F. 1899
Penzhorn, C. . . . 1894	Pienaar, P. 1883	Potgieter, Samuel
Pentz, C. A. 1888	Pienaar, Schalk W. 1886	H. 1902
Pentz, Edward . . . 1899	Pienaar, W. M. . . . 1903	Powell, Frederick
Pentz, Herbert F. 1902	Pierce, Susan	Gill. 1900
Pentz, John M. . . . 1900	Christine 1900	Powell, Marian T. 1896
Pepler, J. A. 1876	Piers, Charles P. . . 1902	Powell, O. P. . . . 1894
Perl, Frederick . . 1902	Piers, H. T. 1887	Powell, S. W. . . . 1894
Perold, Jozua	Pietersen, Ger-	Powell, Wm. W. . . 1895
Francois 1901	trude I. F. . . . 1895	Power, Peter J. . . 1899
Perold, P. J. 1884	Pietersen, J. 1887	Powrie, K. O. . . . 1900
Perold, S. J. 1886	Pietersen, Jo-	Powrie, Susan . . . 1894
Pesson, F. A. N. . . 1903	hanna 1894	Preiss, Frans J. . . 1901
Peters, T. P. 1882	Pilkington, G. . . . 1878	Preiss, Johann D. 1898
Petersen, Ludwig	Pilkington, George	Preiss, Martha
Peter Alexander 1900	W. 1897	Magdalena. . . . 1901

APÊNDICE III

Obras em Inglês Constantes da Biblioteca
de Fernando Pessoa
Adquiridas Durante sua permanência
em Durban

Obs. A relação de livros ingleses apresentada por Maria da Encarnação Monteiro em seu trabalho *Incidências Inglesas na Poesia de Fernando Pessoa* inclui referências a certas obras que por serem datadas atestam sua aquisição durante a permanência de Fernando Pessoa em Durban. O presente apêndice pretende identificar também obras adquiridas a essa altura e não datadas, mas assinadas da maneira adotada pelo poeta durante sua permanência em Durban — F. A. N. Pessoa. Embora pudesse haver outras obras adquiridas a essa época, não é possível identificá-las dada a ausência de data ou assinatura.

- Bridges, Robert. *Milton's Prosody*. Oxford, 1901.
- Carlyle, Thomas. *Sartor, Resartus. Heroes Past and Present*. Dondon: Chapman and Hall, Ltd., 1903.
- Colvin, Sidney. *Keats*. London: Macmillan and Co., Ltd., 1899.
- Dowden, Edward. *The Life of Percy Bysshe Shelley*. London: Trübner and Co., Ltd., 1896.
- Early Reviews of Great Writers (1786 - 1832)*. Selected and Edited, with an Introduction, by E. Stevenson. London: Walter Scott Ltd., s.d.
- Emerson, Ralph Waldo. *Works of ...* London: Routledge and Sons, 1902.
- Gilman, Arthur. *Rome*. From earliest times to the end of the Republic. 3.a ed. London: T. Fisher Unwin, 1894.
- Hornung, E. W. *Raffles, The Amateur Cracksman*. London: Thomas Nelson and Sons, s.d.
- Johnson. *Lives of the Poets*. Vol. I, London: George Bell and Sons, 1890. Vol. II, id. Vol. III, 1900.
- Johnston, Sir Harry. *The Nile Quest*. London: Lawrence and Bublén, Ltd., 1903.
- Jonson, Ben. *The Works of ...* 3 vols. Nova edição. Vol. I. London: Chatto and Windus, 1897. Vol. II, 1904. Vol. III, 1903. ("Queen Victoria Memorial Prize").
- Keats, John. *The Poetical Works*. London: Frederick Warne and Co., s.d. ("Queen Victoria Memorial Prize").
- Macaulay, Lord. *Biographical, Critical and Miscellaneous Essays, and Poetical Works*. Including "The Lays of Ancient Rome". London: Ward, Lock and Co., Ltd., s.d.

- *Essays, Historical and Literary.* From the "Edinburgh Review".
London: Ward, Lock and Co., Ltd., s.d.
- Macleod, Mary. *Stories from the Faerie Queene.* London: Gardner, Darton and Co., 1897.
- Morley, Henry. *The Spectator.* A new edition, reproducing the original text, both as first issued and as corrected by its authors. With introduction, Notes, and index. By ... London: Routledge and Sons, Ltd., 1896.
- Nichol, John. *Byron.* London: Macmillan and Co., Ltd., 1902.
- *Thomas Carlyle.* London: Macmillan and Co., Ltd., 1902.
- Poe, Edgar Allan. *The Choice Works.* Poems, Stories, Essays. With an Introduction by Charles Baudelaire. London: Chatto and Windus, 1902. ("Queen Victoria Memorial Prize").
- Shakespeare, William. *The Complete Works.* Edited with a Glossary by W. J. Craig. Oxford, at the Clarendon Press, s.d.
- Stone, William Johnson. *Classical Metres in English Verse.* Oxford, 1901.
- Symonds, John Addington. *Shelley.* London: Macmillan and Co., 1884.
- Tennyson, Alfred. *The Works of ...* London: Macmillan and Co., Ltd., 1902. ("Queen Victoria Memorial Prize").
- Wiedemann, A. *Popular Literature in Ancient Egypt.* Translated by J. Hutchison. London: David Nutt, 1902.

Obs. Apresentamos em seguida a relação de obras em língua inglesa existentes na biblioteca particular de Pessoa referentes ao período de residência em Durban não incluídas na seção anterior.

- Arnold's Latin Primer.* (Ass. F. A. L. N. Pessoa, Durban High School, Form VI, February, 1904. F. A. N. Pessoa, Charles Robert Annon, note-se, além da referência heteronímica, a inclusão da inicial *L.* no nome. Já vimos que Clifford Geerds se lembrava do nome *Luís* ao referir-se ao poeta).
- Euclid's Elements.* Hall e Stevens, eds. (Ass. F. A. N. Pessoa, Durban High School, Feb. 1904, Form VI. Definições de matemática em português).
- Elementary French Grammar.* (Ass. F. A. N. Pessoa, Feb. 1904).
- Elementary Trigonometry.* H. S. Hall, M. A. London: Macmillan, 1901. (Ass. F. A. N. Pessoa, Durban High School, February, 1904, Form VI).

- The Georgics of Vergil, Book IV.* Winbolt. (Ass. F. A. N. Pessoa, Durban High School, February, 1904, Form VI. É o livro prescrito na prova de Latim do exame intermédio).
- Kennedy, Benjamin Hall. *The Revised Latin Primer*, 7th. ed. London: Longman's Green and Co., 1898. (Ass. F. A. N. Pessoa, Form VI. C. R. Anon. H. M. F. Lecher. Note-se o humor na escolha dos heterônimos: *anon*: anônimo; *lecher*: lascivo).
- Molière.* (Ass. Fernando Antônio Nogueira Pessoa, 1903, Puzzle Column Prize *Natal Mercury*, December, 1903. O poeta ganhara este livro como prêmio em um concurso no jornal da cidade de Durban).
- Mathew, E. J. *A History of English Literature.* London: Macmillan, 1901. (Ass. F. A. N. Pessoa, Durban High School, February, 1904, Form VI. O poeta anotou o número de páginas referentes ao exame — pp. 109-275 e o período literário a ser estudado, que começava em 1524).
- Murray, John. *A First Latin Course*, 1892. (Ass. F. A. N. Pessoa, V — II — MDCCCXCIII. O poeta deve ter adquirido este compêndio um ano antes de ingressar no liceu. Na contracapa há o seguinte poema: "Don't steal this book / For fear of shame / For in it is / the owner's name / And if I catch / him by the tail / He'll run off / to Durban gaol." E em francês: "Si ce livre viendrait à vous / donnez-le un peu de baton / et envoyez-le a F. Pessoa." De novo em inglês: "Steal not this book for fear of shame." "If by chance this book / should come to you as if / running away; give him / the stick and send it to F. Pessoa, West St. 157").
- Official Guide to London.* (neste livro o poeta escreveu Monsieur Olly MacIntyre L. K. H., ao final de uma brincadeira de "vira página").
- Palgrave's Golden Treasury of Songs and Lyrics*, Book Second, Bell (ed.). (Ass. F. A. N. Pessoa, Durban High School, Feb. 1904, Form VI. Set work: Pages 1-31; 71-90).
- Pitman's Shorthand.* (Ass. de carimbo F. A. N. Pessoa, Durban. Martin Kerávas).

BIBLIOGRAFIA

I. de Fernando Pessoa:

- Alguns dos "35 Sonetos" de Fernando Pessoa.* Trad. de Adolfo Casais Monteiro e Jorge de Sena, acompanhado do texto original inglês. S. Paulo: Clube de Poesia, 1954.

- Análise da Vida Mental Portuguesa.* Ensaio crítico. 1.^a ed., Porto: Edições Cultura, s.d. (Coleção "Universo").
- Antinous.* Lisboa, Monteiro & Co., 1918.
- Antologia de Poetas Portugueses Modernos.* Em colaboração com António Botto. Coimbra: Nobel, s.d.
- Apologia do Paganismo.* Porto: Editorial Cultura, s.d.
- Apreciações Literárias: Bosquejos e Esquemas Críticos.* Porto: Edições Cultura, 1951.
- Aviso por Causa da Moral.* Lisboa: Tip. Anuário Comercial, 1923.
- Cartas a Armando Cortes-Rodrigues.* Introd. por Joel Serrão, 2.^a ed. Lisboa: Inquérito, s.d.
- Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões.* Introdução, apêndice e notas do destinatário. Lisboa: Publicações Europa-América, 1957.
- Crônicas Intemporais.* Seleção e comentários de Petrus. Porto, C. E. P., (Coleção "Tendências").
- Defesa da Maçonaria: Documentos para a História.* Orientação de Petrus. Porto: C. E. P., s.d.
- Distância Constelada.* Porto, Parnasso, Jardim de Poesia, s.d.
- Elogio de Indisciplina e Poemas Insubmissos.* Porto: C. E. P.; s.d.
- English Poems I-II.* Lisboa: Olisipo, 1921.
- Exórdio em Prol da Filantropia e da Educação Física.* Porto: Editorial Cultura, s.d.
- Fernando Pessoa.* Seleção e prefácio de Eduardo Freitas da Costa. Lisboa: Edições Panorama (S.N.I.), 1960.
- Hiram: As Associações Secretas.* Seleção de Petrus. Porto: Editorial Cultura, s.d.
- Interregno: Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal.* Lisboa: 1928 (Manifesto do Núcleo de Ação Nacional).
- Mar Português: Dose Poemas de Fernando Pessoa.* Edição gratuita oferecida aos alunos das escolas de Macau em 28 de maio de 1936, Edições Propaganda, n.º 1.
- Mensagem.* Lisboa: Edições Ática, 1954.
- Mensagem.* Lisboa: Parceria Pereira, Editorial Império, 1934.

“A Nossa Crise: seus Aspectos, Político, Moral e Intelectual”. Nota de Álvaro Bordalo, in *Portucalé* “Cadernos das Nove Musas”, Porto: 1950 (folheto, reedita a entrevista concedida por Fernando Pessoa à *Revista Portuguesa*, de Vitor Falcão, n.ºs 23-24, 13 out. 1923).

A Nova Poesia Portuguesa. Prefácio de Álvaro Ribeiro. Lisboa: Editorial Inquérito, 1944.

Obra Poética. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Dores Galhoz. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda., 1960.

Obra Poética. 2.ª ed. Org., introd. e notas de Maria Aliete Dores Galhoz. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda., 1965.

Odes de Ricardo Reis. Lisboa: Edições Ática, 1952.

“Oito Poemas Ingleses Inéditos de Fernando Pessoa”, comentados por Georg Rudolf Lind e em versão portuguesa de Paulo Quintela. Separata da *Revista Ocidente*, Vol. LXXIV, 1968.

Orpheu. Reedição do vol. I. Lisboa: Edições Ática, 1959.

Páginas de Doutrina Estética. Seleção, prefácio e notas de Jorge de Sena. Lisboa: Inquérito, 1946.

Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literária. Textos estabelecidos e prefaciados por: Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Edições Ática, 1966.

Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Edições Ática, 1966.

Poemas de Alberto Caetano. Lisboa: Edições Ática, 1958.

Poemas Inéditos Destinados ao n.º 3 do “Orfeu”. Prefácio de Adolfo Casais Monteiro. Lisboa: Inquérito, 1953.

Poemas Ocultistas. Seleção e glosa de Petrus. Porto: C.E.P., s.d.

Poesias. Lisboa: Edições Ática, 1958.

Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Edições Ática, 1958.

Poesias Inéditas: (1930-1935). Lisboa: Edições Ática, 1955.

Poesias Inéditas: (1919-1930). Lisboa: Edições Ática, 1956.

“O Preconceito da Ordem”. Nota de Álvaro Bordalo. *Portucalé*. Porto: 1949 (folheto, reedita o artigo publicado pelo autor em *El Real*).

“O ‘Orpheu’ e a Literatura Portuguesa.” Trad. de Tomás Kim. Em *Tricórnio*. Lisboa: 1953.

- Quadras Populares*. Org. de Georg Rudolf Lind. Lisboa: Edições Ática, 1965.
- Regresso ao Sebastianismo*. Seleção de Petrus. Porto, s.d.
- “Seis Sonetos Inéditos de Fernando Pessoa”. Apresentação de Carlos Celestino Corado. Em *Colóquio*, Revista de Artes e Letras, n.º 13, Maio de 1961, p. 40.
- Sobre um Manifesto de Estudantes*. Lisboa: Tip. Anuário Comercial, 1923.
- Sociologia do Comércio*. Notas e postfácio de Petrus. Porto: C. E. P., s.d.
- Songs*. Botto, A. Transl. de Fernando Pessoa, 1948.
- Textos Filosóficos*. Estabelecidos e prefaciados por António Pina Coelho. Lisboa: Edições Ática, 1968.
- 35 *Sonnets*. Lisboa: Monteiro & Co., 1918.
- “Vinte Cartas de Fernando Pessoa”. Notas de Álvaro Pinto. Em *Ocidente*. Vol. XXIV, n.º 80, 1944.

II. Sobre Fernando Pessoa:

- ALMEIDA, Luís Pedro Moitinho de. *Algumas Notas Biográficas sobre Fernando Pessoa*. Setúbal: 1954.
- “Fernando Pessoa e a Magia.” Separata do *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*. Lisboa: n.º 12, 1959, p. 13.
- ANTUNES, Manuel. “O Platonismo de Fernando Pessoa”, em *Brotéria*, vol. LXXVII, n.º 2, pp. 137-148.
- BERARDINELLI, Cleonice. “Observações sobre a língua poética de Fernando Pessoa”. Em *Ibérica* Revista de Filologia. Rio de Janeiro, n.º 1, Abril, 1959.
- *Poesia e Poética de Fernando Pessoa*. (Tese de Concurso à Docência da Cadeira de Literatura Portuguesa da Faculdade Nacional de Filosofia). Rio de Janeiro: 1958 (policopiado).
- BIDERMAN, Sol. “Mount Abiegnos and the Masks: Occult Imagery in Yeats and Pessoa”, em *Luzo-Brazilian Review*, pp. 59-74, V, N.º 1, June, 1968.
- BURNSHAW, Stanley. *The Poem Itself*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1960, pp. 198-200.

- CAMPBELL, Roy. *Collected Poems*. Vol. 1, 2, 3. London: The Bodley Head, 1959.
- CANIZAL, Eduardo Peñuela. *A Poesia de Fernando Pessoa: Convergência de Perspectivas em Evolução*. São José do Rio Preto: Edições Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, 1964.
- CARPEAUX, Otto Maria. "A Posição de Pessoa", in "Suplemento Literário" d'O Estado de São Paulo. São Paulo: 10 de dezembro de 1966, ano XI, n.º 32.
- CIDADE, Hernani. *O Conceito de Poesia como Expressão da Cultura*. São Paulo: Saraiva & Co., Editores, 1946.
- COBEIRA, Antonio. "Fernando Pessoa Vulgo o 'Pessoa' e a Sua Ironia Transcedente", in *Estrada Larga: Antologia do Supl. "Cultura e Arte" de O Comércio do Porto*. Ed. Costa Barreto. Porto: Editora Porto, s.d., pp. 166-171.
- COELHO, A. de Pina. "Algumas Peças de Ficção Ainda Inéditas de Fernando Pessoa". *Brotéria*. Val. LXXXIII, N.º 10. Lisboa: outubro. 1966, pp. 332-343.
- COELHO, Jacinto do Prado. "A Obsessão Temática em Fernando Pessoa", in *Estrada Larga: Antologia do Supl. "Cultura e Arte" de O Comércio do Porto*. Ed. Costa Barreto. Porto: Editora Porto, s.d., pp. 207-211.
- "Notas à Margem de Fernando Pessoa", in *Ocidente*, vol. LXIV, 64, 1963.
- *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. 2.a ed. refundida e acrescentada. Lisboa: Editorial Verbo, 1963.
- Prefácio a *Quadras Populares*. Lisboa: Ática, 1965.
- "O Nacionalismo Utópico de Fernando Pessoa", in *Colóquio: Revista de Artes e Letras*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, n.º 31, dezembro de 1964, pp. 53-57.
- CORTEX, François. "Um Inédito de Fernando Pessoa", em *Colóquio*, Revista de Artes e Letras, N.º 48, Abril de 1968, pp. 59-61.
- COSTA, Eduardo Freitas da. *Fernando Pessoa: Notas a uma Biografia Romaneada*. Lisboa: Guimarães e Cia. Editores, 1951.
- FERREIRA, Vergílio. "Carta a Álvaro Sampaio sobre Fernando Pessoa", em *Vértice*, novembro 1951, p. 537.
- FRANÇA, José Augusto. "O Retrato de Fernando Pessoa", em *Estrada Larga: Antologia do Supl. "Cultura e Arte" de O Comércio do Porto*. Ed. Costa Barreto. Porto: Editora Porto, s.d., pp. 212-216.

- GALHOZ, Maria Aliete Dorez. "Introdução", em *Fernando Pessoa: Obra Poética*. Org. introd. e notas de Maria Aliete Dorez Galhoz. Rio de Janeiro: Editora Aguilar Ltda., 1960.
- "O Momento Poético do Orpheu", em *Orpheu*, redição do 1.º n.º. Lisboa: Edições Ática, 1959.
- GUIBERT, Armand. *Fernando Pessoa*. Apresentação, escolha de textos, bibliografia, fotografias e fac-símiles por Armand Guibert. Paris: Editions Pierre Seguers, 1960. ("Poètes d'aujourd'hui", vol. 73).
- "Interferências anglo-sajonas en la vida y en la obra de Fernando Pessoa", em *Armas y Letras*. Revista de la Universidade de Nuevo Leon, N.º 2 (june, 1963), 2.ª época, pp. 57-63.
- HOURCADE, Pierre. "Descubrimiento de Fernando Pessoa". *Armas y Letras*. Junho, 1963, pp. 37-56.
- JENNINGS, Hubert D. "Aspectos da Vida de Fernando Pessoa na África do Sul", in *O Século*, 31 de agosto de 1968.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *Fernando Pessoa o Outro*. São Paulo: Comissão Estadual de Cultura, 1967.
- L., C.. "Fernando Pessoa Tradutor e Astrólogo", in *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*, n.º 10, janeiro de 1959, pp. 16-19.
- LEY, Charles David. "A Inglaterra e os Escritores Portugueses", in *Seara Nova*. Lisboa: vol. XVIII, 15 de julho de 1939, pp. 63, 89 e 112.
- "Introdução aos Poemas de Fernando Pessoa", in *Seara Nova*. Lisboa: vol. XVIII, 16 de setembro de 1939, n.º 631.
- LIND, Georg Rudolf. "Auf der Suche nach dem Verlorenen ich: Fernando Pessoa", in *Humboldt*. Hamburgo: Editora Ubersee-Verlag, n.º 10, ano 4, 1964, pp. 12-18.
- "Der vierfache Dichter", in *Literatur*, suplemento de *Christ und Welt*, n.º 24, vol. XVII, 12 de junho de 1964, p. 23.
- *Descobertas no Espólio de Fernando Pessoa*. Revista *Ocidente*. Vol. LXX, pp. 57-62.
- "Elementos Ocultistas na Poesia de Fernando Pessoa", in *Colóquio*, Revista de Artes e Letras, N.º 37, fevereiro de 1966, pp. 60-63.
- "Ofélia: A Musa de um Poeta Sem Fronteiras", in *Jornal de Portugal*, 11 de fevereiro de 1966.
- "3 'Poemas Ingleses' e um Espólio por Revalor", in "Suplemento Literário" de *Diário de Lisboa*, N.º 509, 2 de maio de 1968.

- “Traduzindo Fernando Pessoa”. Separata da rev. *Ocidente*. Lisboa: vol. LXII, 1962.
- LISTOPAD, Georges. “Algumas Reflexões: A Moderna Poesia Portuguesa e a Tradição”, in rev. *Colóquio*. Lisboa: n.º 11, dezembro, 1960.
- LOPES, Francisco Fernandes. “Duas Cartas Inéditas de Fernando Pessoa”, in *Seara Nova*, 7 de novembro de 1942.
- LOPES, Maria Tereza Rita. “Pessoa e Sá-Carneiro: Itinerário de um Percorso Estético em Comum”, in *Colóquio*, Revista de Letras e Artes, N.º 48, abril de 1968.
- LOPES, Oscar. “Fernando Pessoa, um Momento de Consciência”, in *Estrada Larga: Antologia do Supl. “Cultura e Arte” de O Comércio do Porto*. Ed. Costa Barreto, Porto: Editora Porto, s.d., pp. 178-182.
- “A Propósito de Fernando Pessoa”, in *Vértice*, n.º 90, fevereiro de 1951, (crítica ao livro de Gaspar Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa*).
- LOURENÇO, Eduardo. “‘Orpheu’ ou a Poesia como Realidade”, in *Tetracórnio*, fevereiro de 1955, pp. 27-40.
- “‘Presença’ ou a Contra-Revolução do Modernismo”, in *Revista do Livro*, pp. 23-24, julho-dezembro, 1961, p. 67. *Estrada Larga*: 3, organização de Costa Barreto. 1963, pp. 238-251.
- MARGARIDO, Alfredo. “Fernando Pessoa e os Poetas Espanhóis”, in “Vida Literária”, supl. do *Diário de Lisboa*, n.º 90, 14 de abril de 1960.
- “Ainda Fernando Pessoa e Lautréamont”, in “Vida Literária”, supl. do *Diário de Lisboa*, 3 de março de 1960.
- “A Influência de Lautréamont em Fernando Pessoa”, in “Vida Literária”, supl. d’O *Diário de Lisboa*, n.º 85, 10 de março de 1960, p. 17.
- “Wordsworth e Fernando Pessoa”, in “Vida Literária”, supl. do *Diário de Lisboa*, n.º 112, 15 de setembro de 1960, p. 17.
- MARTINS, Maria Vitalina Maymone. *A Vivência do Tempo em Fernando Pessoa*. (tese policopiada para licenciatura em Filologia Românica da Faculdade de Letras), Lisboa: outubro de 1963.
- MENDES, João. “Fernando Pessoa e a Crítica de Monteiro”, in *Brotéria*, 58 (2): 205-9, fev. 1954.
- “Fernando Pessoa e seus Heterônimos”, in *Brotéria*, (47) 1948, p. 330.
- MIRANDA, Vasco. “Dois decênios de Poesia”, in *Estrada Larga*: 3: *Antologia do supl. “Cultura e Arte” de O Comércio do Porto*, org. de Costa Barreto. Porto, Editora Porto, 1963, p. 228.

- MOISÉS, Massaud. *Fernando Pessoa; Aspectos de Sua Problemática*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1958.
- *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1959.
- “Uma Reflexão Heterodoxa Acerca de Fernando Pessoa”, in *Colóquio*, n.º 20, outubro de 1962.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. “Essência e Forma em Fernando Pessoa”, in “Suplemento Literário” de *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 17 de novembro de 1956, ano 1.º, n.º 6.
- *Estudos Sobre a Poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1958.
- “Fernando Pessoa e Ezra Pound”, in “Suplemento Literário” de *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 25 de maio de 1957, ano 1.º, n.º 32.
- “Fernando Pessoa, entre o Passado e o Presente”, in *Estrada Larga: Antologia do Supl. “Cultura e Arte” de O Comércio do Porto*. Ed. Costa Barreto. Porto: Editora Porto, s.d., pp. 183-186.
- “La Generación de Orpheu”. *Armas y Letras*. julho, 1963, pp. 7-19.
- “A “Obra Poética” de Fernando Pessoa”, in “Suplemento Literário” d’*O Estado de São Paulo*, 16 de julho de 1960, p. 8.
- “Prefácio”, *Fernando Pessoa: Poesia*. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1957. (Coleção Nossos Clássicos).
- e SENA, Jorge de. “Os 35 Sonnets”, in *Estrada Larga: Antologia do Supl. “Cultura e Arte” de O Comércio do Porto*. Ed. Costa Barreto. Porto: Editora Porto. s.d., pp. 198-200.
- “Introdução”, *Antologia de Autores Portugueses e Estrangeiros: Fernando Pessoa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1942.
- “Dedução Biográfica e Verdade Poética” in *Estrada Larga: Antologia do Supl. “Cultura e Arte” de O Comércio do Porto*. Ed. Costa Barreto. Porto: Editora Porto, s.d., pp. 172-177.
- *Poemas Inéditos Destinados ao n.º 3 de “Orpheu”*. Prefácio de Adolfo Casais Monteiro e um retrato inédito de Rodrigues Castañé. Lisboa: Inquérito, 1953.
- MONTEIRO, Maria Encarnação. *Incidências Inglesas na Poesia de Fernando Pessoa*. Coimbra: Coimbra Editora Ltda., 1956.
- MOURÃO-FERREIRA, David. *Hospital das Letras*. Lisboa: Guimarães Editores, 1966.
- NAMORADO, Egídio. *Uma Leitura de Fernando Pessoa*, in *Vértice*, pp. 831-50.

- NEVES, João Alves das. *Fernando Pessoa*. São Paulo. Editora Íris, s.d.
- “Fernando Pessoa e o Mago Crowley”, in “Suplemento Literário” de *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 16 de março de 1963, ano 7.º, n.º 322.
- “Fernando Pessoa e o Nacionalismo”, in *Temas Luso-Brasileiros*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1963, p. 32.
- “Modernismo em Portugal e no Brasil”, in *Temas Luso-Brasileiro*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1963, p. 23.
- NUNES, Benedito. “A Prosa de Fernando Pessoa”, in “Suplemento Literário d’*O Estado de São Paulo*”. São Paulo: 1 de outubro de 1966, ano X, N.º 497.
- “O Ocultismo na Poesia de Fernando Pessoa”, in “Suplemento Literário d’*O Estado de São Paulo*”. São Paulo: 27 de outubro de 1966, ano XI, n.º 500.
- “Páginas Íntimas de Pessoa”, in “Suplemento Literário d’*O Estado de São Paulo*”. São Paulo: 14 de janeiro de 1967, ano XI, N.º 511.
- “Paradoxo e Verdade”, in “Suplemento Literário” d’*O Estado de São Paulo*. São Paulo: 12 de novembro de 1966, ano XI, N.º 503.
- “Psicologia da Criação”, in “Suplemento Literário d’*O Estado de São Paulo*”. São Paulo: 25 de fevereiro de 1967, ano XI, N.º 517.
- “Textos Filosóficos de Fernando Pessoa”, in “Suplemento d’*O Estado de São Paulo*”. São Paulo: 10 de agosto de 1968, ano XII, N.º 589.
- OLIVEIRA, Zacarias. “O Problema Religioso em Fernando Pessoa”, in *Estudos*, Revista de Cultura e Formação Católica. Vol. IV, n.º 396, abril de 1961, pp. 223-241.
- PADILLA, Hugo. “La Antimetáfora de Alberto Caeiro”, in *Armas y Letras*, junho, 1963, pp. 64-69.
- PAZ, Octavio. *Fernando Pessoa: Antologia*. Selección, traducción y prólogo de Octavio Paz. Universidad Nacional Autónoma de México. México, 1962.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. “Reflexos Horacianos nas Odes de Correia Garção e Fernando Pessoa (Ricardo Reis)”, in *Portugale*, n.º 25-27, janeiro-junho de 1950, p. 53 (comunicação apresentada em 3-III-1950 ao Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto).
- “Sôbre uma Ode de Ricardo Reis”, in *Praça Nova*. Porto: (7): p. 8, dez. 1962.

- PIMENTEL, Osmar. "Experiência em Poesia", in "Suplemento Literário" d'O Estado de São Paulo São Paulo: 4 de fevereiro de 1967, ano XI, N.º 514.
- PINTO, Alvaro. "Comentário às Vinte Cartas de Fernando Pessoa", in *Ocidente*, Lisboa: n.º XXIV, dezembro de 1944.
- QUADROS, Antonio. *Fernando Pessoa*. Lisboa: Editora Arcádia. 1960.
- QUEIRÓS, Carlos. *Homenagem a Fernando Pessoa com os Excertos das suas Cartas de Amor e um Retrato por Almada*. Coimbra: Edições Presença, 1963.
- QUINTANILHA, F. E. G. "Fernando Pessoa e o 'Livro do Desassossêgo'". Separata da Revista *Ocidente*. Vol. LXXXV, 1968.
- RAMALHO, A. da Costa. "Fernando Pessoa e o *Times* de Londres", in *Revista de História Literária de Portugal*. Coimbra: Coimbra Editora Ltda., 1962, pp. 281-282.
- "Demogórgon em Fernando Pessoa", in *Panorama*, n.º 5 (março 1963), IV série. Edição do Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo.
- "Fernando Pessoa, Portugal's Greatest Modern Poet", in *Portuguese Essays*. Lisboa: National Secretariat for Information, s.d. 1963.
- "O Globo Mundo em Sua Mão", in *Colóquio*, n.º 17 (fevereiro, 1962), pp. 60-62.
- "A Propósito de Fernando Pessoa". Separata de *Humanitas*. Vol. X da nova série (vol. XIII da série contínua). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra — Instituto de Estudos Clássicos, 1961.
- RODITI, Edouard. "A Máscara Inglesa de Fernando Pessoa", in *Lusitana*, vol. II, n.º 6 (dezembro, 1954), pp. 89-93.
- "The Several Names of Fernando Pessoa", in *Poetry*. Vol. 87 (outubro, 1955), pp. 40-4.
- SAA, Mário. "A Invasão dos Judeus", in *Hyram*. Porto: Edição Cultura, s.d., p. 187.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Cartas a Fernando Pessoa*. 2 vols. Lisboa: Edições Ática, 1959.
- SACRAMENTO, Mário. *Fernando Pessoa, Poeta da Hora Absurda*. Lisboa: Grafitécnica Alvalade, s.d., 1959.
- "Introdução às Condições Negativas de Uma Reconciliação com Fernando Pessoa", in *Vértice*. Vol. 12, n.º 108 (agosto, 1952), p. 393.

- SAMPAIO, Álvaro. "Conversa com Maurício sobre Fernando Pessoa", in *Vértice*. novembro, 1951, p. 495.
- SAMPAYO, Nuno de. "O Tema da Complexidade nas *Poesias* de Álvaro de Campos", in *Rumo*, IV, 37 (março, 1960).
- SANCHEZ, Arturo. "‘Tabaqueria’ de Fernando Pessoa", in *Armas y Letras*, Ano 6, n.º 2, junho, -963., pp. 70-77.
- SARAIVA, Antonio José. *História da Literatura Portuguesa*. 4.ª edição. Public. Europa-América (Coleção Saber), 1957, pp. 157-158.
- SENA, Jorge de. "‘Inscriptions’ de Fernando Pessoa: Algumas Notas para Sua Compreensão", in *Estrada Larga: Antologia do Supl. ‘Cultura e Arte’ de O Comércio do Porto*, ed. Costa Barreto. Porto: Editora Porto, s.d., pp. 187-191.
- "Fernando Pessoa e a Literatura Inglesa", in *Estrada Larga: Antologia do Supl. ‘Cultura e Arte’ de O Comércio do Porto*. ed. Costa Barreto. Porto: Editora Porto, s.d., pp. 192-197.
- "Pessoa e a Besta", in "Suplemento Literário" de *O Estado de São Paulo*. São Paulo: Vol. 7. N.º 224 (30 de março, 1963), p. 3.
- *Da Poesia Portuguesa*. Lisboa: Edições Ática, 1959.
- *O Poeta é um Fingidor*. Lisboa: Edições Ática, 1961.
- e Monteiro, A. Casais. "21 dos ‘35 Sonnets’ de Fernando Pessoa". Apresentação de Jorge de Sena. Revista *Alfa* (no prelo).
- *A Literatura Inglesa*. São Paulo: Editora Cultrix, 1963.
- "Introdução". *Páginas de Doutrina Estética*. Lisboa: Editorial "Inquérito" Ltda., 1946.
- SERRÃO, Joel. "A Vivência do Tédio na Poesia de Fernando Pessoa", in "Cultura e Arte", página literária de *O Comércio do Porto*, 28-11-1961, 28-III-1961, 25-IV-1961, 9-V-1961 e 23-V-1961.
- SEVERINO, Alexandrino E. "Algo de Novo Acerca de Fernando Pessoa", in *Colóquio*, Revista de Artes e Letras, N.º 36.
- SILVA, Agostinho. *Um Fernando Pessoa*. Lisboa: Guimarães Editores, 1959. Cf. Pôrto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1959.
- (ed.) *As Folhas Soltas de S. Bento e Outras*. Nos. 2 e 3. Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica Editora, 1965 (contém artigo de Antonio Augusto de Botelho Mourão intitulado "Outra Vez Fernando Pessoa").
- SIMÕES, João Gaspar. Introdução, apêndice e notas. *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1957.

- *Fernando Pessoa: Escorço Interpretativo de Sua Vida e Obra*. Lisboa: Inquérito, s.d.
- *História do Movimento da "Presença"*. Coimbra. Atlântida, s.d.
- *Itinerário Histórico da Poesia Portuguesa*. Lisboa: Editora Arcádia, 1964.
- *Literatura, Literatura, Literatura: De Sá de Miranda ao Concretismo Brasileiro*. Lisboa: Portugália Editôra, 1964.
- *O Mistério da Poesia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.
- *Novos Temas*, Lisboa: 1938.
- "Mais Uma Interpretação de Fernando Pessoa", in "Suplemento Literário" d'O Estado de São Paulo. Ano segundo, n.º 58 (30 de novembro de 1964, p. 3.
- "O Ocultismo de Fernando Pessoa", in "Suplemento Literário" d'O Estado de São Paulo, 14 de novembro de 1964, p. 3.
- *Vida e Obra de Fernando Pessoa: História duma Geração*. 2 vols. Lisboa: Livraria Bertrand, 1951.
- SPINA, Segismundo. "O Itinerário de Álvaro de Campos", in *Da Idade Média e Outras Idades*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura: Comissão de Literatura, 1964, pp. 27-38.
- TALEGRE, Mar. *Três Poetas Europeus: Camões, Bocage, Pessoa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1947.
- UVA, Alberto. "A Presença de Whitman em Álvaro de Campos", in *Estrada Larga: Antologia do Supl. "Cultura e Arte" de O Comércio do Porto*. Ed. Costa Barreto. Porto: Editora Porto, s.d., pp. 201-206.

III. Obras Gerais :

- ADDISON & Steele and others. *The Spectator*. Editado por Gregory Smith. J. M. Dent & Sons Ltd., 1958.
- AUDEN, W. H. e Pearson, Norman Holmes (eds.). *Poets of the English Language*. 5 vols. New York: The Viking Press, 1950.
- BATHO, Edith C. e Dobrée Bonamy. *The Victorians and After*. 2.a ed. London: The Cresset Press, 1950.
- BAUGH, Albert C. *A History of the English Language*. New York: Appleton-Century-Crafts, Inc.. 1957.

- BROOKS, Cleanth. *Modern Poetry and the Tradition*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1939.
- *The Well Wrought Urn*. New York: Harcourt, Brace & World, Inc., 1947.
- BUSH, Douglas. *English Literature in the Earlier Seventeenth Century*. London: Oxford University Press, 1952.
- CAMPBELL, Roy. *Portugal*. London: Max Reinhart, 1957.
- CARLYLE, Thomas. *An Anthology*. London: Longmans, Green and Co., 1953.
- *On Heroes and Heroism and the Heroic in History*. London: Oxford University Press, 1959.
- *Past and Present*. London: Chapman and Hall, 1843.
- CHESTERTON, G. K. *The Victorian Age in Literature*. London: Oxford University Press, 1955.
- CHURCHILL, Winston S. *The Great Democracies*. Vol. IV de *A History of the English Speaking Peoples*. London: Cassel & Co., Ltd., s.d.
- CLARK, M. L. *Classical Education in Britain: 1500-1900*. Cambridge: The University Press, 1959.
- COELHO, Jacinto do Prado. *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Brasileira e Galega*. Lisboa: Biblioteca Luso-Brasileira Ltda., s.d.
- COLE, Monica M. *South Africa*. London: Methuen and Co., Ltda., 1961.
- Complete Poetry and Selected Prose of John Milton*. Introdução de Cleanth Brooks, New York: Random House, Inc., 1950.
- DAVIES, Hugh Sykes. *The Poets and Their Critics*. London: Hutchinson Educational, Ltd., 1960.
- DICKENS, Charles. *The Posthumous Papers of The Pickwick Club*. London: Oxford University Press, s.d.
- DOBREE, Bonamy. *English Literature in the Early Eighteenth Century*. London: Oxford University Press, 1959.
- DOREN, Mark Van. *Shakespeare*. New York: Doubleday & Company, 1955.
- L'Education dans le Monde: Organisation et Statistique*. Paris: Unesco, 1955.
- ELIOT, T. S. *On Poetry and Poets*. New York: Farrar, Straus and Cudahy, 1957.
- *The Sacred Wood*. London: Methuen, 1960.

- FITZGERALD, Walter. *Africa: a Social, Economic and Political Geography of its Major Regions*. London: Methuen & Co., Ltd., 1952.
- GOOD, Carter V. (ed.). *Dictionary of Education*. 2.a ed. New York: McGraw-Hill Book Company, Inc., 1959.
- HANS, Nicholas. *Educação Comparada*. Tradução de José Severo de Carmargo Pereira. São Paulo: Companhia Editôra Nacional, 1961.
- HARVEY, Paul (ed.). *The Oxford Companion to Classical Literature*. Oxford: Claredon Press, 1959.
- HIGHET, Gilbert. *The Classical Tradition*. New York: Oxford University Press, 1957.
- HILLYER, Robert. *In Pursuit of Poetry*. New York: Toronto, London: McGraw-Hill Book Company, Inc., 1960.
- HOLLOWAY, John. *The Victorian Sage*. London: Archon Book, 1962.
- HUTCHINSON, Thomas (ed.). *The Complete Poetical Works of Percy Bysshe Shelley: 1792-1822*. London: Oxford University Press, 1952.
- JENNINGS, H. D. *The D. H. S. Story: 1866-1966*. Durban: Brown, Davis and Platt, 1966.
- "Writing the School History", *The Bulletin*, n.º 171, Durban: The Old Boys Club, 1965. pp. 8-10.
- LATTIMORE, Richard (trad.) *The Odes of Pindar*. Chicago-London: The University of Chicago Press, 1966.
- LEADBEATER, C. W. *Compêndio de Teosofia*. Tradução de Fernando Pessoa. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1921.
- LEAVIS, F. R. *Revaluation: Tradition & Development in English Poetry*. Penguin Books, 1964.
- LOWES, John Livingston. *The Road to Xanadu: a Study in the Ways of the Imagination*. New York: Vintage Books, 1959.
- MOCHLMAN, Arthur Henry e Roucek, Joseph S. (eds.). *Comparative Education*. New York: Henry Holt & Co. Inc., 1951.
- MUIR, Kenneth. *John Milton*. 2.a ed. London: Longmans, 1960.
- NEMESIO, Jorge. *A Obra Poética de Fernando Pessoa*. Bahia: Livraria Progresso Editora, s.d.
- O'CONNOR, W. M. Van. *Sense and Sensibility in Modern Poetry*. Chicago: The University of Chicago Press, 1948.
- Os Modernistas Portugueses*. Coordenados por Petrus. Porto, s.d.

- PALGRAVE, Francis Turner. *The Golden Treasury*. London: Macmillan and Co., Ltd., 1898.
- PARROT, Thomas Marc. *Shakespeare: Twenty-Three Plays and the Sonnets*. New York: Scribner's & Sons, 1951.
- SPENCER, Hazelton, Houghton, Walter E. e Barrows, Herbert (eds.). *British Literature: from Blake to the Present Day*. Boston: Heath & Co., 1952.
- SPENCER, Theodore. *Shakespeare and the Nature of Man*. 2.a ed. New York: The Macmillan Company, 1961.
- STEIN, Arnold. *Answerable Style*. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 1953.
- SYMONDS, John. *The Great Beast: The Life of Aleister Crowley*. London, 1952.
- THRALL, William Flint e Hibbard, Addison. *A Handbook to Literature*. New York: The Odissey Press, 1960.
- TILLYARD, E. M. W. *Shakespeare's History Play*. New York: The Macmillan Company, 1946.
- WALILBANK, T. Walter e Taylor, Alastir M. *Civilization: Past and Present*. Chicago: Scott, Foresman & Co., 1949.
- WARD, A. W. e Waller, A. R. *Cavalier and Puritan*. Vol. VII da *The Cambridge History of English Literature*. Cambridge: At the University Press, 1951.
- *From Steele and Addison to Pope and Swift*. Vol. IX da *The Cambridge History of English Literature*, Cambridge: At the University Press, 1952.
- *The Nineteenth Century II*. Vol. XIII da *The Cambridge History of English Literature*. Cambridge: At the University Press, 1953.
- WELLINGTON, John H. *Economic and Human Geography*. Vol. II de *Southern Africa: a Geographical Study*, Cambridge: At the University Press, 1955.
- WILSON, Edmund. *Raízes da Criação Literária*. Tradução de Edilson Alkmim Cunha. 2.a ed. Rio de Janeiro: Editora Lidorador Ltda., 1959.